

Cronologia de reportagens no jornal Hora H

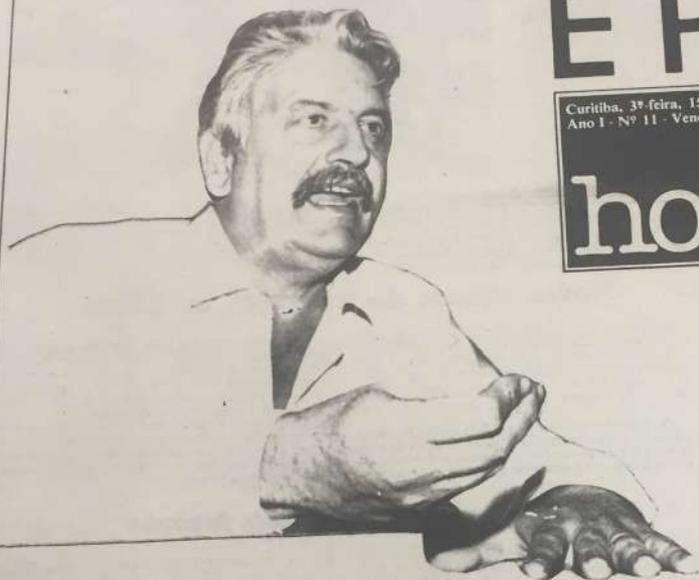
38 edições analisadas de abril a dezembro de 1996.

Hora H #1 - 14/04 a 21/04/1996

Primeira edição do semanário, sem menção ao Caso Evandro. o Jornal era um caderno do Correio de Notícias. As últimas edições do caderno na BPP são de 1988, havendo possivelmente um hiato até que o Hora H surgisse como publicação independente. O jornal é um tablóide de linha liberal e apelo ao público feminino, com testes, resumos de novelas, colunas e pautas sobre sexo e outros temas nessa linha. Também traz um panorama político e econômico e entrevistas. Luiz Geraldo Mazza, José Wilker e Fábio Campana e outras figuras notórias aparecem como colunistas.

Hora H como caderno do Correio de Notícias. 15/11/1988.

QUEM MORRE NA VÉSPERA É PERU



Curitiba, 3ª-feira, 15/11/88
Ano I - Nº 11 - Venda proibida

hora **H**

Maurício Fruet, candidato a prefeito de Curitiba, não fugiu à rotina, ontem. Manteve o pique dos últimos meses e mergulhou na campanha corpo-a-corpo. Como Fruet sempre diz, "só peru morre na véspera". Terminada a campanha, resta esperar a voz soberana das urnas, com uma certeza: Maurício Fruet mantém a coerência política e acrescenta a sua vasta folha de serviços à democracia mais uma jornada ao lado do povo, dos menos favorecidos, dos pobres, esquecidos e humilhados. Desafiando poderosos, grandes interesses. Com a coragem e a altivez próprias daqueles que combateram e venceram a ditadura.

*Os companheiros
e editores da hora H.*

Parte integrante da edição de número 143 do Correio de Notícias.

Hora H #2 - 22/04 a 28/04/1996

Sem menção ao caso.

Hora H #3 - 29/04 a 05/05/1996

Sem menção.

Hora H #4 - de 06/05 a 12/05/1996

Sem menção.

Hora H #5 - Edição em falta no acervo ou removida.

Hora H #6 - de 20/05 a 26/05/1996

Sem menção.

Hora H #7 - de 27/05 a 02/06/1996

Matéria repercutindo o desaparecimento de crianças, como o de Guilherme mas que não é assinada pela Vânia ou não é de sua autoria.

semanA

CRIANÇAS DESAPARECIDAS

Guilherme: primeira foto de rosto envelhecido

Antes: Guilherme aos oito anos de idade



Depois: Guilherme aos treze anos de idade



Fotos na Globo

A Globo voltará a divulgar fotos de crianças desaparecidas a partir desta semana. Alguns intervalos comerciais serão preenchidos com módulos de meio minuto, introduzidos pelo selo "Globo Serviço", onde haverá, no mínimo, seis fotografias.

O Centro Brasileiro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente fornecerá os retratos e se as imagens estiverem muito velhas, a Globo vai recuperá-las no computador. A emissora fechará os módulos com um par de telefones: (021) 220-9903 e (021) 220-9009. É para lá que deve ligar quem reconhecer os desaparecidos.

Dentro do "Projeto Envelhecimento", o Instituto de Criminalística do Paraná apresentou, na semana passada, a primeira fotografia envelhecida em computador de menor desaparecido no país. É o criança que vem inaugurar o projeto é o menino paranaense Guilherme Caramês Tiburtius.

O trabalho ocupou a equipe do perito Roberval Coutinho durante três meses. A foto envelhecida de Guilherme foi aprovada pela mãe dele, Arlete Caramês. "Os olhos, a boca e o nariz mantêm os mesmos traços da família", garantiu. Ela afirma que tem "suas esperanças renovadas para reencontrar o filho", desaparecido em 17 de junho de 1991, aos oito anos de idade e que agora teria 13.

A equipe de peritos começa agora a trabalhar na foto do pequeno Ewerton de Lima Gonçalves, que sumiu no dia 23 de dezembro de 1988, em Curitiba, quando tinha apenas quatro anos de idade.

O secretário de Estado da Segurança Pública assegurou que todas as crianças desaparecidas no Paraná terão suas fotos envelhecidas sob o mesmo processo. "Basta que os pais e familiares forneçam fotos e detalhes para o trabalho", apelou.

Globo desperta interesse para problemas sociais

Vinte e seis das 70 crianças desaparecidas que a novela "Explode Coração", da Rede Globo, ajudou a localizar saíram de casa por conta própria. Escolheram viver nas ruas por que apanhavam dos pais ou parentes. Pelo menos uma delas, o carioca D.S.M., de 11 anos, não quer retornar a família. Prefere continuar sob os cuidados da Associação Beneficente São Martinho, em Santa Tereza, região central do Rio de Janeiro. "Por aqui é melhor porque fico livre das sovas", disse.

Na novela de Glória Perez, o menino Gugu (Luiz Cláudio Jr.) não desapareceu em função de pancadarias domésticas, mas foi raptado por pés-de-chinelo que pretendiam vendê-lo para um casal de estrangeiros. Casos assim também ocorrem longe das câmeras, mas com frequência bem menor: dos 70 menores encontrados, apenas cinco sofreram rapto. O levantamento, inédito no país, e de uma organização não-governamental, o Centro Brasileiro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, entidade que coordenou a campanha de "Explode Coração".

Lógico que por trás das campanhas existem interesses de marketing. A Globo sabe que, assumindo tarefas tidas tradicionalmente como do Estado, pode atrair a simpatia dos telespectadores e do próprio Estado. Mas não há dúvidas, porém, de que a bandeira levantada por "Explode Coração" também contribuiu para chamar a atenção sobre dois fatos sociais quase desconhecidos do grande público: o desaparecimento de crianças e o porquê dos sumiços.

Violência familiar é o próximo tema da Globo

O levantamento, embora numericamente pequeno, é o primeiro do gênero no país. E serviu de norte para as futuras cartadas sociais da Globo, que resolveu promover outra campanha, prevenindo a violência familiar contra meninos e meninas (com início em dois meses), além de continuar exibindo fotos de crianças desaparecidas.

Para combater a violência doméstica, a emissora pretende exibir pelo menos dois boletins diários sobre o tema. Cada um, com duração de 30 segundos, terá o selo "Criança Esperança" e atingirá todo o país. O formato da campanha ainda está em estudo para identificar a linguagem ideal dos boletins e tom jornalístico, com elementos de teledramaturgia.

Certo mesmo é que os módulos de 30 segundos irão explorar duas idéias básicas: a de que a violência contra meninos e meninas não se restringe às classes mais pobres ou às famílias de baixa escolaridade, mas também atinge ricos e intelectuais e a de que os motivos das agressões são ridículos. Muitas crianças com menos de dois anos apanham porque choram, fazem xixi na cama ou cocô na calça, entre 2 e 5 anos, sofrem maus tratos por sujarem a roupa ou desarrumarem a casa e, entre 5 e 7 anos, são espancadas porque não tomam banho direito ou dão respostas "atravessadas" para os pais.

Armando Antenore (Agência Folha)

Rostos na Internet

Ainda na semana passada a fotografia envelhecida de Guilherme Caramês Tiburtius entrou na Internet. O perito do envelhecimento, Roberval Pereira Coutinho, explicou que para conseguir fazer o processo é preciso que os parentes dos meninos desaparecidos detalhem as mudanças dos traços físicos ocorridos neles ao longo do tempo.

ANO 01 Nº 08

RS 2,00

hora H

junho 96 seg 03 ter 04 qua 05 qui 06 sex 07 sab 08 dom 09

Aluguel.
Só pague
o que a lei
mandar.
Economia Real

12

AS BRUXAS DE GUARATUBA PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

Ainda é tempo, antes e durante o julgamento de Celina e Beatriz Abagge, para que a verdade surja de forma definitiva. Para culpados e para inocentes. As perguntas que não foram respondidas até hoje pela polícia estão na página 22. Elas podem esclarecer todo o mistério da morte de Evandro Caetano, há quase quatro anos.

CELINA ABAGGE: QUAL MÃE NÃO CONFESSA OUVINDO SUA FILHA SENDO VIOLENTADA?



Celina Abagge
espia pela janela
do apartamento
onde cumpre
prisão domiciliar

BEATRIZ ABAGGE: NÃO SEI QUANTAS VEZES FUI ESTUPRADA NEM POR QUANTOS.

neviravita no caso das bruxas de Guaratuba pediu formalmente ao secretário da Segu

AS BRUXAS DE GUARATUBA

12

PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

O crime de Guaratuba, ou os crimes, posto que há um cadáver de criança e outra desaparecida, permanecem como desafio à nossa polícia.

Do menor Evandro Caetano dos Santos, foi encontrado um corpo irreconhecível e em tal grau de decomposição que não admitia reconhecimento, a não ser pelo exame de D.N.A., publicamente questionado pelos defensores dos acusados.

Do outro menino, Leandro Bossi, também na mesma faixa etária, nenhum sinal, desde o seu desaparecimento, há 4 anos.

Trabalharam no caso, delegados de polícia considerados de grande experiência, como Leila Bertolini, do renomado grupo Tigre, Ricardo Noronha e Luis Carlos de Oliveira entre outros tantos.

De concreto, sabe-se que o inquérito policial presidido por Ricardo Noronha não acrescentou muito aos dados levantados pela equipe Águia da Polícia Militar, então chefiada pelo Capitão Neves, e que serviu de base para que o Ministério Público oferecesse a denúncia contra os réus.

Segundo sustenta o delegado Luis Carlos de Oliveira, em posição diametralmente oposta à da acusação, as confissões de Beatriz e Celina teriam sido obtidas mediante tortura e não subsistem provas concretas nos autos. Luis Carlos, que afirma agir por dever de consciência, propõe a realização de novo exame de D.N.A. e insiste em afirmar que o corpo encontrado não é o de Evandro Caetano.

Olhado o caso à distância, percebe-se que na ocasião houve um confronto entre duas instituições, Polícia Civil e Polícia Militar disputando a primazia da elucidação do delito e um envolvimento passional do então Secretário de Segurança Pública, José Moacir Favetti, que teria sugerido o linchamento de Beatriz e Celina em praça pública, se por acaso obtivessem a liberdade através de Habeas Corpus.

Um experiente detetive que participou das investigações relacionou ao **hora H** algumas questões que, segundo ele, se respondidas, conduziram à elucidação do caso.

Um questionário intrincado, digno de Sherlock Holmes:

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12

1 Era um dos denunciante de Beatriz, Celina e dos demais acusados, Diógenes Caetano, inimigo pessoal e político do então Prefeito Aldo Abbage?

2 Conhecia ele métodos de investigação por ter pertencido à polícia?

3 Por que motivo a juíza de Guaratuba obsteu o prosseguimento das investigações que tinham como uma das suspeitas Valentina Teruggi da selta Luz?

4 Por que não se estabeleceu o nexu entre a estada de Valentina no estado do Pará quando crianças foram mutiladas em rituais e o caso de Guaratuba, nem se buscou semelhanças nos métodos utilizados?

5 Se Beatriz e Celina foram presas e acusadas com bases em confissões, diante de quem foram essas confissões obtidas e em que circunstâncias?

6 Baseou-se em que as prisões de Cristofolini e Bardelli, que jamais confessaram?

7 O que aconteceu com o menino Leandro?

8 Existiram crianças dadas em adoção em Guaratuba, quantas, onde se encontram?

9 O que foi feito com a denúncia de uma empregada doméstica sobre adoções irregulares?

10 Por que o corpo de Leandro foi abandonado em um local de fácil acesso para ser encontrado com vestes que permitissem a sua identificação?

11 Como desapareceu o resultado da sindicância sobre torturas em Celina e Beatriz na Secretaria de Segurança?

12 Onde se encontra o real relatório das diligências efetuadas pela Polícia Militar à respeito do caso?

Essas e outras perguntas permanecem sem resposta e colocam uma névoa que paira sobre o caso estabelecendo dúvidas que, se não respondidas, poderão provocar uma irreparável injustiça no julgamento que se aproxima.

Seja como for, a opinião pública não poderá voltar a ser manipulada impunemente com colocações históricas e a exploração sórdida do cadáver de uma criança, utilizado para os fins mais escusos.

O esperado é que instituições voltadas para o cumprimento da ordem e a apuração dos delitos não se prestassem a disputas inconsequente e que os fatos fossem apurados com a mais absoluta isenção e rigor científico.

Seja como for, ainda é tempo, antes ou durante o julgamento, para que a verdade surja de forma definitiva para culpados e para inocentes.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

EXCLUSIVO: SHEILA ABAGGE CONTA PELA PRIMEIRA VEZ A SUA VERSÃO SOBRE O CRIME DE GUARATUBA.

FOI TUDO UMA TERRÍVEL FARSA

VANIA MARA WELTE



“Qual é a mãe que não confessa qualquer coisa ouvindo os gritos da filha porque está sendo seviciada, violentada e torturada? Qual é a filha que não falaria qualquer coisa ouvindo os gritos da mãe sendo torturada, ao lado?” As perguntas são feitas por Sheila, irmã de Beatriz e filha de Celina Abagge, acusadas de rapto e assassinato do menor

Evandro Caetano, de sete anos, num ritual satânico, em Guaratuba, em 1992.

Desde esta data todos os membros da família Abagge carregam um sobrenome “mal-jito”. Mas mesmo assim, ninguém deixou de usá-lo. “Abagge é um sobrenome digno que jamais esteve manchado por sangue e o assinamos com o orgulho de quem só trabalhou muito na vida em favor de justiça e honra”, enfatiza, acrescentando que a família espera por justiça.

O INFERNO DE BEATRIZ

Sheila também é filha do ex-prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge, já falecido, que foi afastado das funções pela Câmara de Vereadores local quando as duas mulheres - Celina e Beatriz - foram acusadas e presas no litoral paranaense em 2 de julho de 1992.

“Minha mãe e minha irmã confessaram um crime do qual elas são inocentes, porque sob a tortura e sevícias que passaram confessariam ter assassinado Jesus Cristo”, argumenta, ao mesmo tempo em que acusa de torturadores os policiais que as prenderam.

Beatriz e Celina estão presas desde 2 de julho de 1992, quando

tiveram a casa invadida por grupos de policiais armados, até de metralhadora, às 7 horas da manhã, em Guaratuba, quando serviam o café às crianças da família. As duas mulheres ainda têm dificuldade de falar sobre “o inferno que padecem desde então”. E mais difícil para elas é falar sem chorar.

Para poupar um pouco mãe e irmã, Sheila relembra todo o episódio, mas agora mais serena. “Nada é mais forte do que a verdade e é nossa tortaleza”, explica. Ela acredita que “um dia a verdade virá à tona, junto com Evandro vivo e salvo”.

Sheila assegura que ninguém mais do que a família Abagge clama por justiça. “Para começar queremos, ao menos, o benefício da dúvida, porque minha mãe e minha irmã estão presas há quase quatro anos e não foram ainda julgadas, só condenadas”, acusa.

BENEFÍCIO DA DÚVIDA

No rol das dúvidas levantadas por Sheila, está o fato de que os pais de Evandro nunca levantaram a menor hipótese de o filho ainda estar vivo. Psicóloga, ela afirma que a idéia da morte de um filho é sempre rejeitada por qualquer mãe ou pai. E pergunta: “Por que os pais de Evan-

dro desconsideraram a idéia do filho estar vivo e sempre afirmavam que estava morto, sem ter a menor certeza disto?”

Outro ponto questionado por ela é que os policiais que foram até a casa dela, no dia da prisão, perguntavam pela mulher do prefeito e pela filha psicóloga - que no caso era ela, Sheila, e não Beatriz, que é terapeuta ocupacional. Então, quando saíram da casa, Beatriz apenas acompanhava a mãe e a irmã. Mas foi Beatriz que foi levada presa.

Outra pergunta que Sheila faz é “por que uma família que sempre cuidou de crianças abandonadas, raptaria e mataria uma criança indefesa?”. Sheila lembra que a irmã mais nova foi adotada por Celina e que os dois filhos de Beatriz, o casal de gêmeos, também são adotivos.

Acrescenta ainda que a mãe e a irmã trabalhavam em creches, onde cuidavam de menores carentes. Na época em que Beatriz foi presa, tinha recém-montado o Centro de Recuperação de Crianças Portadoras de Necessidades Especiais, com o apoio do prefeito e da pró-

Sheila Abagge, a irmã que quase foi levada à polícia em lugar de Beatriz, fala pela primeira vez sobre o drama de sua família

segue na pag 24

AS BRUXAS DE GUARATUBA

Uma vida. Uma vida de...
...em Guaratuba...

ACONTECE
Cada vez que se fala de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...



Celso Alvim e sua família em Guaratuba.

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

POLÍTICA, VAIDADE E HORROR

Atual Com o retorno a política, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...



Celso Alvim.

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

NO CORAÇÃO DAS TREVAS

Apesar de já ter sido vítima de um atentado, Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

...de Guaratuba, o nome de Celso Alvim surge sempre como o primeiro nome a ser mencionado...

AS BRUXAS DE GUARATUBA

prta mãe. "Por que, de repente, se transformariam em criminosas?", indaga.

O ACONCHEGO

Desde o último dia 2 de março, Beatriz e Celina cumprem pena em prisão domiciliar, mas ficaram encarceradas durante três anos e nove meses. Sem direito a sequer descer para brincar com os filhos e netos, as duas estão confinadas em um apartamento da família, no bairro do Batel.

Toda a semana, em dias alternados, um oficial de Justiça, designado pela Vara de Execuções Penais, as visita para verificar se está tudo dentro da lei. "Mesmo assim, diante do horror que já vivemos, é o paraíso", admite.

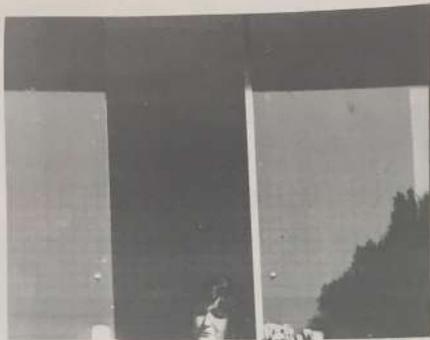
Ela conta que nestes anos de sofrimento, a família sempre se manteve unida na defesa das duas Abagge. Mas o "horror" que atingiu Celina e Beatriz afetou e deixou sequelas em todos, principalmente nas crianças e nos mais idosos. "Alguns não resistiram e morreram sob humilhação, escárnio, preconceito e injustiça", atesta.

Sheila cita o próprio pai (Aldo), o avô Reinaldo (pai de Celina) e os tios Ângelo, Antonieta e Leonardo. "Todos irmãos de papai que morreram cobertos de vergonha e dor", lembra. Diz que Leonardo, juiz de direito, jamais se conformou com o fato de "ter lutado por justiça durante toda a vida e ter a própria família injustiçada".

AS SEQÜELAS

Sheila vai fundo nas recordações. Na retina dos olhos de Sheila uma cena mais forte ficou gravada para sempre. Para lembrá-la, basta ela cerrar as pálpebras, conta. Lembra de imagens, cheiros e sons.

Na memória os sons agudos de sirenes dos carros policiais, invadindo o cemitério, onde o avô Reinaldo estava sendo enterrado, se mis-



Celina Abagge espia pela janela de sua nova prisão

turam aos soluços da mãe, da avó, de mulheres, crianças e homens da família Abagge e dos amigos ao redor.

O cheiro das flores é mesclado ao das velas queimando, ao incenso e perfumes. As imagens trazem a lembrança da irmã e da mãe "alquebradas e algemadas" sendo retiradas do camburão, sob forte escolta policial.

A mãe se equilibrando para tentar se abaixar e beijar o velho pai, morto dentro do caixão, e depois, a mãe, de 84 anos, sentada ao lado, que chorava desconsolada - descreve Sheila. "Jamais vou esquecer tudo isto, jamais", afirma sem rancor, com voz suave, mas de intensa tristeza.

"OS HERDEIROS DAS BRUXAS"

Mas para Sheila, nenhum sofrimento pode ser comparado ao

das crianças da família Abagge. "Os netos, sobrinhos e filhos das bruxas". Sheila resume o tamanho deste sofrimento: "imensurável". Nenhuma escola queria aceitá-las.

Pelo telefone e por carta chegavam ameaças de seqüestro e morte contra os pequenos. Nenhuma outra criança queria brincar com as Abagge. Foram afastadas das escolas, do convívio com os amigos, de tudo, recorda Sheila.

"As mães, os pais, os tios, eu, todos tentávamos explicar, esclarecer, atenuar e, juntos, rezávamos", diz. Um dia, o filho de Beatriz se recusou a rezar. "Não quero mais falar com o meu anjinho, a gente reza, reza, mas ele não atende a gente", queixou-se, deixando os adultos perplexos.

Sheila admite que as crianças mais velhas têm traumas até hoje. "Dos mais diversos", ga-

rante. Todas tiveram de amadurecer mais rápido. Vivendo a própria realidade, aprenderam a se fortalecer na verdade, a se defender de acusações e a criar relações de amizade. E recentemente, os filhos de Beatriz foram aceitos em uma escola de Curitiba.

Aos seis anos de idade, o casal de gêmeos, dizia aos coleguinhas que arriscavam se aproximar: "A minha mãe está presa porque disseram que ela fez mal a uma criança, mas ela não fez, viu!!" E imediatamente emendavam: "Você vai ser meu amigo ou não!!" O desafio despertava o interesse das outras crianças e as relações se consolidaram em "amizades sinceras e desinteressadas", ressalta.

A FÉ NA VERDADE

Apesar dos pesadelos que perseguem a todos os membros da família, em diferentes e diversos graus, Sheila credita às crianças a coragem, e a fé na verdade e na justiça, que mantém a família unida. "Um dia a verdade virá a tona", afirma, lembrando que a mãe e a irmã "já sofreram o inferno".

Por causa disto, Sheila confessa já ter sentido raiva e revolta intensas contra as pessoas que as fizeram sofrer. "Hoje não cultivo mais estes sentimentos, minha família e eu só queremos a verdade, apesar de não compreendermos, ainda, o por que de tudo isto, por que nós?", pergunta.

Sheila também não entende a razão pela qual a mãe e a irmã não podem ainda ser soltas. "Antes, diziam que a liberdade não era possível por causa do clamor popular que as apontava como assassinas cruéis e bruxas". Mas lembra que nada se conseguiu provar contra elas e, mesmo assim, continuam presas.

"Este é um país injusto mesmo", reclama, citando a Constituição. A lei diz que a pessoa é inocente até prova em contrário, ou seja, até ser julgada. Sheila diz que a imprensa julga sem investigar e a população porque se apaixona. "Assim, as pessoas podem ser condenadas

sem provas, mesmo antes do julgamento", adverte. E pergunta: "O que farão estas pessoas se Evandro reaparecer vivo?". Ela alega que o que foi feito contra a mãe e a irmã, jamais poderá ser reparado.

OS MISTÉRIOS DA VIDA

Sheila admite que, mesmo no sofrimento, o ser humano pode aprender e crescer. Ela destaca que a família Abagge compreende, agora, que sempre há uma versão para qualquer fato. "Aprendi também a perdurar a ver e a entender as pessoas de uma nova maneira", relata.

Aponta a própria questão social do preso, do bandido. Fala da responsabilidade social de cada cidadão. "Agora, quando me apontam culpado, simplesmente, duvido, questiono, não julgo", assegura. "Temos a exata noção do valor da vida e jamais alguém da minha família mataria, nem pensar, então, uma criança", afirma.

O preconceito contra a família Abagge impede até hoje o trabalho. Sheila também é atingida. Mesmo tendo feito concurso e passado para dar aulas em um colégio, foi despedida no primeiro dia de trabalho. "No que constatarem o peso do meu sobrenome", diz.

Mesmo assim Sheila garante que ninguém abdicou do uso do nome Abagge porque "é honrado e digno", advoga. Na escola, a desculpa usada para a demissão foi a de que algum pai poderia não gostar de vê-la como professora.

"Ameaças, preconceito, pressão, a gente aprende também a conviver com isto", assegura com resignação. Ela, então, se lembra do pai que morreu acreditando que a mulher e a filha tinham sido inocentadas e que o garoto Evandro tinha sido encontrado vivo. "São os mistérios da vida, na morte, um momento de paz", resume. ■

AS BRUXAS DE GUARATUBA

POLÍTICA, VAIDADE E HORROR

Aníbal Curi considera a prisão, a tortura e as sevícias sofridas pelas duas mulheres uma das maiores injustiças já cometidas no país. "Eu acredito piamente na inocência delas", depõe.

Aníbal disse que o caso Abagge é uma "das maiores farsas já montadas no país". Alega que "transformaram o caso numa questão política, com vaidades expostas que dificultaram o desenrolar das investigações e exacerbaram paixões de todos os lados". Ele lamenta ainda a morosidade da Justiça. "É só depende agora da Justiça", enfatiza.

A POSIÇÃO DO MINISTRO DA JUSTIÇA

O ministro da Justiça, Nelson Jobim, que esteve em Curitiba na semana passada, disse que desconhece detalhes do caso do suposto crime de Guaratuba para se pronunciar. Mas apontou para a proposta da reforma judiciária que tramita no Congresso. "É premente a necessidade desta reforma para tornar mais rápidas as sentenças judiciais no Brasil e, mais ainda, para que sejam evitadas injustiças de todos os tipos no país", enfatizou.

A VISITA DE DOM PEDRO FEDALTO

Depois de ter escrito e publicado um artigo - que ele mesmo considerou violento - contra Celina e Beatriz Abagge, após ter

assistido, na época, pela televisão, a confissão de culpa dos réus, o arcebispo de Curitiba, Dom Pedro Fedalto, foi ao presídio confortar as duas mulheres e os outros acusados do suposto assassinato do pequeno Evandro Caetano, em ritual de magia negra. A visita de Dom Pedro levantou, na ocasião, a fúria de muita gente, inclusive de advogados.

Os advogados alegaram que os réus estavam "sub-júdice" e o arcebispo não tinha o direito de julgá-los nem inocentes e nem culpados. Dom Pedro defende-se dizendo que a princípio, foi levado pela própria confissão dos réus. Depois foi visitá-los como pastor. E ao tomar conhecimento das torturas que sofreram também visitou as famílias e até escreveu ao Supremo Tribunal de Justiça para que apreciase o recurso impetrado em favor dos acusados. "Mas de nada adiantaram meus apelos", reconhece.

CULPADOS OU INOCENTES

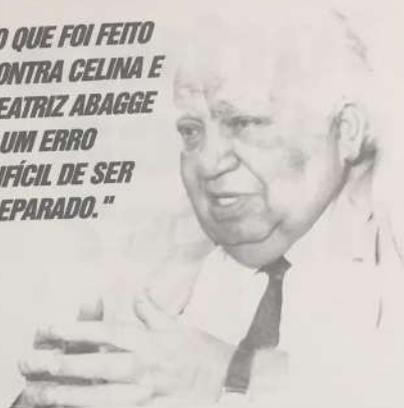
"Não faço julgamento, mas intercedo como pastor e, como pastor, vejo as Abagge como duas senhoras distintas", atesta. Mas mesmo sem querer fazer qualquer juízo de valor, Dom Pedro questiona: "Mas, se são culpadas, por que, após quase quatro anos, elas e os outros réus ainda não foram julgados e continuam presos?"

Destacando sua posição de pastor, Dom Pedro lembra que o próprio Papa João Paulo II foi visitar, na prisão, o homem que tentou matá-lo,

em Roma. "Ora, o poder judiciário é uma coisa, o poder Pastoral e espiritual é outra", argumenta.

É como pastor que Dom Pedro faz visitas regulares aos presídios. Ele lembra que ministrou a Aldo Abagge a "unção dos enfermos" - sacramento conhecido antigamente como extrema-unção. Ainda como pastor, Dom Pedro emite sua opinião: "Acho que depois de quase quatro longos anos, de sofrimento e cativo, com outras pessoas inocentes sendo também penalizadas, o processo tem de andar e a questão das torturas tem de ser esclarecida".

"O QUE FOI FEITO CONTRA CELINA E BEATRIZ ABAGGE É UM ERRO DIFÍCIL DE SER REPARADO."



NO CORAÇÃO DAS TREVAS

Apesar de já terem sido condenadas por muita gente - até por quem nem sabe explicar por que as considera culpadas - Celina e Beatriz Abagge encontram pessoas que as consideram inocentes porque conviveram durante "anos e anos" com ambas. São pessoas simples que trabalham ou trabalharam para a família durante décadas.

Entre elas está Rita Correia, prima de Maria Caetano, a mãe de Evandro Caetano, o garoto supostamente morto em ritual de magia negra na serraria dos Abagge, em Guaratuba. Rita trabalha na casa da família há mais de 15 anos e defende as duas mulheres.

"Elas são a minha família, sempre cuidaram de mim e de dezenas de crianças abandonadas, ajudaram a criar muito filho alheio", depõe. E acrescenta indignada: "Dona Celina e a Bia (Beatriz) são pessoas boas, incapazes de qualquer maldade e eu sofro com o que fizeram a elas".

O casal Benta e Sebastião Líder de Oliveira que trabalhou como caseiro, durante 18 anos, também acredita na inocência das duas mulheres e as defende. Benta e Sebastião estão sempre em volta da família Abagge, que ajudou a criar os cinco filhos dos Líder de Oliveira.

José Travassos, que hoje é vereador pelo PDT em Guaratuba, também trabalhou para os Abagge. "Foram 30 anos de convívio e não dá pra acreditar na culpa delas", diz. E assim como o "tio Zé", como é carinhosamente chamado o vereador, há dezenas de famílias guaratubenses que põe fé na inocência das Abagge.

Pelo menos 60 famílias que trabalhavam na serraria dos Abagge ficaram desempregadas com o fechamento da empresa pelas autoridades. E mesmo afetadas pela tragédia, estas pessoas apoiam as duas mulheres.

DESA
DESCUBRA
O PONTO

o dossiê

Tortura nunca mais?

Com o fim da ditadura em 1985, o Brasil passou a ser considerado um país livre. Mas, apesar disso, a tortura nunca mais acabou. Desde então, milhares de pessoas continuam sendo torturadas em todo o Brasil. O Brasil é considerado um país livre, mas a tortura nunca mais acabou. Desde então, milhares de pessoas continuam sendo torturadas em todo o Brasil.

Em 1985, o Brasil passou a ser considerado um país livre. Mas, apesar disso, a tortura nunca mais acabou. Desde então, milhares de pessoas continuam sendo torturadas em todo o Brasil.

Em 1985, o Brasil passou a ser considerado um país livre. Mas, apesar disso, a tortura nunca mais acabou. Desde então, milhares de pessoas continuam sendo torturadas em todo o Brasil.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

12 de junho de 1986

o dossiê

Tortura nunca mais?

Em 1985, o Brasil passou a ser considerado um país livre. Mas, apesar disso, a tortura nunca mais acabou. Desde então, milhares de pessoas continuam sendo torturadas em todo o Brasil.

Em 1985, o Brasil passou a ser considerado um país livre. Mas, apesar disso, a tortura nunca mais acabou. Desde então, milhares de pessoas continuam sendo torturadas em todo o Brasil.

Em 1985, o Brasil passou a ser considerado um país livre. Mas, apesar disso, a tortura nunca mais acabou. Desde então, milhares de pessoas continuam sendo torturadas em todo o Brasil.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

12 de junho de 1986

Em 1985, o Brasil passou a ser considerado um país livre. Mas, apesar disso, a tortura nunca mais acabou. Desde então, milhares de pessoas continuam sendo torturadas em todo o Brasil.

o dossiê

Tortura nunca mais?

Com quase 300 páginas, um dossiê elaborado pela advogada do Conselho Municipal da Condição Feminina, Isabel Mendes, denuncia às autoridades, estaduais e federais da época, as torturas sofridas pelos supostos réus: Celina e Beatriz Abagge, David dos Santos, Ailton Bardeli, Osvaldo Marcineiro e Sérgio Cristófolini.

O documento foi entregue em diversas instâncias da Justiça pedindo abertura de inquérito para averiguação de responsabilidades das autoridades que se omitiram diante da denúncia de práticas de tortura no Paraná, colocando-as sob suspeição. "Mas nada foi feito", queixa-se Isabel Mendes que, pela coragem de fazer a denúncia, sofreu "todo tipo de pressão e ameaças até contra a própria vida e a de familiares", relata.

AS VIOLÊNCIAS

As confissões assinadas pelos acusados, segundo o dossiê, foi durante o período de prisão arbitrária e sem a presença de advogados, após mais de quatro horas de torturas, onde "os acusados foram estuprados diversas vezes e por várias pessoas, sofreram todo tipo de violência física, coação moral e humi-

lhações".

Nos autos que hoje somam 20 volumes, de 200 páginas cada um, e mais quatro apensos, fica "exposto o trabalho parcial", onde foram coletadas mais de 100 amostras nos locais onde teria sido executado o ritual de magia negra "e mesmo com exames realizados pelo Instituto de Criminalística e pelo IML do Paraná e em laboratórios particulares, contratados pelo Governo do Estado, não há provas materiais de qualquer crime", diz a advogada.

UM CRIME SEM PROVAS

O documento registra que "nem um só fio de cabelo ou uma única gota de sangue foram encontrados, são apenas conjecturas e ilações". A advogada afirma que "trata-se de uma aberração jurídica arquitetada para justificar o crime, não contra o pequeno Evandro Caetano, mas o crime de tortura".

Isabel acusa ainda que durante todo o processo houve cerceamento do direito de defesa dos acusados, além de irregularidades, distorções processuais com a convivência de autoridades e até da juíza titular do caso e de promotores públicos designados para o caso.

Acreditando na inocência dos acusados, o Conselho Municipal da Condição Feminina e o Conselho de Defesa dos Direitos Hu-

manos realizou o dossiê e denunciou as torturas. "Caso deixemos passar este tipo de violência, ela pode crescer e entrar também em nossas casas, atingir qualquer um, qualquer família", destaca Isabel. Ela defende ainda que "a dignidade humana não tem preço, a lei não pode ser substituída pela força, colocando em risco o Estado de Direito da Sociedade e da Nação".

O SADISMO

O dossiê relata torturas físicas e psicológicas contra os seis acusados. Registra descrições de socos, tapas, pontapés, ripadas nas solas dos pés, queimaduras com cigarros acesos, surras com toalhas molhadas, introdução de agulhas e farpas debaixo das unhas, "roleta russa", atagamento com toalha molhada e ensaboada enrolada à cabeça e comprimindo nariz e boca, mangueira d'água introduzida na boca, mergulhos forçados até em vaso sanitário, esganaduras, choques elétricos com fios descascados amarrados nos dedos, orelhas, seios e órgãos genitais.

Relata ainda torturas em "pau-de-arara", entorpecimentos dos sentidos e latejamento de cabeça com a ingestão de "chás levemente esbranquiçados e com gosto de caqui amarento", estupros repetidos por diversas vezes com torturadores diferentes, atos libidinosos, introdução anal e vaginal com objeto contundente não identificado, até levar ao estado de pânico, desespero e quebra final de resistência, principalmente quando os atos eram praticados para que um ouvisse ou presenciasse a tortura do outro. "Para por um fim a isto, qualquer coisa é bem-vinda, até a própria morte", argumenta Isabel Mendes.

BEATRIZ DESCE AO INFERNO

O relato feito por Beatriz Abagge à advogada Isabel Men-

des, na Penitenciária Feminina do Estado, começa com a descrição dos fatos, no dia 2 de julho de 1992, logo após ter acordado, quando começava a servir o café aos filhos, na época com dois anos de idade.

"Os policiais - do serviço secreto da PM e federais - invadiram a nossa casa, armados com metralhadoras. Alguns entraram pela frente e outros pelos fundos da casa. Não sabíamos do que se tratava", diz Beatriz.

Por não saber do que se tratava, o pai dela, Aldo Abagge - então prefeito de Guaratuba pelo PDT - ficou nervoso e questionou a razão da invasão, da violência, e pediu um mandado para aquela ação. "Formou-se um tumulto", conta.

Ela prossegue no relato. "As crianças choravam e gritavam apavoradas. Nós também. Meu pai tentou usar o telefone e foi empurrado pelos policiais. Eles também gritavam, eram agressivos e não explicavam nada. Só perguntavam quem era a amante de Osvaldo".

O DESESPERO

Beatriz diz: "Ficamos desesperados porque nada entendíamos. Pedimos a presença do advogado Silvío Bonone e, ainda, que as crianças fossem retiradas dali, porque os policiais ameaçavam usar as metralhadoras. Ali na casa, eu era a única que conhecia o Osvaldo, porque como muita gente da sociedade de Guaratuba, algumas vezes fui a reuniões espíritas na casa dele ou no Centro D. Hortência. O clima ficou extremamente tenso".

No caos que se formou, a mãe dela, Celina, sugeriu que todos fossem até o Fórum local para que tudo ficasse esclarecido, diante da juíza (Anésia Kowalski) que as conhecia. Beatriz assegura que os policiais não sabiam a quem queriam prender. "Se eu ou minha irmã Sheila que

é psicóloga", relata, acrescentando que é terapeuta ocupacional.

Então, as duas foram levadas junto com a mãe e um policial no carro de Silvío Bonone, que chegara ao vir da prefeitura - que fica em frente a casa dos Abagge -, o aparato policial. Os outros policiais os seguiram em outros carros.

O CALVÁRIO

No Fórum, foram à sala de audiências para esperar a juíza chegar. Beatriz conta o que aconteceu a seguir. "Estava ao lado de minha mãe, perto da porta, quando os policiais entraram na sala e puxaram eu e minha mãe para fora. Um policial nuvo e de bigode se postou na porta impedindo a saída de minha irmã e do advogado".

Beatriz acredita até hoje que se fosse Sheila (a irmã) que estivesse na porta, ela é que teria sido levada pelos policiais. "E não eu, porque eles queriam a psicóloga", depois. E continua o relato: "Pensei que iríamos até o local onde a juíza estava. Fomos praticamente arrastadas para dentro de um carro que arrancou rapidamente".

HORAS DE PAVOR

Segundo Beatriz, o carro foi em direção a estrada de Garuva. Ela conta: "Parou no meio do caminho e arrastaram a minha mãe para outro carro. Cobriram o meu rosto e me obrigaram a ficar abaixada no fundo do carro, onde havia armas. Eu estava desesperada. Não sabia o que acontecia e nem para onde tinham levado minha mãe. Notei que os policiais se perderam no meio do caminho, porque pararam e pediram informações sobre o posto policial".

O carro seguiu e rodou por cerca de 40 quilômetros em estrada de terra. Ela relata que os policiais conversavam pelo rádio e entre eles. Diziam que "iam queimar a

AS BRUXAS DE GUARATUBA

o dossiê

bruxa, que eram sacerdotes da inquisição". Beatriz diz que quando o carro parou pareceu que quebraram um cadeado. Ela descreve: "Escutei barulho de metal se quebrando. Perguntei onde estava. Disse que sentia medo e quis saber se iam me matar".

Um policial respondeu a Beatriz que não iam matá-la. Ela estava com a jaqueta amarrada na cabeça, por isso nada enxergava. Entrou numa casa e a conduziram até um cômodo à direita. Um policial a fez sentar numa cama. Tiraram a jaqueta do rosto dela e colocaram uma venda nos olhos.

AS TORTURAS

Ela relata que ouviu um policial dizer: "Vamos lá sua puta, sua vagabunda, você vai falar, teu amante já confessou, o Osvaldo já confessou, fale". Beatriz disse que nada tinha a confessar porque nada havia feito. O policial foi incisivo: "Se você não confessar por bem, vai confessar por mal".

Beatriz diz que, neste instante, percebeu a entrada de um monte de policiais. Eles a agrediam com palavras ofensivas, ao mesmo tempo em que "arrancavam" a roupa dela. Um dos policiais avisou-a que 16 policiais iriam estuprá-la.

Beatriz conta: "Comecei a gritar, gritar, suplicando que não fizessem isto. Lembro que escutei gritos de minha mãe. Pedi que nada fizessem contra ela porque ela tinha problemas cardíacos. Daí eles saíram correndo e gritando. E voltavam aos montes, sempre gritando".

Ela não sabe se era para disfarçar. "Passaram a mão em todo o meu corpo. lentes reagir e levei um soco no rosto. Quando arrancaram a minha camiseta, a venda caiu e eu o rosto do homem que já estava em cima de mim. Acho que estava meio desmaiada, mas vi bem o rosto dele. Reconheço este homem onde ele estiver. Nunca vou

esquecer o rosto deste monstro".

Ela foi novamente vendada e desmaiou. Conta que desmaiou diversas vezes. "Não sei quantas vezes fui estuprada e nem por quantos homens. Mas na primeira vez eu senti que colocaram uma coisa dura na minha vagina. Não sei o que era. Só sei que era uma coisa terrível. Eu gritava e desmaivava".

Não sabe quanto tempo. "Dois ou três policiais me seguravam pelos braços e pelas pernas. Não tinha como reagir". Beatriz relata que os policiais a xingavam de "puta, putinha, vagabunda", e ela gritava "desesperada". Então, colocaram um pano na boca de Beatriz e ela não viu mais nada.

O PESADELO

Quando Beatriz acordou estava em outra cama. "Toda suja de sangue e fezes. Não conseguia nem me mexer. Parecia que estava todinha arrebitada por dentro e por fora. Daí um policial entrou e colocou minha roupa. Puseram uma pessoa ajoelhada na minha frente e perguntaram se eu o reconhecia. Indagaram se eu reconhecia o meu amante e me mandaram pegar na mão dele, no rosto dele, na barba. Eu respondia que não sabia quem era".

A pessoa colocada na frente de Beatriz - segundo depoimento - era Osvaldo Marceneiro. Ele disse à Beatriz: "Fale tudo o que eles querem porque eles vão me matar. Já fui torturado, me fizeram afogamento, eu não agüentava mais, diga que você seqüestrou o menino". Neste momento, Beatriz conta que começou a gritar: "Isto não é verdade, você é um mentiroso, eu não seqüestrei ninguém. Eu xinguei ele, porque era tudo mentira".

Eles tiraram o Osvaldo (Beatriz o reconheceu pela voz) dali. Ela prossegue: "Começaram a me afogar com um pano molhado com água e sabão envolto em

meu rosto, apertando-o contra o meu nariz e boca. Eu não conseguia respirar. Eles perguntavam se eu ia falar ou não. Eu sacudia a cabeça dizendo que não. Eles continuavam e eu desmaiei várias vezes".

FIM DA DIGNIDADE

As torturas prosseguiram e Beatriz relata que nem sabia o que dizer, o que os policiais queriam. Depois lhe disseram que iam colocá-la num detector de mentiras e ela se sentiu aliviada porque iam saber que nada tinha feito. Mas em vez do detector de mentiras eles enrolaram um fio nos dedos dela e começaram a dar choques elétricos. Enquanto faziam isto, três policiais iam dizendo o que ela deveria falar. Ela conta que esta tortura durou horas, nem sabe quanto e nem o que disse para eles.

Beatriz relata que os policiais a treinavam para dizer o que queriam que ela dissesse. E depois a mandaram contar tudo de uma só vez. "Eu não agüentava mais. Eu fiz cocô nas calças. Fiz xixi. Quando terminaram, tiraram a venda dos meus olhos para eu calçar as botas. Puseram novamente a venda e me levaram para um banheiro, onde um policial bateu no meu rosto".

Eles a mandaram tomar banho. "Eu estava toda suja de sangue e fezes e joguei minha calcinha no lixo. Toda hora eu escutava os gritos da minha mãe. Eu pedi que me levassem até a minha mãe. Eles me levaram. Então, eu pedi pra ela, pelo amor de Deus, para falar tudo o que eles mandassem, porque eu não agüentava mais, eu estava morrendo".

Beatriz disse que não agüentava mais levar nem um só choque, nenhuma violência mais, porque achava que ia morrer. E a mãe dela, então começou a repetir o que os policiais a mandavam dizer. Conta que mandaram as duas beber um líquido

que tinha gosto amargo. E daí foram levadas para o Fórum e de lá para Matinhos.

No meio do caminho recebeu uma injeção de "Valium". Ela diz que estava meio zozna. Viu que filmavam enquanto mandavam ela fazer sim com a cabeça. Então, conta que começou a gritar e eles chamaram um médico. "Ele viu o meu estado. Fomos levadas para o quartel de Matinhos e fiquei sozinha num quarto", lembra.

O relato prossegue com outras violências praticadas contra ela. Houve um momento em que pode denunciar a algumas pessoas as violências e torturas sofridas. Mas ninguém deu atenção. Ela relata também a viagem para Curitiba. Durante o trajeto sofreu mais pressão e insultos. Em Curitiba teve a oportunidade de mostrar a outras pessoas os sinais das violências que sofreu e elas ameaçavam soltá-la no meio da população entretida.

Foram levadas até a Secretaria de Segurança onde um advogado as orientou a ficarem caladas diante da imprensa, porque logo seriam soltas e tudo seria esclarecido. Daí foram levadas ao IML, onde ficaram o dia inteiro. "Mas o médico apenas nos olhou e perguntou se havia marcas".

Os policiais estavam todos ali. "Não tinha como falar com o médico. Só mostrei os dedos e nem tirei a roupa. Mas tentava, com gestos, fazer o médico entender que ele tinha que examinar o meu corpo. Isto, quando os policiais não estavam olhando. Mas o médico só fez algumas anotações. Escreveu que havia pequenas escoriações no rosto, porque estava sangrando".

MEDO E DOR

Beatriz relata um quadro de "horror". Afirma que sentiu tanto medo e dor que confessaria qualquer coisa. "Eu diria tudo o

que eles quisessem", confessa. Do IML, elas foram levadas para o Ahú - na Penitenciária. "Ali apanhamos muito", diz. Ela conta que um policial barrigudo dava socos nas costas, nos braços dela e da mãe e falava: "Bem-vindas ao inferno, a nova residência da primeira-dama". De lá, as duas foram transferidas para a Penitenciária Feminina e até chegarem no portão foram apanhando. Colocadas na frente do portão, aos socos, uma guarda disse: "Aqui não, aqui você não vai bater em ninguém".

Na semana seguinte retornaram ao Ahú para fazer a identificação. Lá foram obrigadas a tomar banho na frente dos policiais. "Nuas, eu e minha mãe", conta. Sem receber toalhas para se enxugarem, vestiram um camisão que é confeccionado como "pega-louco".

Ficaram o dia inteiro viradas para a parede, vestidas com aquele pijama e descalças. "Fazia um frio enorme", lembra. Lá também tiraram fotos delas, passaram por uma entrevista com uma psicóloga e por uma assistente social. Para as duas profissionais contaram sobre as torturas sofridas.

Nesta altura do depoimento à advogada Isabel Mendes, Beatriz pergunta: "O que querem de nós?". E afirma que, no dia do pretenso ritual de magia negra, no dia 7 de abril de 1992, ela estava em casa junto com diversas pessoas, inclusive com o padre de Guaratuba. "E minha mãe estava acompanhada de meu pai e amigos, num aniversário", assegura. Ela acrescenta que tudo isto está provado nos autos e não entende por que continuam presas.

O mesmo relata a mãe dela, Celina. No depoimento à advogada Isabel Mendes, Celina chorou convulsivamente. "Ela chorou durante quase todo o depoimento e passou mal", depõe Isabel Mendes. ✽

AS BRUXAS DE GUARATUBA

Na mesma edição há uma crônica "Magia negra é racismo", que não tem relação com o caso mas mostra um pouco da linha editorial do veículo.



MAGIA NEGRA É RACISMO

“Aquele que confirma a existência do demônio está criando ou dando forma a um deles”

Elphas Levi

Impotente ante a natureza, o homem antigo tinha medo da noite, da chuva, da neve e da seca e buscava remédios mágicos. Hoje, nem toda a abundância de luz elétrica exorcizando os terrores noturnos acumulados durante milênios ou os ônibus espaciais (cujos técnicos sempre cruzam os dedos para que a decolagem dê certo) devassando o cosmos conseguem acabar com os nossos medos de antigamente. São muitas as superstições que ainda restam e que se morrem, certamente levarão com elas um pouco da poesia.

Basta uma crise econômica, desemprego e juros que nem as naves espaciais conseguem alcançar, e os nossos medos afloram. É a impotência também. O homem recorre aguçado, macumba, santinho de guarda, etc, como remédios mágicos. É a mulher corre também em busca de socorro mágico, pensando que o marido tem outra...

É exatamente isso que faz a delícia dos aproveitadores da credulidade pública. Entre nós já pululam as empresas de assessoria esotérica que prestam inclusive informações computadorizadas, dentro do que recomenda a ISO-9000, sobre o mau olhar nas empresas; quebrantes, etc. Existe em São Paulo até a Associação Brasileira de Ciências Místicas que calcula em mais de um milhão de reais o faturamento anual das empresas esotéricas legalizadas. Isto, agora a economia informal de milhares de videntes, tarólogos, astrólogos amadores, adivinhos de fundo de quintal que cobram mais por uma consulta que um clínico geral. Mas quem

cobra mesmo é a macroempresa do setor, a Cacique Cobra Coral, especializada em “mensagens climáticas”.

MADAME

O escritor Valêncio Xavier, no tempo em que os nossos telejornais ainda não eram tão anônimos, fez uma ótima reportagem sobre uma famosa madame que, lá pela via rápida de Santa Cândida, ganhava um dinheirão destazendo trabalhos de magia negra. Com o cinegrafista Jalvi Eneira - mais um parapsicólogo e um médico - foram filmar uma sessão na casa da madame. Ela pegava o sapato do freguês e, depois de ameaçá-lo repetidas vezes com um punhal, acabava retirando do seu interior um chumaço de carne sangrenta envolta em mechas de cabelo, que dizia ser a materialização do “trabalho”.

O médico, o parapsicólogo e o cinegrafista ficaram vivamente impressionados com a prestidigitação. Mas o Valêncio, face ao ângulo em que estava posicionado, viu claramente quando o assistente da madame lhe passava o chumaço, junto com a garrafa de cachaca da qual ela tomava repetidos goles. Feito o “trabalho”, a mulher despachou rapidamente os repórteres e seus acompanhantes, pois impacientes integrantes da diretoria de um clube de futebol da capital paranaense aguardavam para levá-la de avião para Londrina, onde iria fazer um “trabalhinho especial” para o time local perder uma partida importante no campeonato daquele ano. Não adiantou. O coxa perdeu.

Na reportagem o Valêncio contou o que viu e desmascarou a madame. Dias depois ela e seis obesos guarda-costas de quase dois metros de altura (Ela madame fofosa) invadiram a TV para exigir explicações. Valêncio, corajosamente, se manteve irredutível e a mandou recorrer à Lei de Imprensa. A madame, porém, dis-

se que tinha coisa muito pior, uma praga infalível é que o repórter iria morrer no máximo dentro de seis meses com câncer na boca. Os guarda-costas da vigarista - demonstrando que nem mesmo eles acreditavam na praga da megera - avisaram o Valêncio de que iam lhe dar uma grande surra. Já se passaram mais de 20 anos e a praga ainda não veio. Neri tampouco a surra, que estava mais dentro da realidade palpável.

UMA CRUZ NO CÍRCULO

Mas magia negra da braba mesmo quem conta é o jornalista Zair Schuster no seu último livro “Sane-Folclore”, transcrevendo relato do engenheiro Leopoldo Der onto sobre uma pesquisa efetuada com o aparelho geofone, que detecta canos de água furados sob as calçadas. Num trabalho de rotina, os técnicos da Sanepar encontraram, com o geofone, um grande vazamento no encanamento de uma rua de bairro classe média-alta de Curitiba. Como de hábito, para marcar o local à turma de reparos, fizeram uma cruz dentro de um círculo.

Mas no dia seguinte, a equipe de reparos não pode trabalhar. O dono da casa, um religioso muito fervoroso, jurava que era a terceira vez que faziam magia negra cliente de sua casa, o que estava lhe dando muito azar. E chamou um padre, o qual, desidamente paramentado, passou a manha inteira exorcizando e jogando água benta no local para desmanchar a macumba. E, depois, o padre explicou: “Sempre que a cruz está dentro de um círculo, indica que a magia negra é muito forte e exige trabalho redobrado para desmanchá-la”.

Nisto o engenheiro da Sanepar concordou. O trabalho era muito forte mesmo pois, depois das escavações, constatou que houvera o rompimento da solda de chumbo no velho encanamento de ferro ali existente.

Hora H #9 - 10/06 a 16/06/1996

Continuação reportagens Vânia, com destaque na capa e repercussão na seção de cartas dos leitores e Bastidores.

MARILENE ZICARELLI MILARCH
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PR
RUA CANDIDO LOPES, S/N
CORTESIA 13
BO.020-901 CURITIBA 01 /PR

ANO 01 Nº 09

RS 2,00

hora H

junho 96 seg 10 ter 11 qua 12 qui 13 sex 14 sab 15 dom 16

**O crime
de Guaratuba
não pode ficar
sem resposta**

Leia em *Bastidores*

AS BRUXAS DE GUARATUBA



**DELEGADO
DESAFIA:
O CORPO
ENTERRADO
NÃO É DE
EVANDRO**

Leia a
entrevista
exclusiva
do delegado
Luis Carlos
de Oliveira
a partir da
página 20

"De quem é o corpo mutilado de uma criança, sem olhos, sem orelhas, sem pênis, sem alguns dedos dos pés, sem as mãos, sem um só fio de cabelo ou pêlo, encontrado em 11 de abril de 1992, em Guaratuba, supostamente assassinado em ritual de magia negra? Eu não acredito que seja de Evandro Caetano."

Luis Carlos de Oliveira, delegado atestado do caso

índice

- ores, 3**
untas que o Paraná precisa ver respondidas.
- la Verdade, 4**
mentel, especialidade política.
- na, 8**
ntecimentos que marcaram a semana.
- e, 15**
oas que são notícia.
- i Abrão, 16**
ções 96 na ótica bem informada de Roseli.
- o Campana, 17**
ogia não é apenas ocupação para chatos.
- úncia, 19**
elegado lança mais dúvidas sobre o crime de Guaratuba.
- norados, 24**
e dar de presente no dia 12.
- ana do barulho, 25**
dio Dalla Benetta fala de tudo que pode dar errado.
- olas, 26**
a deliberação provoca a maior polêmica.
- beijo, 28**
ar faz bem à saúde.
- é Wilker, 32**
estejado ator estréia como comentarista.
- rás, 33**
mistérios insondáveis de Curitiba.
- onomia Real, 34**
lo o que interessa de perto ao seu bolso.
- xo, 37**
doutora Marilene Vargas responde as dúvidas dos leitores.
- a Zilli, 38**
que está acontecendo na sociedade.
- rograme-se, 44**
do o que você precisa saber sobre onde ir, o que fazer, a crítica de Ivan Schmidt, gastronomia, horóscopo, o mundo da televisão, os filmes imperdíveis e tudo mais para o seu lazer.

ora H é uma publicação semanal (circula aos domingos) da Editora Via da Notícia Ltda. Rua Emiliano Perotta, 725 - 6º andar - Fone (041) 225.1808 Cep. 80420 Curitiba / Paraná. Distribuidores: Jornalistas. Clube (fone: 233-9595) - A domicílio: Pontual Lopes (fone: 38-1024). Colômbio: Arte 4 (fone: 352-2717). Impressão: Editora O Estado do Paraná (fone: 335-1416).

Cartas

"AS BRUXAS"

Há quase quatro anos eu estava convencida da culpa de Beatriz e Celina Abagge no crime de Guaratuba. Depois de ler a reportagem de *hora H*, confesso que fiquei cheia de dúvidas. Comecei a lembrar que o caso todo foi envolto em muito sensacionalismo e que muita gente se promoveu às custas daquela tragédia. Creio que este jornal cumpriu o seu papel ao investigar e levantar questões nebulosas e não esclarecidas. Existe tempo hábil para que uma eventual injustiça seja reparada.

Katia Manfron - Colombo

Li enojada o dossiê sobre as torturas, estupros e violências de toda ordem a que foram submetidas Beatriz e Celina Abagge. Não tenho opinião formada sobre a culpa ou não dessas pessoas, no entanto, é absolutamente inaceitável que práticas como essa ainda encontrem guarida em nossas forças policiais.

Lúcia Pereira e Ângela Garrido - Curitiba

Até agora não consigo entender como duas mulheres podem ter sofrido o que sofreram nas mãos de policiais e nenhuma providência contra essas figuras desumanas tenha sido tomada. Governador Jaime Lerner: que tal o senhor reabrir o caso?

Rosana A. Lima - Curitiba

Mentindo sobre supostas torturas e maus tratos, não estariam Beatriz e Celina Abagge tentando compadecer a opinião pública e o poder judiciário para escapar de pagar por seu terrível crime?

Rafael Grukowski - Curitiba

BASTA

"Que

Guaratuba que

Ao trazer de volta as investigações sobre os crimes de Guaratuba, *hora H* reabre um caso que, muito além do aspecto humano, tem ainda uma dimensão política sem resposta.

O tempo decorrido tem propiciado uma abordagem do clima de comoção popular na época. Um período negro para o Brasil, quando não só se debruçavam sobre o crime autoridades defendendo suspeitos, uma versão moderna para as bruxas".

Política, vaidade, e interesse contaminaram de forma definitiva o andamento das investigações: não se buscou a melhor solução, houve uma tentativa de encerrar as práticas de investigação prática a zero.

Nesta segunda reportagem das "Bruxas de Guaratuba

Olha qu

Política parece ser a arte de esquecer os próprios atos e esquecer o que aconteceu. O ex-governador Álvaro Dias, entrevistado pelo "Estado", resolveu criticar o atual governo. Nenhum profissional de saúde que exercia o exercício saudável da crítica quem foi colocado na oposição. Mas Álvaro Dias fez uma propaganda de governo é amnésico. Nunca na história do Paraná um governador não vestiu tanto na autopromoção. O governador Álvaro Dias. Obcecado com a candidatura a presidente da República, o governador não perdia uma oportunidade de se promover às custas dos cidadãos.

"Quem pula de galho em galho só fica conhecendo a floresta."

(Sabedoria oriental)

Guaratuba: perguntas que exigem respostas

Ao trazer de volta as investigações dos crimes de Guaratuba, **hora H** buscou recuperar um caso que, muito além do interesse humano, tem ainda uma série de perguntas sem resposta.

O tempo decorrido tem a vantagem de propiciar uma abordagem isenta, distante do clima de comoção popular que se criou na época. Um período negro na história do Estado, quando não só se criou um clima de inquisição medieval, como se assistiu autoridades defendendo linchamento de suspeitos, uma versão moderna de "fogueira para as bruxas".

Política, vaidade, e interesses estranhos contaminaram de forma muito séria o andamento das investigações do caso, a ponto de a melhor solução, hoje, ser a retomada das investigações praticamente da estaca zero.

Nesta segunda reportagem sobre o caso das "Bruxas de Guaratuba", **hora H** traz o

corajoso depoimento do delegado Luís Carlos de Oliveira, um policial que coloca sua carreira em risco para tentar chegar à verdade.

O delegado Oliveira respondeu as 12 perguntas sem respostas levantadas por **hora H** a respeito dos crimes de Guaratuba. Para demonstrar a complexidade do caso, o próprio delegado levantou novas questões ainda mais complicadas.

São questões gravíssimas ainda envolvidas em mistério. Para se ter uma idéia, o delegado Oliveira duvida que o pequeno corpo enterrado em Guaratuba seja do menino Evandro Caetano.

Vidas foram destruídas, reputações arruinadas e famílias amaldiçoadas. Além do horror dos crimes cometidos, a sociedade paranaense não pode continuar convivendo com a suspeita de que está se cometendo uma pavorosa injustiça.

Olha quem está falando!

Política parece ser a arte de simular o esquecimento dos próprios atos, confiando no esquecimento alheio. O ex-governador Álvaro Dias, entrevistado pelo programa "Sala Exclusiva", resolveu criticar supostos excessos na área de propaganda institucional do atual governo. Nenhum problema quanto ao exercício saudável da crítica por parte de quem foi colocado na oposição pelo voto popular. Mas Álvaro Dias fazer críticas a propaganda de governo é amnésia ou deboche. Nunca na história do Paraná um governo investiu tanto na autopromoção quanto no governo Dias. Obcecado com a idéia de sair candidato a presidente da República, o ex-governador não perdia uma única oportunidade de se promover às custas dos cofres públicos.



ABRINDO A CAIXA PRETA

O vereador Marcelo Almeida conseguiu uma importante vitória na luta que trava para tornar mais transparente os métodos de administração do Legislativo Municipal. Uma liminar obtida por Almeida contra o presidente da Câmara, Iris Simões, vai obrigá-lo a abrir a contabilidade da Casa.

GASTOS DIVULGADOS

Eufórico com a liminar, Marcelo Almeida, comemora: "O Iris Simões não vai poder continuar escondendo quanto a Câmara gasta e no quê. Vai ter de mostrar, na frente do juiz, quanto é gasto em funcionários em comissão, publicidade e locação de veículos".

DEMOCRACIA SEM SEGREDO

Para o vereador, gestão democrática não combina com segredo, especialmente quando se refere ao manuseio do dinheiro público. Dentro desse contexto, acredita que a decisão de conceder a liminar, o juiz tomou uma decisão de importância histórica.

CAMPO MINADO

Para chegar a ser candidato do PSDB a prefeito de Curitiba, Carlos Simões vai ter de atravessar um autêntico campo minado, com obstáculos de toda ordem. As minas mais violentas são as que o esperam nesta semana, nos poucos dias que restam até a convenção tucana do dia 15. Simões pode até chegar lá, mas a maioria aposta que vai mesmo é morrer na praia.

EMPREGO ARREPIA TUCANO

O grande obstáculo para os candidatos do PSDB nessa eleição vai ser explicar ao eleitor por que o Plano Real trouxe o desemprego como efeito colateral. Preocupado com a questão o governo federal elaborou uma cartilha para orientar seus candidatos sobre como contornar esse problema sem perder votos e sem queimar o filme de FHC.

PMDB EM GUERRA

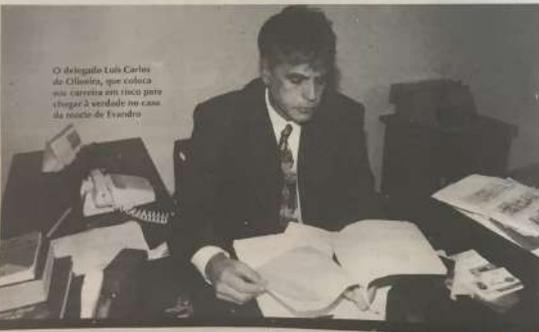
A destituição do presidente municipal do PMDB, Pedro Longo, é dada como certa entre os partidários da pré-candidatura de Eduardo Requião. A degola já tem data marcada.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

CADÁVER MUTILADO DE CRIANÇA TIRA O SONO DE UM DELEGADO

"De quem é o corpo mutilado de uma criança, sem olhos, sem aranhas, sem pênis, sem alguns dedos dos pés, sem as mãos totalmente escalpeladas, sem sobrancelhas e sem um só fio de cabelo ou pêlo no corpo, que foi encontrado em 11 de abril de 1982, num matacão próximo da casa de pegueno Evandro Caetano, supostamente assassinado em ritual de magia negra, no dia 7 de abril de 82, em Guaratuba?" A pergunta é do delegado Luis Carlos de Oliveira que participou das investigações policiais na época do crime.

ONDE ESTÁ EVANDRO?



O delegado Luis Carlos de Oliveira, que culmina sua carreira em cinco anos chegado à verdade no caso da morte de Evandro

AS BRUXAS DE GUARATUBA

"Não vou descansar enquanto o caso não ficar esclarecido e os verdadeiros culpados forem denunciados"

De quem é o corpo mutilado de uma criança, sem olhos, sem aranhas, sem pênis, sem alguns dedos dos pés, sem as mãos totalmente escalpeladas, sem sobrancelhas e sem um só fio de cabelo ou pêlo no corpo, que foi encontrado em 11 de abril de 1982, num matacão próximo da casa de pegueno Evandro Caetano, supostamente assassinado em ritual de magia negra, no dia 7 de abril de 82, em Guaratuba?" A pergunta é do delegado Luis Carlos de Oliveira que participou das investigações policiais na época do crime.

"Se os postofos culpados confessaram o assassinato, por que deixaram de indicar o local do corpo mutilado e os órgãos retirados?"

De quem é o corpo mutilado de uma criança, sem olhos, sem aranhas, sem pênis, sem alguns dedos dos pés, sem as mãos totalmente escalpeladas, sem sobrancelhas e sem um só fio de cabelo ou pêlo no corpo, que foi encontrado em 11 de abril de 1982, num matacão próximo da casa de pegueno Evandro Caetano, supostamente assassinado em ritual de magia negra, no dia 7 de abril de 82, em Guaratuba?" A pergunta é do delegado Luis Carlos de Oliveira que participou das investigações policiais na época do crime.

FALHAS E VAZIAS DIRIGEM INVESTIGAÇÕES

O delegado Luis Carlos de Oliveira, que participou das investigações no caso de suposto assassinato de Evandro Caetano, em Guaratuba, onde foram assassinados também Carlos Alberto, Divaldo dos Santos, Alvaro Barcelo, Divaldo Moura e Sérgio Zichowski, passou em 2 de julho de 1982 a assumir a liderança das investigações. "O trabalho foi pesado e desconhecido", conta.

De acordo com o delegado, "o caso acabou sendo tratado como um caso de magia negra, quando na verdade se tratava de um assassinato político. O delegado afirma que "todos estes fatos foram provocados após decisão do ministro Paulo Francisco por diligências Carlinhos, o contrário do tempo político e pessoal de trabalho de hoje".

O delegado afirma que "nesses anos de trabalho que eu fiz, eu aprendi a lidar com o delegado como um cidadão de bem, não como um político. O delegado afirma que "nesses anos de trabalho que eu fiz, eu aprendi a lidar com o delegado como um cidadão de bem, não como um político".

O delegado afirma que "nesses anos de trabalho que eu fiz, eu aprendi a lidar com o delegado como um cidadão de bem, não como um político".

O delegado afirma que "nesses anos de trabalho que eu fiz, eu aprendi a lidar com o delegado como um cidadão de bem, não como um político".

O delegado afirma que "nesses anos de trabalho que eu fiz, eu aprendi a lidar com o delegado como um cidadão de bem, não como um político".

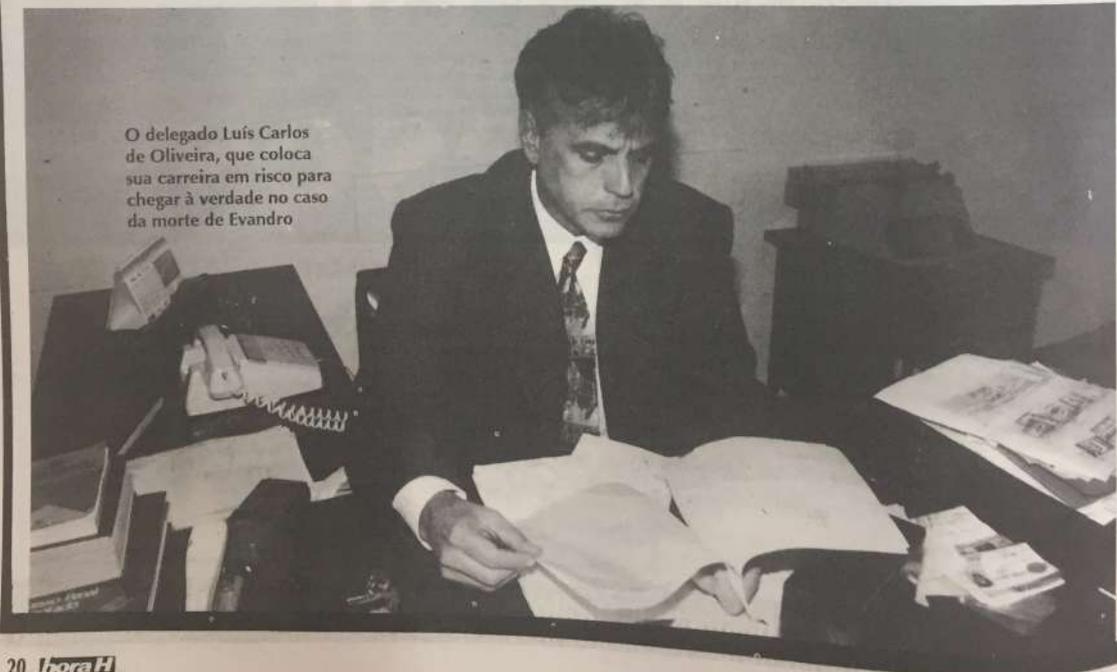
AS BRUXAS DE GUARATUBA

CADÁVER MUTILADO DE CRIANÇA TIRA O SONO DE UM DELEGADO

"De quem é o corpo mutilado de uma criança, sem olhos, sem orelhas, sem pênis, sem alguns dedos dos pés, sem as mãos e totalmente escalpelado, sem sobrancelhas e sem um só fio de cabelo ou pêlo no corpo, que foi encontrado em 11 de abril de 1992, num matagal próximo da casa do pequeno Evandro Caetano, supostamente assassinado em ritual de magia negra, no dia 7 de abril de 92, em Guaratuba?" A pergunta é do delegado Luis Carlos de Oliveira que participou das investigações policiais na época do crime.

ONDE ESTÁ EVANDRO?

O delegado Luis Carlos de Oliveira, que coloca sua carreira em risco para chegar à verdade no caso da morte de Evandro



AS BRUXAS DE GUARATUBA

"Não vou descansar enquanto o caso não ficar esclarecido e os verdadeiros culpados forem denunciados"

POR VANIA MARA WELTE

Quatro anos depois, e mesmo afastado do caso após defender posição contrária à presidência dos autos, a pergunta ainda é feita pelo delegado Luís Carlos de Oliveira, hoje responsável pela Delegacia de Desvios de Cargas e Estelionato, em Curitiba. Sobre o corpo mutilado de criança achado em Guaratuba, em 1992, ele declara: "Eu não acredito ser aquele o cadáver do pequeno Evandro Caetano". Mesmo assim, um fato choca a opinião pública: a existência "brutal" de um corpo mutilado de criança.

PISTAS FALSAS?

Próximo ao cadáver do pequeno tinha um chinelo e uma chave da casa de Evandro. Para o delegado Oliveira, como o corpo estava "praticamente irreconhecível, um ou dois pertences da suposta vítima poderiam ajudar a conduzir as investigações", deduz. E levanta, ainda, mais uma questão: "Se os supostos culpados confessaram ter assassinado Evandro Caetano, por que deixaram de indicar o local onde colocaram o corpo mutilado e os órgãos retirados?"

Mas as perguntas do delegado Oliveira não terminam aí. Ele também indaga "por que razões pessoas tão perversas e más, que não deixaram um sinal sequer do crime cometido, não se livraram do corpo, atirando-o na imensa quantidade de água existente nas vizinhanças do local do crime?" E, ainda, "por que o deixaram num local de tão fácil acesso e, ao lado, de pertences da suposta vítima?"

Estas são perguntas sem respostas que, muitas vezes, já tiraram o sono do delegado Oliveira nestes mais de quatro anos de investigações, complicações e "injustiças".

TROCA DE VÍTIMA?

O delegado Luís Carlos de Oliveira entrou no caso, em 1992, para realizar as acareações entre todos os acusados. Ele lembra que, antes do desaparecimento do menino Evandro Caetano, havia sumido - em fevereiro do mesmo ano - outro garoto da mesma idade (sete anos), Leandro Bossi. Ao ver o corpo mutilado, encontrado pela polícia em um matagal perto da casa dos Caetano, o pai de Leandro, João Bossi, disse que parecia ser o do filho dele.

"Inclusive, a polícia recebeu telefonemas anônimos de que o corpo encontrado era de Leandro e não de Evandro", revela Oliveira. Por isso, ele sugeriu a realização de exame de DNA. "Ora, a polícia não pode se basear num prato feito, fácil, tem de investigar a fundo", entende. O exame foi, "finalmente", solicitado pelo delegado Ricardo Noronha, que presidia o inquérito policial na época.

ALTOS CUSTOS

Oliveira queria também que o exame de DNA fosse estendido aos pais de Leandro Bossi. O que não foi feito. Mas os dois primeiros exames não foram conclusivos. "O que entendemos como negativos", explica, acrescentando que os resultados não foram divulgados. O delegado ressalta que apenas a conclusão do terceiro exame foi mostrada, após quase cinco meses, quando o necessário são cerca de 30 dias.

Além da demora para a realização do exame de DNA, outro ponto chamou a atenção do delegado: O seu custo, muito alto para a época. "Custou US\$ 20 mil, quando se sabe que o preço de um exame de DNA fica em torno de US\$ 2 mil". E levanta mais uma dúvida: "Por que foi tão caro?"

Além disto, Oliveira ainda quer saber por que o material, para o referido exame, não foi colhido na frente de advogados? E como se isto fosse pouco para colocar em cheque todas as acusações, Oliveira faz mais uma revelação e uma pergunta.

QUEM VESTIU O CADÁVER?

Ele conta que, depois de algum tempo que os acusados foram presos, em um lugar pantanoso, em Guaratuba, uma outra ossada de criança foi achada. Estava vestida com as roupas de Leandro Bossi. A ossada foi levada para exames e o resultado deixou todos perplexos. A perícia constatou tratar-se de uma menina e não de um menino. Então, surgem mais algumas questões: "Quem teria colocado as roupas de Leandro Bossi naquele cadáver e por quê?"

O posicionamento claro e rebelde do delegado Luís Carlos Oliveira o afastou do caso oficialmente e o fez perder algumas promoções, mas mesmo assim, ele confessa que não desistiu das investigações. "Não vou descansar enquanto o caso não ficar esclarecido e os verdadeiros culpados forem denunciados", diz. Ele afirma que já tem novas pistas. E dá uma dica, que mais parece um enigma: "Quem arma a farsa, tem escondida a verdade e, mais cedo ou mais tarde, a verdade vai aparecer", garante.

FALHAS E VAIDADES DIRIGEM INVESTIGAÇÕES

O delegado Luís Carlos de Oliveira - que participou das investigações no caso do suposto assassinato do garoto Evandro Caetano, em Guaratuba, onde foram acusados Beatriz e Celina Abagge, David dos Santos, Airtton Bardelli, Oswaldo Marcineiro e Sérgio Cristofolini, presos em 2 de julho de 1992 - denuncia inúmeras falhas nas investigações. "O trabalho foi parcial e direcionado", acusa.

Ele assegura que "o caso anômalo, culminou com a Polícia Militar invadindo residências, prendendo pessoas sem antecedentes criminais e arrancando confissões".

O delegado relata que "todas estas ações foram provocadas após denúncia ao Ministério Público formulada por Diógenes Caetano, o conhecido inimigo político e pessoal da família Abagge".

ORIGEM DA DENÚNCIA

A denúncia foi, então, levada ao secretário estadual de Segurança Pública da época, José Favetti, que ordenou que o caso fosse passado à Polícia Militar. "A PM foi à Guaratuba, invadiu casas, prendeu cidadãos que informaram depois ter confessado o crime sob torturas e sevícias", lembra Oliveira, que entrou no caso para realizar as acareações necessárias.

O delegado afirma que, "mesmo antes de aparecer um corpo, já se apontava Celina e Beatriz Abagge como assassinas de Evandro, fato que já não é comum". Ele aponta o principal acusado: "Diógenes Caetano".

Depois do encontro do cadáver pela Polícia Militar, foi designado o Grupo Águia - polícia especial da PM. Oliveira testemunhou que a partir daquele momento, "todas as ações policiais foram direcionadas por Diógenes Caetano, que inclusive apontou o nome de cada um dos acusados, que deveriam ser presos, como de fato o foram".

"FOI UMA ARMAÇÃO"

Ao entrar no caso, o delegado Oliveira relata que percebeu ser tudo uma farsa. "Havia muita mentira, dados sem fundamentos, que não se confirmavam por que faltava consistência". Ele recorda que, já no início das investigações, havia dúvidas quanto à identidade do cadáver da criança.

Dúvidas levantadas até pelo próprio pai do primeiro garoto desaparecido em Guaratuba, "João Bossi (o pai) disse que o cadáver parecia ser o do filho dele, Leandro, e não o de Evandro Caetano", depõe.

Além disto, Oliveira considerou o caso muito simples. "O corpo estava em lugar de fácil acesso e, ainda, com pistas bem visíveis", alega. Até hoje, o delegado desconfia que alguém subestimou a inteligência de todos. Argumenta que, anos depois, ainda há muitas questões sem respostas. "São mais do que as doze levantadas pelo Jornal Hora H", assegura.

"Se os supostos culpados confessaram o assassinato, por que deixaram de indicar o local do corpo mutilado e os órgãos retirados?"

"A polícia não pode se basear num prato feito, fácil, tem de investigar a fundo"

segue na pág 22 >>



AS BRUXAS DE GUARATUBA

OS DOIS LADOS DE UM SÓ CRIME

Como se relaciona a perseguição Maria Abigail, filha de Carlos e Maria de Lourdes, com o crime de Guaratuba? O delegado Luiz Carlos Oliveira responde: "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".
"Resposta: que não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".
"Resposta: que não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

Oliveira responde as 12 perguntas do hora H

O delegado Luiz Carlos Oliveira, que investiga até hoje o desaparecimento e suposto assassinato das meninas Leandro Bessa e Evandro Castano, ocorridos em Guaratuba, em 1992, responde as perguntas levantadas pelo Hora H.

SEM MORDACA

A investigação ficou em um impasse de quase dois meses. O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

SO LIMA

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

NADA A DECLARAR

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

RELAÇÃO DO ANO

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

DESAFORAMENTO

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

PERGUNTAS

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

PERGUNTAS

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

PERGUNTAS

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

PERGUNTAS

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

PERGUNTAS

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

PERGUNTAS

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

PERGUNTAS

O delegado Luiz Carlos Oliveira responde as perguntas do Hora H. "Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba".

AS BRUXAS DE GUARATUBA

e aumentam as dúvidas...

MAIS 10 PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

Por que a polícia teria de seguir indicações de Evandro Castano, se tem competência para agir sozinho?

Por que não foram feitas outras exames de DNA, necessários para a investigação e esclarecimento do caso?

Estado de quem foram feitas a coleta de material para o exame de DNA?

Por que não foram divulgados os dois primeiros resultados, são conclusivos, os exames de DNA, que para não serem dados negativos?

Por que o último exame levou entre quatro e cinco meses para ser realizado, quando se sabe que são necessários cerca de 30 dias apenas?

Por que custou R\$ 22 mil, quando o valor normalizado cobrado fica em torno de R\$ 2 mil? Por que cobrou tão caro? Pague a que os casos?

De as pessoas reconhecerem o crime contra Evandro, por que não reconheceram também a facção onde foram sucedidos o crime e os crimes relacionados do cadáver?

2 após o crime de Evandro, aconteceu um crime, mesmo que se considerasse o crime, não poderia ser julgado de parte Leandro Bessa. É uma situação jurídica, não é uma situação de fato. Não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba.

Quantos vestiu com as roupas de Leandro Bessa naquele suposto cadáver?

Qual a liberdade depois mortos?

Quem tem a autoridade necessária de grande tarefa que mandou?

O delegado não tem mais dúvidas de respostas e suas perguntas. Mas já pergunta indicações, sobre "Poderia estar morto, se não fosse morto Evandro e Evandro Bessa", pergunta, não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba.

Resposta: que não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba.

Resposta: que não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba.

Resposta: que não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba.

Resposta: que não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba.

Resposta: que não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba.

Resposta: que não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba.

Resposta: que não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba.

Resposta: que não se relaciona mais sobre esse caso, que não foi julgado e julgado, no Brasil de Guaratuba.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

OS DOIS LADOS DE UM SÓ CRIME

Como reconhece a própria Sheila Abagge - filha de Celina e irmã de Beatriz Abagge, as duas mulheres acusadas do suposto crime de Guaratuba e presas, junto com os outros acusados, desde 2 de julho de 1992 -, todo o fato guarda duas ou mais versões. **hora H** tentou ouvir e saber a posição de pessoas denunciadas pela prática de tortura contra os acusados e das autoridades envolvidas no fato.

O primeiro a ser procurado foi o Capitão da Polícia Militar, Valdir Copetti Neves, atualmente chefe da Segunda Seção, no Comando do Policiamento do Interior, em Curitiba. Ele foi gentil, mas se recusou a prestar qualquer declaração. "Tenho um comando superior, o coronel Daniel Cezar Mainguê. Ele pode falar sobre o assunto", desculpou-se.

SEM MORDAÇA

A reportagem procurou o comandante da Polícia Militar do Paraná, coronel Daniel Cezar Mainguê. Ele respondeu às perguntas e foi taxativo: "Jamais impedi qualquer soldado, ou oficial, de responder sobre questões pessoais, apenas não podem falar em nome da corporação, mas no caso do capitão Neves, ele poderia falar se quisesse".

O coronel Mainguê deixou claro também que seria irresponsabilidade tecer qualquer comentário sobre as denúncias de torturas. Alegou que o caso foi acompanhado na época por promotores, pela juíza, houve inquérito sobre os fatos e está encerrado. "Hoje o caso já está em outra esfera, na judicial e, no momento, é o único Poder que pode decidir", resumiu.

SÓ UMA AÇÃO POPULAR

O secretário de Estado da Segurança Pública, Cândido Martins de Oliveira, também foi entrevistado. Ele seguiu a mesma linha de pensamento do coronel Mainguê. "Não há condições legais de rever o caso de denúncias de torturas", disse.

Lembrou que houve sindicância, na ocasião, para esclarecer a questão, que já está encerrada. "Não há como reabrir o caso, que já está nas mãos da Justiça", insiste. Mas apontou uma saída: "Apenas uma ação popular poderá reabrir a questão das denúncias de torturas".

NADA A DECLARAR

O presidente do inquérito, na época, delegado Ricardo Noronha, que também foi afastado do caso e removido para Foz do Iguaçu, está de volta a Curitiba. Hoje, ele dirige o Ins-

tituto de Identificação do Paraná, no bairro das Mercês, e também foi ouvido.

"Não me manifesto mais sobre este caso, que hoje pertence à Justiça, no Fórum de Guaratuba", enfatizou. Retorçou que a fase do inquérito policial já foi vencida e que a ação penal está "sub-júdice".

Argumentou que tentar, agora, falar qualquer coisa sobre o assunto pode ser prejudicial, porque pode haver um fato novo desconhecido dele. "E eu posso incorrer em algum erro, portanto cabe agora ao promotor e ao juiz de Guaratuba falarem sobre o caso", apontou.

JULGAMENTO NO FINAL DO ANO

O promotor Antônio Cioffi de Moura também foi procurado. Mas não pôde ser entrevistado porque um júri está ocupando todo o tempo dele, em Curitiba. Além do promotor Cioffi, ainda foi procurada a juíza Anésia Edith Kowalzik, no Fórum de Guaratuba.

A juíza Anésia está afastada, em licença médica. No lugar dela falou o juiz que a substituiu no Fórum de Guaratuba, Fábio Caldas. Ele assegurou que não há qualquer novidade sobre o assunto. Mas adiantou que "até o final do ano, o caso será julgado". Disse que há um pedido feito pela própria juíza Anésia, de desafogar o caso de Guaratuba. E explicou a razão deste pedido.

DESAFORAMENTO

A juíza entende, e ele também que o Fórum de Guaratuba é pequeno demais diante das proporções alcançadas pelo caso. "Não há assento para acomodar todas as pessoas que, por certo, vão querer assistir ao julgamento, também não há salas suficientes para isolar as testemunhas, umas das outras e, além do mais, julgar no município, onde ocorreu o crime, seria muito difícil por todas as questões emocionais que envolvem o caso", esclarece.

Relatou que o processo está em andamento, com vistas às partes. Há apenas pequenas mudanças. Disse que o promotor público designado era Antônio Cioffi de Moura. Mas ele foi afastado recentemente do caso. Explica que, desta forma, "automaticamente, assume o promotor que atua na Comarca de Guaratuba, Paulo Bueno da Luz".

Mas poderá ser trocado se houver outra designação pelo procurador-geral da Justiça, Olympio de Sá Sotto Maior. Mas o juiz acredita que "o atual promotor, ainda não teve tempo para tomar ciência do processo". Acrescenta que há outros processos também em andamento na Comarca.

Citou os casos do desabamento do edifício Atlântico, no município, e do teleférico de Matinhos. "Guaratuba, definitivamente, não é uma Comarca típica de litoral", atesta o juiz Caldas que só está no local há apenas dois meses e já sentiu o peso da toga.

Oliveira responde as 12 perguntas do **hora H**

O delegado Luís Carlos Oliveira, que investiga até hoje o desaparecimento e suposto assassinato dos pequenos Leandro Bossi e Evandro Caetano, ocorridos em Guaratuba, em 1992, responde as perguntas levantadas pelo hora H - que acrescentou mais uma indagação, às doze da semana passada - e amplia o número de perguntas que estão sem respostas há mais de quatro anos.

hora H - Era um dos denunciadores de Beatriz e Celina Abagge e dos outros acusados, o cidadão Diógenes Caetano, conhecido inimigo pessoal e político do então prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge?

Delegado Luís Carlos de Oliveira - Diógenes Caetano fez a denúncia contra todos os acusados no Ministério Público. Não posso responder mais a fundo esta questão. Mas quem armou a farsa esconde consigo a verdade e, mais cedo ou mais tarde, a verdade vai aparecer.

hora H - Ele (Diógenes) conhecia métodos de investigação por ter pertencido à polícia?
Oliveira - Hoje, Diógenes é engenheiro formado. Mas ele deve ter tido instruções neste sentido porque pertenceu aos quadros da polícia. Mas a polícia, tanto a civil como a militar, é competente o suficiente para não precisar de um Diógenes da vida para direcionar as investigações. Não acha?

hora H - Por que motivo a juíza de Guaratuba (Anésia Edith Kowalzik) obsteu o prosseguimento das investigações que tinham como uma das suspeitas Valentina Teruggi, da Seita Luz?

Oliveira - Quem pediu a prisão provisória de Valentina Teruggi fui eu. Na época do desaparecimento das duas crianças houve necessidade desta medida. Mas, na seqüência das investigações, vi que nada podia ser provado contra ela. Ela nada tinha a ver com o caso. Só isto.

hora H - Por que não se estabeleceu um nexo entre a estada de Valentina no Estado do Paraná quando crianças foram mutiladas em rituais - com o caso de Guaratuba, e nem se buscou semelhanças nos métodos utilizados?

AS BRUXAS DE GUARATUBA

e aumentam as dúvidas...

MAIS 10 PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

Oliveira - Os Teruggi, como já disse, nada tinham a ver com o caso de Guaratuba. E os verdadeiros responsáveis se encontram ainda no palco do teatro. Ou, por que não dizer? No picadeiro do circo. Pode descartar Valentina. Não existe nenhum indício da participação dela e de seu grupo no caso de Guaratuba.

hora H - Se Beatriz e Celina Abagge foram presas e acusadas com base em confissões, diante de quem estas confissões foram obtidas e em que circunstâncias?

Oliveira - Has é quem devem responder.

hora H - As prisões de Cristofolini e de Bardelli, que jamais confessaram o crime, foram baseadas em quê?

Oliveira - Não fui eu quem presidiu o inquérito. Mas tudo foi baseado na confusão e na complexidade de tornar o caso mais difícil e de complicar o esclarecimento do suposto crime. Quanto maior o número de pessoas indicadas e acusadas, mais difíceis ficam os álbis e, por consequência, o esclarecimento dos fatos.

hora H - O que aconteceu com o menino Leandro?

Oliveira - Acredito, baseado em anos de exercício policial e nos fatos, que Leandro possa ser a criança encontrada mutilada, próxima à casa dos Caetano, e que dizem ser o corpo de Evandro Caetano. Não ponho té no último resultado dos exames de DNA divulgados.

hora H - E quem matou Leandro?

Oliveira - Ficarã, com certeza, esclarecido também, no futuro próximo.

hora H - Existiram crianças dadas em adoção em Guaratuba, quantas e onde se encontram?

Oliveira - Não tenho conhecimento.

hora H - Por que o corpo de Evandro foi abandonado em um local de fácil acesso para ser encontrado com vestes que permitissem a sua identificação?

Oliveira - Se estas pessoas acusadas tivessem assassinado Evandro, não teria sido mais fácil desovã-lo nas águas de Guaratuba? O corpo foi deixado com os chinelos ao lado e, junto com as chaves da casa dos Caetano, para tentar provar que se tratava mesmo de Evandro. F só isto. Inclusive, as chaves só apareceram nos autos, um dia depois de eu ter questionado sobre tudo isto.

hora H - Como desapareceu o resultado da sindicância, da Secretaria da Segurança, sobre torturas, denunciadas por Celina e Beatriz Abagge?

Oliveira - Não sei. Mas posso fazer outras perguntas ainda não respondidas...

1

Por que a polícia teria de seguir indicações de Diógenes Caetano, se tem competência para agir sozinha?

2

Por que não foram feitos outros exames de DNA, necessários para a investigação e esclarecimentos do caso?

3

Diante de quem foram feitas a coleta de material para o exame de DNA?

4

Por que não foram divulgados os dois primeiros resultados, não conclusivos, de exames de DNA, que para mim querem dizer negativos?

5

Por que o último exame levou entre quatro a cinco meses para ser realizado, quando se sabe que são necessários cerca de 30 dias apenas?

6

Por que custou US\$ 20 mil, quando o valor normalmente cobrado fica em torno de US\$ 2 mil? Por que custou tão caro? Pagou o que ou quem?

7

Se as pessoas confessaram o crime contra Evandro, por que não confessaram também o local onde teriam escondido o corpo e os órgãos retirados do cadáver?

A outra ossada de criança, encontrada em lugar pantanoso, em Guaratuba, depois que os acusados já estavam presos, estava vestida com roupas do garoto Leandro Bossi. E após exames periciais, verificou-se, surpreendentemente, tratar-se do corpo de uma menina. Então, são necessárias mais três perguntas:

8

Quem vestiu com as roupas de Leandro Bossi aquele pequeno cadáver?

9

Qual a identidade daquela menina?

10

Quem tem a verdade escondida debaixo da grande farsa que montou?

O delegado ainda não tem todas as respostas a estas perguntas. Mas já guarda indícios, pistas. "Podem estar certos, os véus estão sendo levantados e chegaremos lá", assegura. Sem mágoas, ele afirma que, naquela época, jogou com 20 anos de carreira profissional ao questionar tanto. "Fui afastado do caso e perdi promoções, mas não perdi o orgulho profissional". Agora, não oficialmente, confessa que continua no caso. "Ainda investigo e estou cada vez mais perto da verdade, vou chegar lá", promete.

Hora H #10 – 17/06 a 23/06/1996

Continuação reportagens Vânia, com destaque na capa e repercussão na seção de cartas dos leitores e Bastidores.

ANO 01 Nº10

UBIRATAN GUIMARÃES
BIBLIOTECA
CANDIDO LOPES, S/N
CORTESTA 17 CURITIBA 01 /PR

RS 2,00

hora H

junho 96 seg 17 ter 18 qua 19 qui 20 sex 21 sab 22 dom 23

DENÚNCIA

- Se Curitiba soubesse 10% do que ocorre na Câmara, todos os 33 vereadores seriam linchados em praça pública."

Marcelo Almeida, um dos 33 vereadores

Página 24



AS BRUXAS DE GUARATUBA

LEANDRO ESTÁ MORTO

EXCLUSIVO - Leandro Bossi, que está nos cartazes de crianças desaparecidas, inclusive com sua foto mostrada na novela *Explode Coração*, foi sangrado e degolado num ritual de magia negra. A denúncia é de Diógenes Caetano, o mesmo que levou a Polícia Militar às Abagge.

Diógenes aponta para o lugar onde o corpo de Leandro foi atirado ao mar, na baía de Guaratuba, numa oferenda à Iemanjá.



LEANDRO BOSSI

Desapareceu no dia 15 de fevereiro de 1992, em Guaratuba/PR, quando tinha 8 anos de idade.
Filho de João Bossi e de Pauline Kurly Bossi.
Olhos azuis e cabelos loiros.



Diógenes, o caçador das bruxas

Diógenes Caetano confessa que levou a Polícia Militar a prender Celina e Beatriz Abagge, porque a Polícia Civil não se interessou pela apuração da morte de seu sobrinho Evandro. Nega que tenha participado das torturas e estupros contra as duas mulheres. Suspeito também de ter assassinado seu próprio sobrinho, ele se defende: "Se eu tivesse tanto ódio, eu mataria a Celina Abagge".

LEIA TUDO SOBRE O NOVO MISTÉRIO DE GUARATUBA A PARTIR DA PÁGINA 20

Do leitor

Pelo seu excelente jornalismo, a hora H abre espaço para o leitor...

Mostramos que a história por trás da condenação, de uma prática...

Na segunda reportagem, um delegado de polícia, Luis Carlos de Oliveira...

Na primeira reportagem foi usada a figura emblemática de Diógenes Castanho...

Na primeira reportagem foi usada a figura emblemática de Diógenes Castanho...

índice

- Bastidores, 3
Três ministros pedem uma ação enérgica do governo.
Jogo da Verdade, 4
O homem da inclinação aberta o jogo.
Semana, 8
O que aconteceu na semana que se foi.
Gente, 14
Sábão quem faz os personagens da semana.
Roseli Abrão, 16
O que está acontecendo na política paranaense.
Fábio Campana, 17
Uma análise sobre a eterna briga entre o leucismo e o voto.
Alça de Mira, 18
Depois das convenções começa a guerra pela Prefeitura.
As Bruxas de Guaratuba, 19
Diógenes Castanho insinua covide estaria a cargo de Leandro Bossi.
Denúncia, 24
Alcivelo Almeida denunciou a Câmara: "sem na minha italiana tem coisa igual".
Novela, 28
Conheça tudo sobre a nova novela da Globo.
Economia Real, 30
Samba e que vai crescer com a sua bobo.
José Wilker, 32
Agora enfrenta uma tarefa ingrata: defender o filme "O Guarani".
Tarás, 33
Conta a história do tempo que se encontra manuseio para crânios.
Artigo, 35
Omar de Oliveira fala sobre Maria Baima.
Corrente dos tolos, 36
Cláudio Della Beletta fala de uma nova corrente.
Sexo sem segredos, 37
Marinho Vargas afirma a ter um super-organismo.
Iza Zilli, 38
O que está acontecendo na sociedade caribenha.
Programa-se, 44
Bato e que você precisa saber sobre onde ir, o que fazer, a crítica de Ivan Schwab, ginecologia, horoscopo, o mundo do bebê vivo e os filmes imperdíveis.

hora H é uma publicação semanal fundada em 1982 por Luiz Carlos de Oliveira. É editada por Ivan Schwab. Endereço: Rua Curitiba, 100, Curitiba, Paraná, Brasil. Telefone: (41) 333-1111. Fax: (41) 333-1112. E-mail: hora@horah.com.br

Cartas

CARD CICEIRO
Venho recebendo regularmente as edições da hora H. As matérias investigativas são ótimas. Os jornalistas que integram a hora H...

BASTIDORES
E agora, que as convenções estão chegando ao fim?

De que perspectiva? Até de novo tempo de vida

Três crimes que exigem esclarecimento



Leandro Bossi, no círculo, que aparece no corte de crianças desaparecidas pode estar no fundo da Baía de Guaratuba. Cabe a polícia esclarecer a denúncia.

Na terceira reportagem sobre o misterioso desaparecimento de três crianças em Guaratuba, a hora H chegou a uma conclusão alarmante. Quatro anos depois do desaparecimento de Evandro, Zema Castanho, supostamente morto durante um ritual de magia negra...

Além de Evandro, que tem identidade conhecida em função pelo delegado Luis Carlos de Oliveira, existe o de Leandro Bossi, ganhador do prêmio de segurança por Diógenes Castanho, tio de Evandro e o homem que conduziu a Polícia Militar até Zema e Beatriz Abagge. Evandro ainda o cadáver de uma menina, até hoje não identificada, que surgiu misteriosamente em uma região pantanosa de Guaratuba...

O cadáver, sangrado e decapitado, de Leandro Bossi foi tirado no fundo da Baía de Guaratuba numa operação a lemanita, de nautica Diógenes Castanho. O de Evandro se se e que é mesmo de Evandro, está enterrado no Cemitério de Guaratuba. A menina continua sem identificação, embora a lógica sugira que possa ser uma...

RA NO PARANÁ

Desde sua chegada ao Brasil, o governo Jaime Lerner se prepara para uma batalha à Baía, mostrando de imediato a intenção de se instalar no Paraná. Ciente de que a política de segurança não pode ser deixada nas mãos de...

ZÉ EDUARDO

O ex-ministro José Eduardo de Andrade viveu um momento de grande tensão em julho de 1994, quando foi acusado de ter sido o autor do assassinato de Diógenes Castanho...

ANIBAL

Um comandante militar de grande destaque na Polícia Militar do Paraná, Aníbal de Jesus, foi acusado de ter sido o autor do assassinato de Diógenes Castanho...

AMPLIO AFOCO

O político e líder parlamentar José Carlos Gomes de Carvalho, que foi deputado estadual em Curitiba, foi acusado de ter sido o autor do assassinato de Diógenes Castanho...

d i c e

3 —
edem uma ação enérgica do governo.

idade, 4 —
dústria abre o jogo.

u na semana que se foi.

um os personagens da semana.

o, 16 —
itecendo na política paranaense.

ana, 17 —
bre a eterna briga entre o brasileiro e o voto.

a, 18 —
enções começa a guerra pela Prefeitura.

e Guaratuba, 19 —
o mostra onde estaria o corpo de Leandro Bossi.

4 —
a denuncia a Câmara: "nem na máfia italiana".

bre a nova novela da Globo.

al, 30 —
nexer com o seu bolso.

32 —
a tarefa ingrata: defender o filme "O Guarani".

do tempo que se ensinava marxismo para

eira fala sobre Maria Bueno.

tolos, 36 —
netta fala de uma nova corrente.

redos, 37 —
nsina a ter um super-orgasmo.

ecendo na sociedade curitibana.

44 —
precisa saber sobre onde ir, o que fazer, a crítica,
gastronomia, horóscopo, o mundo da tele-
imperdíveis.

o semanal (circula aos domingos) da Editora Via da Notícia Ltda.
5 - 6º andar - Fone (043) 225.1808. Cep 80420 Curitiba / Paraná.
ABR

Gluggone (fone: 233.9595) - A domicílio: Pontal Types (fone:
2-2717)

do do Paraná (fone: 335.1416)

Cartas

CARO CÍCERO

Venho recebendo regularmente as edições do *hora H*. As matérias investigadas são ótimas. Os jornalistas que integram (toda) a equipe estão de parabéns! É um modo moderno, dinâmico e extremamente ousado de fazer um tablóide. Questionando, envolvendo o leitor nas tramas e bastidores, *hora H* é bom do princípio ao fim. Muita coisa é antecipada e utilizada por mim no show da manhã da Rádio Clube. Na corrida eleitoral do ano, por aqui, com certeza, não há nada melhor para se ler. As duas recentes matérias do caso Guaratuba são as melhores já publicadas a respeito. Na realidade, você mesmo cita no último editorial, que o jornal procura oferecer, elementos para o julgamento final. Parabéns ao *hora H*. Ao Campana, à Roseli, Iza, Vania; todos enfim, meus respeitos.

Nei Costa
Rádio Clube B2

Sr. editor, escrevo esta carta para alertar as autoridades de área de segurança (Sec. de Segurança Pública, PM, etc) no sentido de que se estude a necessidade de se implantar o sistema de ambulâncias do socorro do Siate na corporação do Corpo de Bombeiros da CIC, sito à Rua Artur Martins Franco. No domingo dia 2/5 à tarde, ocorreu uma colisão entre um veículo com uma motocicleta nos cruzamentos das ruas Cid Campelo c/ Acioli Filho na Vila Barigui, o carona da moto se esborrachou no chão, ferindo gravemente o joelho.

Depois de 37 minutos de acionado os bombeiros, é que chegou um ambulância do centro. Se houvesse uma unidade do Siate no Agrupamento da CIC, com certeza o socorro seria mais rápido*.

Célio Borba
RG 4.901.515-1 PR

17 a 23 de junho de 1996

BASTIDORES

E agora, que a

Três crimes exigem esclarecimentos



EDSON RODRIGO LEANDRO BOSSI

Leandro Bossi, no círculo, que aparece no fundo da Baía de Guaratuba. Ca

Na terceira reportagem sobre o mistério conhecido como "As Bruxas de Guaratuba", *hora H* chega a uma conclusão alarmante. Quatro anos depois do desaparecimento do menino Evandro Ramos Caetano, supostamente morto durante um ritual de magia negra, não existe uma única certeza sobre o que aconteceu. Pior ainda, existem pelo menos mais dois crimes não esclarecidos envolvendo crianças naquele balneário.

Além de Evandro, que tem identidade colocada em dúvida pelo delegado Luis Carlos de Oliveira, existe o de Leandro Bossi, garoto desaparecido na mesma época e cuja morte é anunciada com segurança por Diógenes Caetano, tio de Evandro e o homem que conduziu a Polícia Militar até Celina e Beatriz Abagge. Existe ainda o cadáver de uma menina, até hoje não identificada, que surgiu misteriosamente em uma região pantanosa de Guaratuba, vestindo as roupas de um menino. Mais precisamente do menino Leandro Bossi.

O cadáver, sangrado e decapitado, de Leandro Bossi foi atirado no fundo da Baía de Guaratuba numa oferenda a Iemanjá, denuncia Diógenes Caetano. O de Evandro - se é que é mesmo de Evandro -, enterrado no Cemitério de Guaratuba, e a menina continua sem identificação, e bora a lógica sugira que possa ser u

17 a 23 de junho de 1996

E agora, que as convenções estão chegando ao fim?*(De um convencional atrás de nova fonte de renda)*

Três crimes que exigem esclarecimento

**EDSON RODRIGO****LEANDRO BOSSI****LUCINÉIA SILVÉRIO****LEANDRO CORREIA**

Leandro Bossi, no círculo, que aparece no cartaz de crianças desaparecidas pode estar no fundo da Baía de Guaratuba. Cabe a polícia esclarecer a denúncia.

Na terceira reportagem sobre o mistério conhecido como "As Bruxas de Guaratuba", **hora H** chega a uma conclusão alarmante. Quatro anos depois do desaparecimento do menino Evandro Ramos Caetano, supostamente morto durante um ritual de magia negra, não existe uma única certeza sobre o que aconteceu. Pior ainda, existem pelo menos mais dois crimes não esclarecidos envolvendo crianças naquele balneário.

Além de Evandro, que tem identidade colocada em dúvida pelo delegado Luís Carlos de Oliveira, existe o de Leandro Bossi, garoto desaparecido na mesma época e cuja morte é anunciada com segurança por Diógenes Caetano, tio de Evandro e o homem que conduziu a Polícia Militar até Celina e Beatriz Abagge. Existe ainda o cadáver de uma menina, até hoje não identificada, que surgiu misteriosamente em uma região pantanosa de Guaratuba, vestindo as roupas de um menino. Mais precisamente do menino Leandro Bossi.

O cadáver, sangrado e decapitado, de Leandro Bossi foi atirado no fundo da Baía de Guaratuba numa oferenda a Iemanjá, denuncia Diógenes Caetano. O de Evandro - se é que é mesmo de Evandro -, está enterrado no Cemitério de Guaratuba. A menina continua sem identificação, embora a lógica sugira que possa ser uma

dessas crianças que aparecem nos cartazes de desaparecidos onde, aliás, o próprio Leandro Bossi continua a figurar.

Quem formula essas denúncias e levanta essas dúvidas são pessoas que devem ser levadas a sério. Diógenes Caetano é um ex-policia que orientou a Polícia Militar nas investigações que levaram a prisão de Beatriz e Celina Abagge. As outras dúvidas e questionamentos são do delegado Luís Carlos de Oliveira cuja competência e capacidade são destacadas por seu superior, o delegado-geral da Polícia Civil, Toleb Baleche: "Reconheço nele autoridade, competência e experiência para emitir opinião e levantar dúvidas sobre o assunto, porque ele acompanhou as investigações a fundo".

Diante de tudo isso, fica mais uma dúvida: o que o Ministério Público aguarda para tomar providências? Que o caso está mal resolvido, incompleto, cheio de furos, com responsabilidades não apuradas, é óbvio até pela circunstância sinistra porque existe um cadáver de uma menina que o Estado sequer foi capaz de identificar. Agora surgiu o depoimento de Diógenes Caetano, capaz de apontar o local exato onde foi atirado o corpo do pequeno Leandro e contar detalhes de como se deu sua morte. Será que nem um testemunho dessa gravidade não vai quebrar a inércia oficial sobre o assunto?

KIA NO PARANÁ

Depois das champanhes abertas pela conquista da Renault o governo Jaime Lerner se prepara para outro brinde. A Kia, montadora de veículos coreana, vai se instalar no Paraná. Conhecida pelos utilitários multi-uso, como o furgão Besta, os automóveis Sephia, e outros carros populares, a Kia também tem preferência por São José dos Pinhais onde já está em fase de instalação a francesa Renault. Mas, se depender do governo do Estado, a Kia vai mesmo para um polo industrial do interior do Estado.

ZÉ EDUARDO

O ex-ministro José Eduardo de Andrade Vieira vai acompanhar de perto as eleições em pelo menos 20 municípios de grande densidade eleitoral no Paraná, sem tirar o olho, evidentemente, dos demais colégios eleitorais. Curitiba, contudo, vai concentrar as maiores atenções do senador.

ANÍBAL

Um comentário unânime: a comida do Palácio Iguazu melhorou, e muito, durante a interinidade de Aníbal Curi. O almoço que ofereceu à imprensa curitibana, na quinta-feira última, foi um sucesso. Até a cozinheira foi convocada para receber cumprimentos. E houve quem sugerisse que se desse a Lerner o título de governador para assuntos externos e deixasse para Aníbal o Palácio Iguazu. Se não todo o Palácio, pelo menos a cozinha.

AMPLA APOIO

O político e líder empresarial, José Carlos Gomes de Carvalho, vem defendendo uma ampla aliança de partidos em torno da candidatura de Cássio Taniguchi. Uma aliança nos moldes da que levou Jaime Lerner ao Palácio Iguazu em 1994.

OS MOTIVOS DE ZÉ

Foi uma polêmica na Faculdade Paulista, na mesma palestra, que o senador José Eduardo de Aguiar, Vitorioso, pediu permissão ao governador para o fechamento do Ministério da Agricultura. Segundo ele, precisa um novo ministro para o governo FHC, a não ser que o atual tenha estado no cargo por um tempo muito longo. Aguiar afirmou que não entregaria o cargo a qualquer um, mas pediu a abertura de um concurso público para a nomeação. Isso ocorreu há quatro meses e o governo FHC não conseguiu encontrar ninguém para o cargo. Aguiar afirmou que não entregaria o cargo a qualquer um, mas pediu a abertura de um concurso público para a nomeação. Isso ocorreu há quatro meses e o governo FHC não conseguiu encontrar ninguém para o cargo.

ROMPENDO FRONTEIRAS

Apesar de não ser, a jornalista Ana Carolina de Aguiar, jornalista do jornal Folha de São Paulo, foi nomeada para o cargo de assessora do governador José Serra. Ela é a primeira mulher a ocupar esse cargo no governo FHC.

À SERVIÇO DO PAÍS

Após sua demissão de uma das principais posições do governo FHC, o senador José Eduardo de Aguiar, Vitorioso, pediu permissão ao governador para o fechamento do Ministério da Agricultura. Segundo ele, precisa um novo ministro para o governo FHC, a não ser que o atual tenha estado no cargo por um tempo muito longo. Aguiar afirmou que não entregaria o cargo a qualquer um, mas pediu a abertura de um concurso público para a nomeação. Isso ocorreu há quatro meses e o governo FHC não conseguiu encontrar ninguém para o cargo.

Roseli Abrão REPORTER

COLÉGIO ELEITORAL



O Tribunal Regional Eleitoral do Paraná já tem os eleitores que montarão o colégio eleitoral no próximo mês. O processo de inscrição dos eleitores já está em andamento. O Tribunal Regional Eleitoral do Paraná já tem os eleitores que montarão o colégio eleitoral no próximo mês. O processo de inscrição dos eleitores já está em andamento.

COLÉGIO ELEITORAL (II)

Após a conclusão do processo de inscrição dos eleitores, o Tribunal Regional Eleitoral do Paraná já tem os eleitores que montarão o colégio eleitoral no próximo mês. O processo de inscrição dos eleitores já está em andamento.

FRASES

De acordo com o governador José Serra, o processo de inscrição dos eleitores já está em andamento. O Tribunal Regional Eleitoral do Paraná já tem os eleitores que montarão o colégio eleitoral no próximo mês. O processo de inscrição dos eleitores já está em andamento.

APELIDOS

O artigo 13 da Lei 9.100/95, que estabelece o regime para a eleição de deputados estaduais, prevê a possibilidade de um deputado estadual ser eleito por um distrito eleitoral. Isso significa que um deputado estadual pode ser eleito por um distrito eleitoral, o que é diferente do sistema atual, em que os deputados estaduais são eleitos por circunscrição eleitoral.

VALIDADE

Artigo 13 da Lei 9.100/95, que estabelece o regime para a eleição de deputados estaduais, prevê a possibilidade de um deputado estadual ser eleito por um distrito eleitoral. Isso significa que um deputado estadual pode ser eleito por um distrito eleitoral, o que é diferente do sistema atual, em que os deputados estaduais são eleitos por circunscrição eleitoral.

REGISTRO

Após a conclusão do processo de inscrição dos eleitores, o Tribunal Regional Eleitoral do Paraná já tem os eleitores que montarão o colégio eleitoral no próximo mês. O processo de inscrição dos eleitores já está em andamento.

PALANQUE

O Tribunal Regional Eleitoral do Paraná já tem os eleitores que montarão o colégio eleitoral no próximo mês. O processo de inscrição dos eleitores já está em andamento.

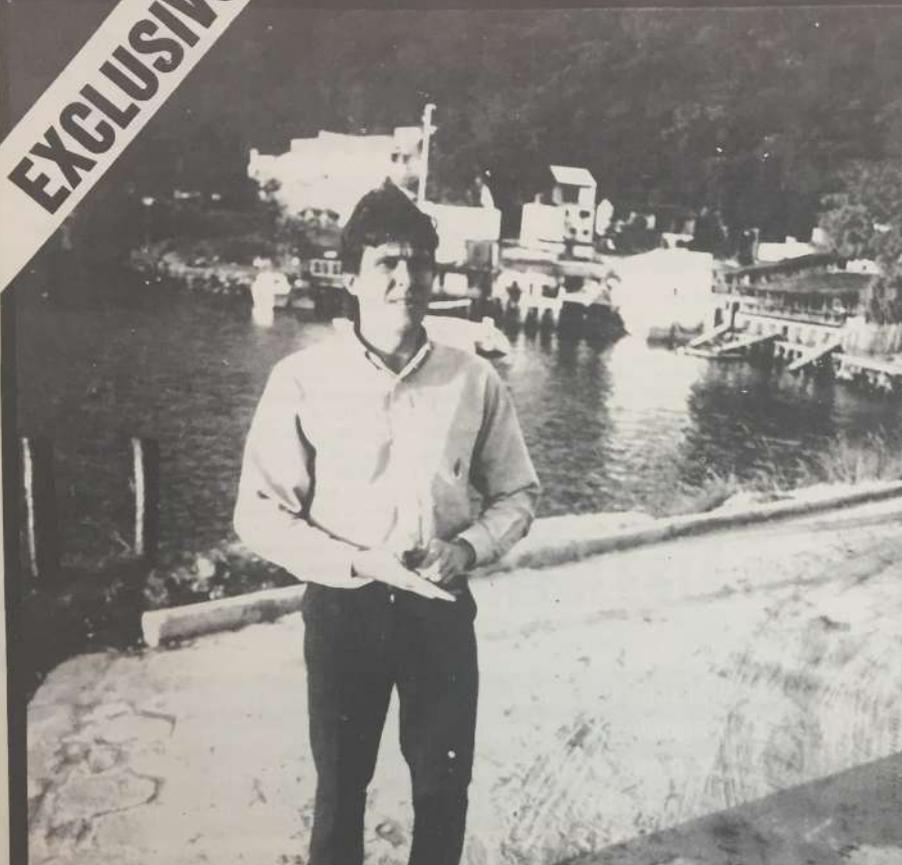
EXCLUSIVO AS BRUXAS DE GUARATUBA

O CAÇADOR DE BRUXAS

17 e 23 de junho de 1996

EXCLUSIVO

AS BRUXAS DE GUARATUBA



Diógenes Caetano

O CAÇADOR DE BRUXAS

Na terceira matéria sobre o caso das *Bruxas de Guaratuba*, **hora H** entrevista Diógenes Caetano, personagem-chave do mistério mais explosivo da crônica policial do Paraná. Com motivos (era inimigo da família Abagge) e meios (ex-policial) para armar a trama, ou até para cometer o crime que horrorizou o Paraná, Diógenes Caetano nega ter matado o pequeno Evandro Caetano - seu sobrinho -, mas faz uma confissão: foi ele quem levou a polícia até Celina e Beatriz Abagge e, por consequência, a seu calvário de torturas e estupro, do qual ele nega ter participado.

Mais ainda, Diógenes tem certeza que o outro menino desaparecido na época em Guaratuba - Leandro Bossi -, que ainda aparece nos cartazes de crianças desaparecidas (inclusive comoveu o Brasil quando sua foto apareceu em cenas da novela "Explode Coração"), está morto.

Ele conta, em detalhes, como Leandro Bossi morreu e onde está o corpo: jogado no fundo da Baía de Guaratuba depois de ter sido sangrado (dois litros e meio de sangue) e degolado.

Calmo, frio e lógico, Diógenes Caetano falou com exclusividade para a jornalista Vânia Mara Welte. Não deixou pergunta sem resposta e disparou acusações contra alvos bem definidos.

Afirma que existiram pressões políticas para proteger as Abagge, não para incriminá-las. Nomina o deputado Aníbal Curi como principal responsável por essas pressões.

Garante que orientou a Polícia Militar, porque a Polícia Civil se recusava a intervir para elucidar o caso. Sobre o delegado Luiz Carlos Oliveira, é fulminante: "O delegado Oliveira é um retardado. Se houver uma farsa montada, foi montada por ele".

POR VÂNIA MARA WELTE
FOTOS DE ADILSON MENDES

segue na pag 20 ➔

AS BRUXAS DE GUARATUBA

POLÍCIA VAI RECOMEÇAR INVESTIGAÇÕES

O delegado geral da Polícia Civil de Curitiba, Adão Roberto Bolognini, disse que a investigação está aberta e prometida para começar imediatamente após a conclusão da perícia. O delegado afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia. O delegado afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia.

PREOCUPAÇÃO COM AS DÚVIDAS
O delegado geral se mostrou preocupado com a situação. Ele afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia.

Ele afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia. Ele afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia.

DIÓGENES CAETANO DIZ QUE É VÍTIMA DA TÁTICA DE DEFESA

O engenheiro civil Diógenes Caetano, autor da denúncia ao Ministério Público contra Celina e Beatriz Abagge e outras cinco pessoas, acusadas do suposto assassinato do pequeno Evandro Caetano, em 1992, em Guaratuba, se defende das suspeitas que recaem sobre ele, afirmando em todas as direções.

Ele afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia. Ele afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia.

O deputado estadual Anibal Curi dá uma resposta curta e contundente ao engenheiro civil Diógenes Caetano. "Tudo o que Diógenes Caetano diz a respeito da minha vida é mentira. E eu não discuto com psicopata."

OLYMPIO DIZ QUE NÃO INTERFERE NAS DECISÕES DOS PROMOTORES

O deputado estadual Olympio diz que não interfere nas decisões dos promotores. Ele afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

"EVANDRO E LEANDRO ESTÃO MORTOS"

Apesar de o delegado Luis Carlos de Oliveira, atualmente responsável pela Delegacia de Crimes de Crianças e Estipulação, que afirma "não ser Evandro Caetano, o cadáver da criança apresentado à imprensa", o engenheiro civil Diógenes Caetano assegurou que tanto Evandro como o outro garoto, Leandro Bossi, desapareceram em Guaratuba no mesmo ano, "estão mortos". Ele sabe onde foi jogado o corpo do pequeno Leandro. Diógenes mostra o local e, ainda, responde todas as perguntas levantadas pelo jornal **hora H** e pelo próprio delegado Oliveira.

Ele afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia. Ele afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia.

QUEM ESTÁ NESTE TÚMULO?



O túmulo de Evandro Ramos Caetano em Guaratuba, hoje local de visitação e curiosidade pública, guarda outro mistério. Segundo o delegado Luis Carlos de Oliveira, o corpo que está enterrado ali não é o de Evandro.

Ele afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia. Ele afirmou que a investigação vai ser retomada imediatamente após a conclusão da perícia.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

POLÍCIA VAI RECOMEÇAR INVESTIGAÇÕES

O delegado-geral da Polícia Civil do Paraná, Ioleb Baleche Barbosa, disse que a instituição está aberta e preparada para atender qualquer determinação judicial ou requisição do Ministério Público para realizar diligências que as autoridades considerarem necessárias sobre o suposto assassinato do pequeno Evandro Caetano, no litoral do Paraná, em 1992, e que ficou conhecido como "o caso das Bruxas de Guaratuba". O delegado enfatiza: "Basta pedir que investigaremos novamente o caso".

Ioleb afirma que tem acompanhado o que diz o delegado Luis Carlos de Oliveira - hoje responsável pela Delegacia de Desvios de Cargas e Estelionato de Curitiba -, sobre o crime de Guaratuba. "Reconheço nele autoridade, competência e experiência para emitir opinião e levantar dúvidas sobre o assunto, porque ele acompanhou as investigações a fundo". Mesmo lembrando que Oliveira emite opinião pessoal e profissional, assegura que "o que ele diz deve ser respeitado e acatado".

PREOCUPAÇÃO COM AS DÚVIDAS

O delegado-geral se detém nas perguntas sem respostas. "As suspeitas que o delegado Oliveira levanta se baseiam em fatos investigados pelo profissional que ele é, portanto sabe o que está falando", argumenta. Ioleb reconhece que o caso do suposto crime de Guaratuba é complexo. Além disso, "julgar é muito complicado", atesta. E confessa sua preocupação para evitar injustiças na instituição.

Ioleb demonstra preocupação com a possibilidade de estar sendo cometida injustiça contra os sete acusados de suposto crime de Guaratuba, em ritual de magia negra. Mas deposita sua confiança no órgão competente para a fase em que se encontra o caso: a Justiça. "Evidentemente, a Justiça tem meios, através do próprio Ministério Público, de esclarecer toda e qualquer dúvida e, ainda, de requisitar novas diligências, inclusive na Polícia Civil", aponta.

Esta preocupação com o exercício da Justiça, o leva a fazer preleções diárias aos policiais. Ele relata que são cuidados necessários para evitar injustiças. Pode cautela, principalmente, quando os policiais realizam blitz nas ruas. "É melhor deixar um ladrão fugir, do que matar um inocente, às vezes, atirando até pelas costas", defende. Ioleb garante que "isto tem calado fundo nos policiais que exibem cautela nas abordagens e nas diversas ações em serviço, pela segurança da população".

DIÓGENES CAETANO DIZ QUE É VÍTIMA DA TÁTICA DE DEFESA

O engenheiro civil Diógenes Caetano, autor da denúncia no Ministério Público contra Celina e Beatriz Abagge e outras cinco pessoas, acusadas do suposto assassinato do pequeno Evandro Caetano, em 1992, em Guaratuba, se defende das suspeitas que recaem sobre ele, atirando em todas as direções.

"Sou inocente. Não matei Evandro. Se eu tivesse tanto ódio de Celina Abagge, como dizem, eu mataria ela e não uma criança", defende-se o engenheiro civil, Diógenes Caetano, que fez a denúncia no Ministério Público contra sete pessoas acusadas do suposto assassinato do pequeno Evandro Caetano, em ritual de magia negra, em 1992, em Guaratuba. "O envolvimento do meu nome no caso é a tática da defesa, em cima de um monte de mentiras, patrocinada pelo deputado Anibal Curi", acusa.

Ele diz que "tudo isso não passa de conjecturas loucas, num mundo louco". E acrescenta ser incapaz de matar uma pessoa. "Muito menos uma criança, minha parente", alega, enquanto os acusados por ele,

Celina e Beatriz Abagge - mulher e filha do ex-prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge, já falecido -, David dos Santos, Airton Bardelli, Oswaldo Marcineiro, Vicente de Paulo e Sérgio Cristofolini, estão presos desde 2 de junho de 1992, aguardando julgamento.

Para mostrar que conhece detalhes, os meandros do suposto crime e da política local, Diógenes argumenta que o deputado Anibal Curi "acoberta as Abagge porque quando era menino, pobre, foi empregado do desembargador José Nicolau Abagge, pai de Aldo, que inclusive o ajudou a entrar na política e a enriquecer". E resume a história: "Curi está pagando a sua dívida com os Abagge".

O deputado estadual Anibal Curi dá uma resposta curta e contundente ao engenheiro civil Diógenes Caetano. "Tudo o que Diógenes Caetano diz a respeito da minha vida é mentira. E eu não discuto com psicopata."

OLYMPIO DIZ QUE NÃO INTERFERE NAS DECISÕES DOS PROMOTORES

"O Ministério Público é autônomo", assegura o procurador geral da Justiça, Olympio de Sá Sotto Maior Neto. E enfatiza: "Os promotores de Justiça do Paraná têm autonomia funcional, sem sofrer qualquer interferência da Procuradoria Geral de Justiça do Estado". Ele refere-se a qualquer necessidade de solicitação de reabertura de investigações policiais no caso do suposto assassinato do pequeno Evandro Caetano, em Guaratuba, em 1992.

Olympio lembra que o processo judicial, no momento, aguarda a decisão do Tribunal de Justiça do Paraná quanto ao desaforamento da Comarca de Guaratuba, solicitado, para Curitiba, pela própria juíza Anésia Edith Kowalzi. "É somente após esta decisão de desatoramento é que poderá ser designado o promotor", esclarece.

Assim, se o julgamento - que deverá acontecer até o final deste ano - for em Guaratuba, poderá ser o promotor local que substituirá, Paulo Bueno da Luz, falecido nesta semana na capital. No lugar dele foi designado, temporariamente, o promotor da Comarca de Paranaguá, Roberto Mollmann Gonçalves Barros.

É se o julgamento for em Curitiba, um dos três promotores do Fórum da capital: Celso Ribas, Sílvio Khulmann ou Antônio Cesar Cioffi de Moura. "Cioffi já foi o promotor do caso e está bem informado", reconhece Olympio. "E quem poderá avaliar a necessidade ou não de mais diligências policiais será o próprio promotor do caso", reforça.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

"EVANDRO E LEANDRO ESTÃO MORTOS"

Ao contrário do delegado Luís Carlos de Oliveira, atualmente responsável pela Delegacia de Desvios de Cargas e Estelionato, que afirma "não ser Evandro Caetano, o cadáver da criança apresentado à imprensa", o engenheiro civil Diógenes Caetano assegura que tanto Evandro como o outro garoto, Leandro Bossi, desaparecido em Guaratuba no mesmo ano, "estão mortos". E ele sabe onde foi jogado o corpo do pequeno Leandro. Diógenes mostra o local e, ainda, responde todas as perguntas levantadas pelo jornal **hora H** e pelo próprio delegado Oliveira.

hora H - Era um dos denunciantes de Beatriz e Celina Abagge e dos outros acusados, o cidadão Diógenes Caetano, conhecido inimigo pessoal e político do então prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge?

Diógenes Caetano - Não era inimigo da família Abagge e posso provar o que digo de maneira incontestável. Na Folha de Guaratuba de 1988 tem publicada uma carta, enviada à Câmara de Vereadores da cidade, onde qualifico a administração de Aldo Abagge como competente, corajosa e moralizadora. Mas, depois de seis meses, ele mudou o rumo desta administração e, então, passei a criticá-lo. Mas na época do crime ainda não era inimigo político dele. Tanto é verdade que fui indicado por ele mesmo para ocupar a vaga de engenheiro civil no Conselho Municipal de Urbanismo, criado em 1990. E hoje sou inimigo apenas da Celina e da Beatriz Abagge porque acredito que elas mataram Evandro Caetano.

hora H - Diógenes conhecia métodos de investigação por ter pertencido à polícia civil?

Diógenes - Não só pertenci à Polícia Civil como fiz a Escola de Oficiais da Polícia Militar durante um ano. Conheci, conheço e pretendo continuar conhecendo métodos de investigação policial. O grupo de elite da Polícia Civil não estava interessado em descobrir o criminoso, por isso, paralelamente, investigava e repassava informações para eles. Mas a base deles (de trabalho) era na própria casa de Aldo Abagge e eles deixaram de falar comigo e de ter as minhas informações, que foram repassadas depois para a Polícia Militar.

hora H - Por que motivo a juíza de Guaratuba (Anésia Edith Kowalzik) obistou o prosseguimento das investigações que tinham como uma das suspeitas Valentina Teruggi, da Seita Luz?

Diógenes - Por falta de provas. Contra Valentina só havia boatos, na época.

QUEM ESTÁ NESTE TÚMULO?



O túmulo de Evandro Ramos Caetano em Guaratuba, hoje local de visitação e curiosidade pública, guarda outro mistério. Segundo o delegado Luis Carlos de Oliveira, o corpo que está enterrado ali não é o de Evandro.

segue na pag 22 ->

AS BRUXAS DE GUARATUBA

hora H - Por que não se estabeleceu um nexo entre a estada de Valentina no Estado do Pará - quando crianças foram mutiladas em rituais - com o caso de Guaratuba, e nem se buscou semelhança nos métodos utilizados?

Diógenes - Porque não havia fundamentos.

hora H - Se Beatriz e Celina Abagge foram presas e acusadas com base em confissões, diante de quem estas confissões foram obtidas e em que circunstâncias?

Diógenes - O que foi contado para mim, por policiais, é que elas confessaram o crime e os policiais foram levá-las aos locais do crime, para investigação mesmo. Mas eu não estava junto. Jamais as torturei. Não era meu papel. E, se foi feito, foi feito pela polícia e sem o meu conhecimento.

hora H - As prisões de Cristofolini e de Bardelli, que jamais confessaram o crime, foram baseadas em quê?

Diógenes - Foram baseadas nas confissões dos outros acusados que os incriminaram.

hora H - O que aconteceu com o menino Leandro?

Diógenes - O menino foi pego no show do Moraes Moreira, em fevereiro de 1992, levado até a praia das Caieiras, onde lhe retiraram dois litros e meio de sangue, sob degola. Então, depois de morto, o colocaram num saco, amarrado com duas pedras, e o jogaram na baía, próximo ao ferry-boat.

hora H faz outra pergunta: Como o senhor sabe disto?

Diógenes - Esta confissão foi feita ao repórter Gladimir Nascimento, quando trabalhava no Canal 6, em Curitiba, hoje CNT. Atualmente, Gladimir trabalha na Rede Paranaense, no Canal 12, em Curitiba.

hora H incluiu mais uma pergunta: Quem o matou?

Diógenes - Segundo confissões dos próprios acusados, foram Oswaldo Marcineiro, David dos Santos, Vicente de Paula, Sérgio Cristofolini e Airton Bardelli, com a intenção de fazer uma oferenda à lemanjá. Por isso que o corpo foi atirado nas águas do mar.

hora H - Existiram crianças dadas em adoção em Guaratuba, quantas e onde se encontram?

Diógenes - Sempre existem. A própria Celina Abagge pegou várias crianças para dar em adoção. Mas ninguém sabe para quem eram dadas.

hora H - Por que o corpo de Evandro foi abandonado em um local de fácil acesso para ser encontrado com vestes que permitissem a sua identificação?

Diógenes - Ora, eles mesmos, os acusados e a defesa, alegam que o corpo estava muito mutilado e, por isso, era difícil o seu reconhecimento. Eu não acho que o corpo estava em local de fácil acesso. Distava da casa de Evandro 1.200 metros, dos quais 800 metros eram percorridos dentro do mato.

hora H faz mais duas perguntas: Como o senhor sabe os números com exatidão? E como o senhor

explicaria a chave da casa e os chinelos de Evandro ao lado do corpo, que criminoso deixaria pistas como estas junto à vítima?

Diógenes - Guardei os números porque fiz este trajeto inúmeras vezes levando jornalistas, familiares e amigos. Acho que os objetos foram colocados ao lado do corpo, porque as chaves da casa e os chinelos deviam estar com Evandro. E me explicaram que em rituais de magia negra, em despachos, tudo o que estiver com a vítima, pertence à oferenda, por isso, deve estar junto, em uma certa área delimitada, para que a oferenda surta o efeito desejado.

hora H - Como desapareceu o resultado da sindicância da Secretaria da Segurança, sobre torturas, denunciadas por Celina e Beatriz Abagge?

Diógenes - Não desapareceu. O resultado da sindicância se encontra arquivado.

Diógenes responde, a seguir, as perguntas levantadas pelo delegado Luiz Carlos de Oliveira:

Delegado Luiz Carlos de Oliveira - Por que a polícia teria de seguir indicações de Diógenes Caetano, se tem competência para agir sozinho?

Diógenes - A Polícia Militar teve de seguir minhas indicações porque a Polícia Civil não quis seguir, mesmo sabendo que eu fui policial civil por 10 anos. Procurei o Ministério Público, junto com outras pessoas, e apresentei ao promotor Celso Carneiro Amaral as minhas denúncias e as pistas para a elucidação do crime, com os nomes das pessoas. Mas algumas que eu coloquei, como por exemplo a mãe-de-santo Astir, esqueci o sobrenome dela, que previu para a Maria (mãe de Evandro) o desaparecimento do filho, dois meses antes do fato acontecer, não foram presas. E esta mulher, Astir, é a sogra do David dos Santos, um dos acusados, atualmente preso.

Oliveira - Por que não foram feitos outros exames de DNA, necessários para a investigação e esclarecimentos do caso?

Diógenes - Foram feitos exames, com prova e contra-prova. E não há mais possibilidade de margem de erro.

Oliveira - Diante de quem foram feitas as coletas de material para o exame de DNA?

Diógenes - Foram feitas na presença do delegado Ricardo Noronha, que acompanhou a entrega do material até o diretor do Núcleo de Genética Médica de Minas Gerais. Eu não vi isto, mas os pais de Evandro foram até Curitiba para que fosse feita também a coleta de material genético deles. Do Evandro, sei que foram levados para exames a arcada dentária, um osso da perna e amostras da medula óssea. Sobre isto, foi o delegado Noronha que contou para a família.

Oliveira - Por que não foram divulgados os dois primeiros resultados, não conclusivos, de exames de DNA, que para mim querem dizer negativos?

Diógenes - Os dois primeiros exames não foram divulgados, talvez por se tratar de respostas não conclusivas para identificar paternidade.

Oliveira - Por que o último exame levou entre quatro a

cinco meses para ser realizado, quando se sabe que são necessários cerca de 30 dias apenas?

Diógenes - Porque os advogados de defesa impediram a divulgação, pedindo uma contraprova que atrasou o resultado dos exames. Isto porque, na época, os advogados de defesa entraram em Brasília com um pedido de habeas-corpus em favor de Celina e de Beatriz Abagge e a divulgação do resultado dos exames atrapalharia o pedido dos advogados.

Oliveira - Por que custou US\$ 20 mil, quando o valor normalmente cobrado fica em torno de US\$ 2 mil? Por que custou tão caro? Pagou o que ou quem?

Diógenes - Eu não sei. Mas acho que não custou tanto assim. Sei que é caro. Mas quem tem de mostrar o recibo da conta é, então, o delegado Oliveira.

Oliveira - Se as pessoas confessaram o crime contra Evandro, por que não confessaram também o local onde teriam escondido o corpo e os órgãos retirados do cadáver?

Diógenes - Fles confessaram onde estavam as partes. Mas dois meses depois não acharam nada, porque, segundo o ritual de magia negra, três dias após o ritual, as partes devem ser atiradas ao mar.

hora H faz mais uma pergunta: E quem fez tudo isto?

Diógenes - Quem comandou o ritual, quem jogou as partes no mar foi Oswaldo Marcineiro. Ele confessou.

A outra ossada de criança, encontrada em lugar pantanoso, em Guaratuba, depois que os acusados já estavam presos, estava vestida com roupas do garoto Leandro Bossi. E após exames periciais, verificou-se, surpreendentemente, tratar-se do corpo de uma menina. Então são necessárias mais três perguntas:

Oliveira - Quem vestiu com as roupas de Leandro Bossi aquele pequeno cadáver?

Diógenes - Não tenho a menor idéia. É evidente que alguém vestiu a criança, mas não me interessei em investigar isto, só me preocupei com o caso de Evandro, meu parente.

Oliveira - Qual a identidade daquela menina?

Diógenes - Não tenho a menor idéia.

Oliveira - Quem tem a verdade escondida debaixo da grande farsa que montou?

Diógenes - O delegado Oliveira é um retardado. Conheci delegados da Polícia Civil do Paraná e Oliveira foge à qualquer critério de competência. Mas se houver uma farsa montada, foi montada por ele. Para mim e para minha família, o caso está encerrado. Mas se os acusados forem julgados inocentes, então, o fato vai continuar em aberto, porque eles são realmente culpados. Quero deixar claro que os detalhes do crime jamais partiram de mim. E fiquei tão perplexo quanto todo mundo. Eu achava realmente que o crime havia sido cometido, mas não com o barbarismo contado.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

Maldição de Guaratuba

LUIZ GERALDO MAZZA

Guaratuba está, mais do que nunca, olhada como cidade maldita. Episódios recentes como o das bruxarias e rituais com sacrifícios de crianças, a tragédia do Edifício Atlântico que ruuiu e provocou mortandade, a circunstância de o cemitério da cidade, acanhado, junto às instalações do Iate Clube estar empilhando cadáveres e até os sepultando no caminho entre os jazigos, a está consolidando como sujeita ao Apocalipse como se deu na telenovela com a imaginária Tabacópolis.

E os antecedentes culturais, psicossociais, flutuam na memória do povo: os mais antigos, em passado distante, afirmavam que o primeiro sinal do fim dos tempos viria com o desaparecimento dos pássaros vermelhos denominados "guará", hoje de volta até à conturbada e poluída Cubatão, e que constituem a razão do topônimo. Sumiram os "guarás" e isso foi lembrado quando do solapamento que afundou a "vilinha", ciclo erosivo já concluído e que décadas depois o governo promete pelo menos tratar com uma solução toalete. E agora, para complementar superstições, o promotor público, que acabara de assumir o caso, morreu aos 29 anos de idade.

Pois nada disso, com toda essa soma de fatores negativos, impede a ambição de políticos que desejam governar Guaratuba ou nela influir como Anibal Curi, por exemplo, que desenvolve excepcional empenho em favor principalmente da mulher e filha, Celina e Beatriz, do seu falecido cabo eleitoral Aldo Abagge. Ao contrário dos demais acusados do processo - Osvaldo Marceneiro, Sérgio Cristofolini, Vicente de Paulo e David dos Santos - as duas acusadas ganharam, por uma decisão do STJ, o acesso à prisão domiciliar. Os demais réus permanecem na prisão e o seu advogado, do Antonio Augusto Figueiredo Basto, que teve indeferido pedido de habeas corpus, da semana passada, no STF alega que seus clientes não são de família rica, daí a sua "sorte".

Na verdade, embora toda a mitologia, Anibal Curi já não exerce no judiciário a

influência de tempos atrás quando além de ter participado até em nomeações de desembargadores, juizes do Alçada e titulares de cartórios, dentre os quais vários familiares, consegue até recusar-se a cumprir decisões de instância superior sem ser molestado.

Há uma luta dos advogados de Celina e Beatriz, para que o júri saia em Guaratuba, acreditando que com isso obterão facilmente a absolvição. Um parecer, muito bem fundamentado, do procurador de justiça, Luciano Lacerda, é favorável ao desforramento para Curitiba, posição aliás da juíza da comarca, Anésia Kowalzi.

O sensacionalismo, adotado pelo governo Requião (e seu secretário de segurança José Moacir Favetti) em cima do assunto o tornou contaminado, desde o início, pela política. Favetti chegou a declarar que se concedessem "habeas corpus" aos acusados ele os entregaria em praça pública à multidão para o linchamento. A contradição se percebe agora com o esforço para que o povo de Guaratuba não julgue os réus.

Há controvérsias sérias quanto à autoria, mas existe, igualmente, até mesmo gravações em vídeo levadas ao ar pela CNT com a confissão de Celina Abagge e com detalhes que ilustrariam uma peça de "Grand Guignol" do teatro francês.

Seguiu-se, pela imprensa, após os exageros da mídia na condenação uma igual postura em sentido contrário com um delegado de polícia, muito ligado a Anibal Curi, Luís Carlos de Oliveira, levantando questionamentos contra a acusação e até mesmo estabelecendo suspeita de manipulação do resultado de um exame de DNA.

A protelação do júri, provocada pelos recursos dos advogados, facilitou a concessão da prisão domiciliar para três dos acusados em fundamentos de cumprimento de pena sem condenação, o fato de serem primários e sem antecedentes criminais. Essa decisão do STJ pode ser revista e determinar o retorno dos beneficiários à prisão celular.

No dia em que Celina e Beatriz se recolheram à prisão domiciliar um grupo de manifestantes se mobilizou contra a concessão e o secretário de Segurança estranhamente mandou dissolver o grupo que protestava. O que mais envolve uma questão política. Embora a alegação de que se pregava o descumprimento de decisões judiciais, o que o próprio Tribunal de Justiça faz com seus funcionários que ganharam uma reposição superior a 60% em decisão do STF e que não é cumprida. Isso sem falar nas seguidas invasões de terras e com ordens de despejo que o governo também não cumpre. Para cada caso, conforme a conveniência, uma postura.

Visite a maior Feira de

Hora H #11 - 24/06 a 30/06/1996

Continuação reportagens Vânia, com destaque na capa e repercussão na seção de cartas dos leitores e Bastidores.

MARILENE ZICARELLI MILARCH
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PR - DIRETORA
RUA CANDIDO LOPES, S/N - CENTRO
CONTESTA 13 01
80.020-901 CURITIBA /PR

ANO 01 Nº11

R\$ 2,00

hora H

junho 96 seg 24 ter 25 qua 26 qui 27 sex 28 sab 29 dom 30



**DEPOIS
DE OSASCO,
OS SHOPPINGS
SOB SUSPEITA**
Página 27

AS BRUXAS DE GUARATUBA



João Bossi chora ao ler no *hora H* a denúncia de que o seu filho Leandro foi morto num ritual de magia negra e jogado no fundo da baía de Guaratuba.

EXCLUSIVO

PAI DE LEANDRO CONTA AGORA TODA A VERDADE

Reviravolta no caso das bruxas de Guaratuba: João Bossi pediu formalmente ao secretário da Segurança, Cândido Martins de Oliveira, para investigar a morte de seu filho. Segundo ele, foi enganado todo este tempo por Diógenes Caetano - o caçador das bruxas -, que lhe assegurava que Leandro estava vivo. Agora, João Bossi promete que vai contar à polícia tudo o que sabe. E garante: de acusador, Diógenes vai passar a réu. "Esse canalha vai pagar tudo o que fez de mal", desabafa.



Diógenes Caetano, o caçador de bruxas: de acusador a réu

João Bossi

- Diógenes ensaiou comigo muitas das mentiras que contei contra a família Abagge.

- Ele é um homem capaz de matar, porque é frio e calculista.

TUDO SOBRE A REVIRAVOLTA NO CASO DAS BRUXAS. A PARTIR DA PÁG. 19

Ao leitor

Pela quarta edição consecutiva, **hora H** aborda o caso das "Bruxas de Guaratuba". Nesta edição, uma surpreendente revelação de João Binotti capta de trazer luzes para um mistério que parecia condenado a se perpetuar.

Binotti vê se enceta suas últimas esperanças de ouvir seu filho Leandro, depois da grave denúncia feita na edição anterior, desta **hora H**, de que ele teria sido morto num ritual de magia negra. O desatado de um pai desesperado precisa encontrar seu na consciência dos paranaenses.

Quem pensa que deve prestar atenção a sua atenção em estado de ONU revela que o Paraná vem perdendo posições no ranking dos Estados com maior qualidade de vida do Brasil, apesar de ser parte do Sul, região que a ONU classifica como de paridade de Primeiro Mundo.

Com a publicação permanente de ampliar as opções de leitura, **hora H** abre espaço para a poética e escritora Edith Nicz, que passa a assumir uma coluna de crônicas que ficará a disposição de nossos leitores. A exemplo da seção "Saco Sem Segredo" da doutora Marilene Vargas, também uma escritora de sucesso, a nova edição de **hora H** tem tudo para se transformar num grande sucesso.

índice

- Bastidores, 3**
Cabe agora à polícia esclarecer o mistério de Guaratuba.
- Jogo da Verdade, 4**
Miguel Salomão diz que o Paraná vai bem.
- Semana, 8**
Balanco da semana que passou.
- Roseli Abreu, 16**
A volta da Lenor e os deputados que vão disputar profissões.
- Fábio Campana, 17**
A burocracia que vive mal burocracia.
- Alça de Mira, 18**
As armas do candidato César Taniguchi.
- As Bruxas, 19**
Uma reviravolta no caso das "Bruxas de Guaratuba".
- O Brasil do Sul, 24**
Uma pesquisa da ONU mostra que existem três fronts.
- Medo, 27**
A tragédia de Chavero mudou vigilância nos shoppings.
- Perfil, 28**
A cinquentária Wanderlei de novo em cena.
- Economia Real, 30**
Um balanço e do segundo aniversário do Plano Real.
- Comportamento, 32**
Cumbira tem a primeira agência de encontros só para homossexuais.
- Edith Nicz, 33**
A escritora e psicóloga estreia com sua coluna.
- Programa-se, 44**
O mais completo roteiro do onde ir e o que fazer em Curitiba. A crítica de Ivan Schmidt, resumo das novelas e muito mais.

hora H não publica nenhum anúncio. Para mais informações, consulte o telefone (41) 333-1111. O endereço é Rua Francisco Belchior, 225, Curitiba, Paraná, CEP 81212-900. O site é www.horah.com.br. O e-mail é horah@horah.com.br. O telefone é (41) 333-1111. O endereço é Rua Francisco Belchior, 225, Curitiba, Paraná, CEP 81212-900. O site é www.horah.com.br. O e-mail é horah@horah.com.br.

Cartas

Bruxas

Observando as manobras atuais do desaparecimento de Leandro e outros desaparecidos, muitos fatos sobre o caso das "Bruxas de Guaratuba" são revelados. O caso das "Bruxas de Guaratuba" é um dos mais importantes da história da imprensa brasileira. O caso das "Bruxas de Guaratuba" é um dos mais importantes da história da imprensa brasileira. O caso das "Bruxas de Guaratuba" é um dos mais importantes da história da imprensa brasileira.

Wanda Schmidt
Curitiba

Alípio de Lopo
Curitiba

BASTIDORES

"De tanto ficar em cima do muro, havia tucano que não sabia para que lado descer"
(De um observador da comissão de PSC)

A hora da verdade



Cláudio Aquino, presidente do PSC, em uma reunião com o governador de Paraná.

O secretário de Segurança Cláudio Aquino vai determinar ao delegado chefe da Polícia Civil, Toleb Babiche, que designe esta semana um delegado especial para investigar o caso das "Bruxas de Guaratuba". É desejável que essa providência seja tomada publicamente, com a maior transparência.

Ainda, também de um caso que, não do que nemham outro, movem com a opinião pública do Paraná e vem à luz neste momento em que as forças policiais do Estado enfrentam um período de séculos questionamento e desconfiança. No caso de Guaratuba, ocorreu em 1992, a Polícia Civil foi acusada de omissão e a Polícia Militar de brutalidade e de abuso de toda ordem. Existem suspeitas muito fortes que o caso das "Bruxas" foi conduzido por labor de interesses pessoais e estranhos à causa da justiça.

A morte de um pai, João Binotti, que chora o desaparecimento de seu filho Leandro - ocorreu há quatro anos, e aqui, agora, resolve contar tudo o que sabe, ainda que a oportunidade do Paraná acorte as costas com esse passado. Um passado com cadáveres impregnados e culpados impunes.

hora H dedica ao tema suas quatro últimas edições. Foram ouvidas as mulheres Abagge, Celina e Beatriz, acusadas de participação na morte de Evandro Ramos Castanho, que temo ocorrida num ritual de magia negra. Os seus depoimentos trouxeram um bom número de detalhes sobre o caso e a morte de Evandro Ramos Castanho.

Foi entrevistado também o delegado Luiz Carlos de Oliveira, que também discute inúmeras vezes a condição do caso e ali sobre a identidade do pequeno cadáver identificado oficialmente como sendo de Evandro Castanho.

Quinze dias depois do depoimento de Dirigenes Cantanhão, filho de Evandro, inúmeras perguntas são feitas apenas maliciosas a denunciar sobre a culpa de Celina e Beatriz Abagge, como fez uma revelação maliciosa. Outra crônica des-

ALEGRIA
O deputado André Luiz Costa está certo que não se entregará a comissão de Assessoria Especial do Senado. A comissão de que se trata não é a PSC, mas sim a comissão de Assessoria Especial do Senado. A comissão de que se trata não é a PSC, mas sim a comissão de Assessoria Especial do Senado.

GUIMAN
Com a saída de Guimán, o governador de Paraná vai determinar ao delegado chefe da Polícia Civil, Toleb Babiche, que designe esta semana um delegado especial para investigar o caso das "Bruxas de Guaratuba". É desejável que essa providência seja tomada publicamente, com a maior transparência.

ALABRE
A Diocese de Curitiba está sendo investigada por uma comissão de investigação da Comissão de Assessoria Especial do Senado. A comissão de que se trata não é a PSC, mas sim a comissão de Assessoria Especial do Senado.

PRADO FATAL
Em 26 de maio, o grupo de trabalho para investigar o caso das "Bruxas de Guaratuba" foi formado. O grupo de trabalho para investigar o caso das "Bruxas de Guaratuba" foi formado. O grupo de trabalho para investigar o caso das "Bruxas de Guaratuba" foi formado.

ESPERANÇA ESTRADA
O ministro da Justiça, Carlos Velloso, anunciou que vai investigar o caso das "Bruxas de Guaratuba". O ministro da Justiça, Carlos Velloso, anunciou que vai investigar o caso das "Bruxas de Guaratuba".

c e

ia esclarecer o mistério de Guaratuba.

de, 4
z que o Paraná vai bem.

a que passou.

16
os deputados que vão disputar prefeituras.

na, 17
cria mais burocracia.

18
dato Cássio Taniguchi.

o caso das "Bruxas de Guaratuba".

ul, 24
ONU mostra que existem três brasis.

sco redobra vigilância nos shoppings.

anderlêa de novo em cena.

al, 30
segundo aniversário do Plano Real.

nto, 32
meira agência de encontros só para homossexuais.

3
óloga estréia com sua coluna.

, 44
roteiro de onde ir e o que fazer em Curitiba.
Schmidt, resumo das novelas e muito mais.

ão semanal (circula aos domingos) da Editora Via da Notícia Ltda.
725 - 6º andar - Fone (041) 225.1808 Cep 80420-080 Curitiba /

LO - SP **Esaf Publicidade e Comunicação Ltda.** Rua Maestro Gridin, 343
01.323.000 - Fone: (011) 288-2599 Fax: (011) 288-2623 **RIO DE JANEIRO**
omunicação Ltda. Av. 13 de Maio, 33 - Conj. 605 CEP 20.031.000 - Fone:
6 **BRASÍLIA - DF CAC Representações Publicitárias Marketing e Promoção**
C, Valparaíso CEP 72.870.000 - Fone: (061) 225-1835 **FLORIANÓPOLIS**
ções de Veículos de Comunicação Ltda. Rua Bento Gonçalves, 156 - CEP
1.23-2553 **PORTO ALEGRE - RS Cido Comércio e Representação Ltda.**
757, CEP 90.650.002 Fone: (051) 336-3721
cia Folha, AIB, France Presse
leiros: Ghignone (fone: 233-9595)
mício: Pontual Lopes (fone: 338-1024)
4 (fone: 352-2717)
ra O Estado do Paraná (fone: 335-1416)

Cartas

Bruxas

Observando as matérias acerca do desaparecimento de crianças e outros depoimentos importantes sobre o mesmo assunto, em especial o caso de Guaratuba, vimos pelo presente solicitar de Vossas Senhorias, os exemplares nºs 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08 e 09 desse conceituado jornal, **hora H**. Tais matérias, auxiliam sobremaneira nossas investigações, além de desempenhar um importante trabalho na busca da verdade e da justiça, dizendo e fazendo dizer, com coragem e altruísmo, sobre assuntos que foram esquecidos ou omitidos, dado ao descaso, por outros ramos da imprensa.

Aproveitamos o ensejo para parabenizá-los pela coragem e despreendimento com que vem esse jornal, tratar do assunto antes referenciado, reiterando por oportuno, nossos votos de respeito e admiração.

Detetive Walmir F. Battú
Presidente do Interbureau

Acompanho as reportagens de **hora H** sobre o caso de Guaratuba e estou espantada e indignada. Minha reação decorre não apenas das brutalidades a que foram submetidas aquelas duas mulheres, presas até hoje sem julgamento, como com a total falta de reação das autoridades. Seu jornal já reuniu elementos para reabrir o caso, no entanto, nada acontece. É a nossa Justiça e o nosso Brasil. Infelizmente.

Wanda Schmidt
Curitiba

Já conhecemos os dois lados do caso de Guaratuba. Não estaria na hora da nossa polícia por tudo em pratos limpos? Afinal, pessoas inocentes podem estar sendo acusadas e pagando por crimes que não cometeram.

Alípio B. Lopes
Curitiba

BASTIDORES

havia tu

A hora d

O secretário da Segurança Cândido Mart de Oliveira vai determinar ao delegado chefe da Polícia Civil, Toleb Baleche, que designe esta semana um delegado especial para ou as denúncias de João Bossi sobre o caso de "Bruxas de Guaratuba". É desejável que a providência seja tomada publicamente, com maior transparência.

Afinal, trata-se de um caso que, mais do que nenhum outro, mexeu com a opinião pública do Paraná e vem à tona num momento em que as forças policiais do Estado enfrentam um período de inédito questionamento e descrédito. No caso de Guaratuba, ocorrido em 1991, a Polícia Civil foi acusada de omissão e a Polícia Militar de truculência e de abusos de toda ordem. Existem suspeitas muito fortes que o caso das "Bruxas" foi conduzido ao sabor de interesses poderosos e estranhos à causa da Justiça.

A revolta de um pai, João Bossi - que chora o desaparecimento de seu filho Leandro - ocorrido há quatro anos, e que, agora, resolve contar tudo o que sabe, pode ser a oportunidade do Paraná acertar as contas com esse passado. Um passado com cadáveres insepultos e culpados impunes.

hora H dedicou ao tema suas quatro últimas edições. Foram ouvidas as mulheres Abagge, Celina e Beatriz, acusadas de participação na morte de Evandro Ramos Caetano, que teria ocorrido num ritual de magia negra. De seu depoimento emergiu um horror inédito num relato de torturas estupro e abuso de toda ordem.

Foi entrevistado também o delegado Luís Carlos de Oliveira, que levantou dúvidas tremendas sobre a condição do caso e até sobre a identidade do pequeno cadáver identificado oficialmente como sendo o de Evandro Caetano.

Ouvimos depois o depoimento de Diógenes Caetano, tio de Evandro, inimigo dos Abagge. Ele não apenas reafirmou a denúncia sobre a culpa de Celina e Beatriz Abagge com uma revelação macabra. Outra criança

"De tanto ficar em cima do muro, havia tucano que não sabia para que lado descer"

(De um observador da convenção do PSDB)

A hora da verdade

O secretário da Segurança Cândido Martins de Oliveira vai determinar ao delegado chefe da Polícia Civil, Toleb Baleche, que designe esta semana um delegado especial para ouvir as denúncias de João Bossi sobre o caso das "Bruxas de Guaratuba". É desejável que essa providência seja tomada publicamente, com a maior transparência.

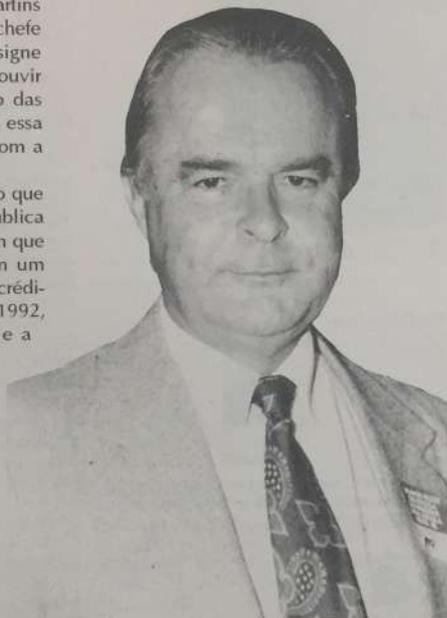
Afinal, trata-se de um caso que, mais do que nenhum outro, mexeu com a opinião pública do Paraná e vem à tona num momento em que as forças policiais do Estado enfrentam um período de inédito questionamento e descrédito. No caso de Guaratuba, ocorrido em 1992, a Polícia Civil foi acusada de omissão e a Polícia Militar de truculência e de abusos de toda ordem. Existem suspeitas muito fortes que o caso das "Bruxas" foi conduzido ao sabor de interesses poderosos e estranhos à causa da Justiça.

A revolta de um pai, João Bossi - que chora o desaparecimento de seu filho Leandro - ocorrido há quatro anos, e que, agora, resolve contar tudo o que sabe, pode ser a oportunidade do Paraná acertar as contas com esse passado. Um passado com cadáveres insepultos e culpados impunes.

hora H dedicou ao tema suas quatro últimas edições. Foram ouvidas as mulheres Abagge, Celina e Beatriz, acusadas de participação na morte de Evandro Ramos Caetano, que teria ocorrido num ritual de magia negra. De seu depoimento emergiu um horror inédito num relato de torturas estupro e abusos de toda ordem.

Foi entrevistado também o delegado Luís Carlos de Oliveira, que levantou dúvidas tremendas sobre a condição do caso e até sobre a identidade do pequeno cadáver identificado oficialmente como sendo o de Evandro Caetano.

Ouvimos depois o depoimento de Diógenes Caetano, tio de Evandro, inimigo dos Abagge. Ele não apenas reafirmou a denúncia sobre a culpa de Celina e Beatriz Abagge como fez uma revelação macabra. Outra criança desa-



Cândido: oportunidade de passar o caso de Guaratuba a limpo

parecida em Guaratuba, Leandro Bossi também foi morto em um ritual de magia e seu corpo arremessado na Baía de Guaratuba numa oferenda a Iemanjá.

A fala de Diógenes levou o pai de Leandro, João Bossi, a decidir contar tudo o que sabe e que vinha guardando consigo nos últimos quatro anos. A convicção de que toda a condução do caso feita pela polícia até agora está errada e dá o nome do suspeito pelos crimes de Guaratuba.

hora H cumpriu o papel que se espera da imprensa. Investigou, ouviu, confrontou versões, registrou acusações e defesas. Cabe agora, com a denúncia de João Bossi, ao secretário de Segurança, que o Estado assumo o seu papel.

ALEGRIA

O deputado Aníbal Curi está como quer. Com a recondução à presidência da Assembleia virtualmente acertada (a exceção de parte da bancada do PT e um ou outro dissidente), garante que estará no comando do Legislativo num período chave. Inclusive arrisca, no caso de desincompatibilização do governador Jaime Lerner e da vice, Emília Belinati, ficar como governador do Paraná por um período de seis meses.

GUELMAN

Gerson Guelman está sendo cobijado para assumir a coordenação geral da campanha de Cássio Taniguchi. Em certos setores da campanha, considera-se que a desincompatibilização do secretário, ainda que temporária, seria um forte trunfo para o candidato do PDT.

ALARME

A Biblioteca Pública fechou para o público na última sexta-feira por ordem do secretário da Cultura, Eduardo Rocha Vimond. O motivo foi uma ameaça anônima de bomba feita por telefone.

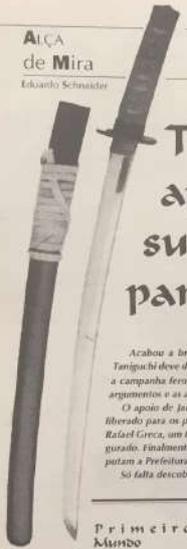
PRAZO FATAL

Vence no dia 26 o prazo dado pelo juiz Leônidas da Silva Filho, da 2ª Vara da Fazenda Pública de Curitiba para que o vereador Irls Simões, presidente da Câmara, apresente toda a documentação referente a contratação de funcionários, gastos com publicidade, locação de veículos e outras informações solicitadas pelo vereador Marcelo Almeida.

ESTRANHA ESTRADA

O ministro dos Transportes, Odacir Klein, assinou convênio com o Ministério do Exército para a realização de estudo de impacto ambiental e viabilidade financeira para futura concessão da ligação Curitiba/Porto Alegre/Fronteira Oeste do Rio Grande com a Argentina. O traçado desta estrada está intrigando muita gente.

Edmar Schneider



Taniguchi apresenta suas armas para campanha

Acabou a brincadeira no PDL. Candidato oficial à Prefeitura, Cláudio Taniguchi deve deixar de lado a proverbial timidez e mostrar suas armas para a campanha feroz que se inicia. Ao contrário do que pretendem alguns, os argumentos e as armas do candidato são formidáveis.

O apoio de Jaime Lerner, um administrador lendário em Curitiba, agora liberado para os palanques é a mão forte dele. O engajamento do prefeito Rafael Greca, um líder de obras, com altos índices de aprovação, está assegurado. Finalmente, a posse do melhor currículo entre os candidatos que disputam a Prefeitura da capital, completa esse arsenal.

Só falta descobrir se o candidato tem gara de samurai.



Primeiro Mundo

O candidato Taniguchi, para uma cidade que se orgulha de ser a única dos arcebispos, precisa ter o vigor de sua história, pode ser o argumento de maior peso nessa campanha. Se o candidato medo fala do gosto com as crianças, o melhor é não falar. Não há cidade de Curitiba que, desde a fundação de Francisco Mandu e antes da sua extinção, não tenha sido governada por um governador. Não há cidade que não tenha sido governada por um governador. Não há cidade que não tenha sido governada por um governador.

Emprego

Além de não ter emprego, o candidato que...

O recurso da baixaria

Entre as estratégias de Cláudio Taniguchi, merece uma menção especial a baixaria. As credenciais do candidato não são superiores às de seus adversários que a tentação de recorrer à baixaria vai ser muito forte. É o aí que mora o perigo.

Ponto final

Os lucanos, com bicos rachados desde as eleições que marcaram a convenção do partido que deu origem à candidatura própria, se angustiam com a divisão, agora da cúpula vitoriosa. Ali existem os candidatos. Os que pretendem ganhar os votos e os que pretendem ganhar o partido e os que pretendem ganhar a cidade espalhando e destruindo os velhos lucanos. A tendência de uma solução...

AS BRUXAS DE GUARATUBA

EXCLUSIVO



João Bossi

AGORA, A VERDADE

Uma reportagem surpreendente do caso das "Bruxas de Guaratuba". Transcrita com a autorização feita por Diogenes Costeira ao livro de João de Deus que o filho João Bossi havia sido morto num ritual de magia negra em 1982, João Bossi confessa à jornalista Vera Maria Weller tudo o que sabe.

"Diogenes me chamou todo esse tempo e me levou a conhecer a família Bopp".

Em seguida, veio a Curitiba, acompanhado pelos antropólogos Luiz Maitland e Francisco Blacich, na época recém chegado ao secretariado da Superintendência Municipal de Saúde. Agora, Cláudio Taniguchi apresenta uma reportagem especial sobre o desaparecimento de João Bossi e abre uma investigação para apurar todos os detalhes.

As surpreendentes revelações de João Bossi sobre sua vida e suas experiências.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

João Bossi mostra a foto de seu filho Leandro ao lado de sua atual mulher, Rose, e de seus filhos Lucas e Neli

EXCLUSIVO



João Bossi

AGORA, A VERDADE

Uma reviravolta surpreendente no caso das "Bruxas de Guaratuba". Transformado com a denúncia feita por Diógenes Caetano ao hora H de que seu filho Leandro Bossi havia sido morto num ritual de magia negra em 1992, João Bossi confessou à jornalista Vania Mara Welte tudo o que sabe.

"Diógenes me usou todo esse tempo e me levou a mentir e incriminar a família Abagge".

Em seguida, veio a Curitiba. Acompanhado pelos advogados Luiz Maister e Francisco Macedo, fez o mesmo relato ao secretário de Segurança, Cândido Martins de Oliveira. Agora, Cândido vai determinar que um delegado especial tome o depoimento de João Bossi e abra um inquerito para apurar todas as denúncias.

As surpreendentes revelações de João Bossi estão nas páginas seguintes.

ombro
e dec
n outr
n das
recom
esepar
ndo e
adical

29 a.30 de junho de 1996

JOÃO BOSSI CONFESSA: - FUI USADO POR DIÓGENES CAETANO

Domínio, 16 de julho de 1990

As três declarações do empresário Diógenes Caetano de que se propôs a Evandro Bossi em 1969, em um momento de crise política, são hoje o maior segredo de João Bossi, o que não se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi. Uma filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi. Uma filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.



João Bossi em sua casa em Guaratuba, Paraná, em 1989. Foto de Vitor Mello/ABRIL

... e a filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi. Uma filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

"OCEI CONTA TUDO"
João Bossi não se dá por satisfeito com a declaração de Diógenes Caetano de que se propôs a Evandro Bossi em 1969, em um momento de crise política, são hoje o maior segredo de João Bossi, o que não se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

ASSUMINDO FÉREO
O filho do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi. Uma filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

UM CADÁVER SEM MAU CHEIRO

Mais de 20 anos depois de sua morte, o corpo de Diógenes Caetano de que se propôs a Evandro Bossi em 1969, em um momento de crise política, são hoje o maior segredo de João Bossi, o que não se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

... e a filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi. Uma filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

"NÃO É O CORPO DE EVANDRO"
O filho do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi. Uma filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

UMA HISTÓRIA FURADA

João Bossi não se dá por satisfeito com a declaração de Diógenes Caetano de que se propôs a Evandro Bossi em 1969, em um momento de crise política, são hoje o maior segredo de João Bossi, o que não se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

... e a filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi. Uma filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

BOSSI ESCREVE QUÍVIDAS
O filho do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi. Uma filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

5 CRIANÇAS DESAPARECERAM NAQUELE DIA EM GUARATUBA

João Bossi não se dá por satisfeito com a declaração de Diógenes Caetano de que se propôs a Evandro Bossi em 1969, em um momento de crise política, são hoje o maior segredo de João Bossi, o que não se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

... e a filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi. Uma filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

FOTO DE EVANDRO CAETANO ESTÁ NO CARTAZ DE CRIANÇAS DESAPARECIDAS
O filho do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi. Uma filha do pai, a jornalista e apresentadora de televisão, também se sabe até hoje pelo **João Bossi** e o filho, o empresário brasileiro João Bossi.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

UMA HISTÓRIA *FURADA*

hora H foi também conferir o que disse João Bossi sobre o desaparecimento do corpo de uma criança morta, após atropelamento, que estava no Instituto Médico Legal (IML), de Joinville, em Santa Catarina. "Jamais desapareceu qualquer corpo de criança, ou de adulto nos 10 anos de existência do Instituto e nunca Diógenes Caetano trabalhou aqui", disse uma das mais antigas funcionárias do local, Neida Pereira da Silva.

Ela trabalha no IML de Joinville desde 1989 e jamais soube deste fato. E para comprovar que o que dizia era verdade relacionou o nome de todos os funcionários: Sidney Stelmar Netto, o mais antigo, que trabalhou sozinho no local durante anos, desde a sua implantação, depois ela, Neida foi contratada e, em seguida, também Sílvia Luzia Neves, Marlon Cesar Gomes e Inês Alves dos Santos.

BOSSI ESCLARECE DÚVIDAS

O pai de Leandro, João Bossi, foi procurado novamente pelo **hora H** para esclarecer as dúvidas sobre declarações de que Diógenes Caetano tinha trabalhado no Instituto Médico Legal de Joinville (SC) e, ainda, sobre o desaparecimento de um corpo de criança. Ao saber que suas declarações foram checadas e não tinham fundamento, Bossi fez algumas observações. "Falei o que ouvi dizer em Guaratuba. Não me lembro se o IML era de Joinville e cabe a polícia investigar isto e não a mim, pai da vítima. Mas uma coisa volto a afirmar: Aquele corpo não é de Evandro Caetano e foi retirado de algum IML, sim", enfatizou.

As pequenas vítimas da corrupção em Guaratuba

João Bossi diz que está revoltado. Lembra que tem um filho desaparecido e uma filha que foi estuprada aos três anos de idade. "Meus filhos são vítimas da violência deste mundo. Não há justiça no Paraná, mas há corrupção", assegura, lançando novas dúvidas.

Ele indaga: "Como Diógenes conseguiu dinheiro pra comprar um carro novo e uma confeitaria grande em um novo ponto, em Guaratuba?" Bossi muda o enfoque do caso. Assegura que conhece uma história de corrupção. "Sei quem dividiu US\$ 100 mil", enfatiza.

É pressionado, denuncia os nomes de Valentina Tenuji e Diógenes Caetano. "Há um terceiro nome, de uma pessoa muito importante na cidade, mas só falo diante do secretário de Segurança, se ele me garantir proteção pra minha família", pondera.

João Bossi faz exigências. "Quero também, cuidando do caso, o delegado de minha confiança, Luís Carlos de Oliveira, que fez muita investigação sobre o desaparecimento das crianças", pede. Ele relembra que o filho, Leandro, desapareceu quando estava com a cueca, as meias e os chinelos, toda a roupa que vestia a ossada de uma menina achada em Guaratuba. Ele deduz que se Diógenes sabe que Leandro está morto e até onde está o corpo dele, "deve saber também quem vestiu aquela ossada de criança com as roupas de Leandro".

5 CRIANÇAS DESAPARECERAM NAQUELE DIA EM GUARATUBA

João Bossi, conta que na mesma noite em que seu filho, Leandro, desapareceu durante o show do Cantor Moraes Moreira - conforme relato de algumas testemunhas - outras quatro crianças também sumiram. Entre elas estava o filho de um casal de amigos deles, o pequeno Aramis, também com cerca de sete anos de idade, na época.

Mas durante a madrugada, todas as crianças voltaram para casa. Aramis foi devolvido aos pais, por policiais militares, durante aquela madrugada mesmo. Mas o que intriga a família Bossi é o que Aramis fala até hoje às crianças sobre aquela noite. Aramis diz: "Todos conseguiram se safar, só Leandro se ferrou".

Além disto, quando eles procuraram o menino para saber detalhes sobre o tempo em que as crianças ficaram desaparecidas, os pais dele disseram que o tinham mandado passar uma temporada com parentes em Ponta Grossa. "Foi só pra ele não falar nada sobre o assunto", desconfiam.

Para conferir a história, **hora H** procurou localizar a família de Aramis. Encontrou-a durante a noite, sob muita chuva. Numa casa simples de madeira, pela janela, atendeu o pai de Aramis, Antônio Carlos de Castro. Ele disse que a mulher, Inês de Castro, estava fora, em Curitiba, e Aramis estava na rua.

"Como sempre", desabafou, antes de negar o desaparecimento de qualquer filho.

Ao ser perguntado sobre o sumiço passageiro de Aramis e outras três crianças, na mesma noite em que desapareceu Leandro Bossi, o homem negou. "Meus filhos nunca desapareceram", declarou, sendo imediatamente desmentido por um garotinho que enfiou a cabeça no canto da mesma janela.

O GRANDE PEQUENO HOMEM

"Desapareceu sim, foi o meu irmão Aramis", afirmou, tendo a cabecinha empunhada para dentro pelas mãos do pai. "Sai daqui moleque", advertiu. Mas o pequeno queria falar e saiu para fora, debaixo de chuva, enquanto o pai tossia, pigarreava e gaguejava, tentando se explicar.

Mesmo contra a vontade do pai, o pequeno respondeu as perguntas que lhe foram feitas. Disse ter dez anos e se chamar Tiago. Também falou sobre o desaparecimento temporário de Aramis e das outras três crianças. "Meu irmão sumiu sim, mas minha mãe não gosta que a gente fale disto", avisou.

FOTO DE EVANDRO CAETANO ESTÁ NO CARTAZ DE CRIANÇAS DESAPARECIDAS

Apesar de sete pessoas estarem presas desde 2 de julho de 1992, e aguardando julgamento, pelo suposto assassinato do pequeno Evandro Caetano, de sete anos, em ritual de magia negra, em Guaratuba, a foto do garotinho aparece em milhares de cartazes que estão sendo distribuídos no Brasil e em diversas partes do mundo, pelo Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas.

A foto de Evandro Caetano está ao lado de outras 38 crianças também desaparecidas. Há ainda dados sobre cada uma delas. E a razão da inclusão da foto e de dados sobre Evandro Caetano, segundo o presidente do Conselho de Detetives do Brasil e também presidente do Bureau, Walmir Battú, é simples: "Nós trabalhamos, desde 1992, acreditando que o corpo mutilado encontrado e apresentado como o de Evandro Caetano é de outra criança, portanto, ele continua desaparecido", explica.

O Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas vai distribuir até o final deste ano 1 milhão de cartazes em todo o Brasil e mais cerca de 700 mil em diversas línguas, conforme o país onde será afixado. Alguns já estão prontos e serão enviados à Inglaterra, Espanha, Itália, França, Alemanha, Egito e Israel. "Mas poderão também ser estendidos a outras partes do mundo", diz Battú.

"EVANDRO E LEANDRO ESTÃO VIVOS", DIZ BATTÚ

O presidente do Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas, Walmir Battú, enviou uma carta ao **hora H**, para dar o seu depoimento e parecer profissional sobre o caso conhecido como as "Bruxas de Guaratuba". Battú é contundente: "Evandro Caetano e Leandro Bossi estão vivos e em algum lugar que espero encontrar em breve".

Eis a íntegra do documento:

Curitiba, 19 de junho de 1996

Ilma. Sra. Jornalista Vania Mara Weller

Trabalhando nas investigações acerca das Crianças Desaparecidas.

parecidas, desde 1992, através do Conselho dos Detetives do Brasil e atualmente no Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas, desejo esclarecer alguns pontos sobre o assunto perseguido por esse corajoso e persistente jornal, que é o seguinte:

1. Está certo o delegado Luís Carlos (de Oliveira), no que tange os comentários do indivíduo Diógenes (Caetano), quando imputou falsas acusações sobre a família Abagge e induziu a Polícia Militar ao resultado desastroso que hoje, a Justiça Divina, insiste em mostrar;
2. Indignado, verifiquei nas declarações do aludido acusador, tanta responsabilidade pela calúnia, quanto pelo sumiço de alguma criança que ele demonstra ter profundo conhecimento e, de roldão, alarange mais algumas, inclusive Leandro Bossi;
3. Todavia, não reconheço nos corpos encontrados em Guaratuba, nenhuma das crianças desaparecidas e constadas nos cartazes de Busca, como também, não acredito tratar-se de Leandro ou Leandro, os quais foram dados como mortos, por Diógenes Caetano;
4. Entretanto, analisando mais à miúdo as histórias de Diógenes Caetano e estibado na minha experiência policial como ex-delegado de polícia e, atualmente, detetive criminal, identifiquei no comportamento dessa "testemunha" um quadro patológico de psicopatia, digno de um tratamento especializado.

Isto posto, reitero que os meninos Evandro Caetano Ramos e Leandro Bossi estão vivos em algum lugar que espero encontrar em breve, além de que, não se deve permitir tamanha temor a pais tão sofridos que alimentam, de alguma maneira, a esperança do apagar de grande pesadelo, com o retorno aos lares de seus queridos filhos.

Cordialmente:

Walmir Battú

Presidente do Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas

segue na pág 22 >>

AS BRUXAS DE GUARATUBA

Para entender o caso...

Em 15 de fevereiro de 1992 desapareceram cinco crianças em Guaratuba, durante o show do cantor Moraes Moreira, segundo algumas testemunhas. Quatro delas voltaram para casa, com exceção do pequeno Leandro Bossi, desaparecido até hoje.

Leandro é filho de Paulina e de João Bossi, hoje casado com Rose, com quem tem mais dois filhos (Lucas, com três anos de idade, e Neli, com sete). No dia 7 de abril de 1992, desapareceu outra criança, Evandro Caetano, com sete anos de idade, filho de Maria e de Ademar Caetano.

A comoção e o pânico tomaram conta da pequena Guaratuba, no litoral paranaense. As autoridades policiais começaram a investigar o desaparecimento dos menores, até que um corpo de criança apareceu em um matalgal próximo à casa dos Caetano. O caso repercutiu além das fronteiras do Paraná.

Na época, o prefeito de Guaratuba era Aldo Abagge, eleito pelo PDI, partido de oposição ao Governo do Estado, que era do PMDB. Brigas internas entre as polícias civil e militar, suspeitas de superfaturamento em compras de helicópteros para a Secretaria de Segurança, interesses pré-eleitorais e pressão do governador Roberto Ressler para que tudo fosse esclarecido, passavam todo o caso do desaparecimento das crianças.

A briga entre as polícias ficou mais evidenciada quando o secretário de Segurança, Moacir Favetti, determinou a entrada nas investigações da Polícia Militar, acompanhada extra-oficialmente por agentes da Polícia Federal, a qual pertence Favetti.

Para complicar ainda mais, o engenheiro Diógenes Caetano, reconhecido inimigo da família Abagge, distribuía panfletos contra os Abagge. Com o aparecimento do corpo de uma criança, em estado putrefato e mutilado, em um matalgal de Guaratuba, Diógenes, acompanhado de algumas pessoas, foi ao Ministério Público onde fez denúncia contra Celina e Beatriz Abagge - mulher e filha do prefeito de Guaratuba - e, ainda, acrescentou outros nomes, como suspeitos de terem assassinado o pequeno Evandro Caetano.

Com o corpo de uma criança do sexo masculino e com uma lista de suspeitos, no dia 2 de julho de 1992, policiais militares invadiram casas e prenderam pessoas. Desde aquela data estão presos Celina e Beatriz Abagge, David dos Santos, Ailton Bardelli, Oswaldo Marcineiro, Vicente de Paulo e Sérgio Cristofolini. E nenhum foi ainda julgado.

No dia em que foram presos, durante cerca de oito horas, os acusados ficaram desaparecidos, em poder da polícia militar, que os levou, no dia seguinte, até a Secretaria de Segurança em Curitiba, onde apresentaram à imprensa fitas com gravações do reconhecimento de culpa dos acusados.

Mas nem todos assinaram documentos reconhecendo esta culpa e, até hoje, juram inocência e acusam a polícia militar e, também Diógenes Caetano, de terem obtido a confissão deles sob tortura e sevícias de todas as espécies. Sobre as torturas, a advogada Isabel Mendes elaborou um dossiê, denominado "Tortura Nunca Mais?", que distribuiu a diversas autoridades, em todos os escalões.

Para levantar a identidade do pequeno cadáver foram realizados três exames de DNA. Mesmo sem ter ainda a comprovação da existência de um crime - o resultado final dos exames de DNA só ficou pronto em 21 de março de 1993 -, todos os sete acusados ficaram e estão presos, acusados de um suposto crime, sob ritual de magia negra, contra o pequeno Evandro Caetano.

O delegado Luís Carlos de Oliveira, que investigou o desaparecimento das crianças e o suposto crime, levanta uma série de dúvidas sobre o caso, inclusive de que o cadáver encontrado não é de Evandro, mas de uma outra criança

mais velha. A par destes acontecimentos, continuava de, saparecido Leandro Bossi.

Depois que os sete acusados já estavam presos, foi encontrada uma ossada de criança em um lugar paria, noso, vestida com as roupas do pequeno Leandro Bossi. Levada para exames periciais, uma surpresa: o corpo era de uma menina.

Surgem então novas indagações: De quem é aquele corpo de menina? Quem a matou? E quem a vestiu com as roupas de Leandro Bossi? Com todas estas questões também fica evidenciado que o mistério que envolve o desaparecimento de Leandro está ligado, pelo menos, a este crime contra a menina.

Para rebater suspeitas que recaem contra si, Diógenes Caetano faz outra série de perguntas às já levantadas, pelo jornal *hora H* e pelo delegado Luís Carlos de Oliveira, sobre o caso que ficou conhecido como o das "Bruxas de Guaratuba". Diógenes afirma - saber que Leandro Caetano está morto e também onde foi jogado o corpo da pequena vítima. Aponta a baía de Guaratuba como o túmulo de Leandro.

Ao ser questionado de como sabe tudo isto, declara que sabe porque os acusados o confessaram ao jornalista Gládir Nascimento, na época repórter do canal 1, hoje CNI, e que atualmente trabalha na TV Paranaense. O jornal *hora H* procurou conferir o fato com o repórter.

Gládir disse que a matéria que fez foi baseada nas fitas da polícia, porque não teve autorização para falar com os presos, exceto com Bardelli e Cristofolini. Os únicos que até hoje não confessaram o crime, mas continuam presos. Gládir também lembrou que, na época, Diógenes já lhe tinha afirmado saber que Leandro estava morto e apontava a baía de Guaratuba como o suposto local onde estaria o cadáver da criança.

O repórter ficou meses em Guaratuba e mergulhadores procuraram durante dias, nas águas escuras, o corpo da vítima, sem encontrar qualquer vestígio. Gládir não lembra exatamente o ano. Então, presume-se que este fato deveria já ter sido do conhecimento do pai de Leandro, que jura nunca ter sabido do que afirma Diógenes a respeito do seu filho Leandro.

Mas pressionado, João Bossi diz que, na época em que o repórter Gládir entrevistou Diógenes, ele tomou conhecimento sim, das declarações dele sobre Leandro. Confessa que não acreditou nele e continuou procurando pelo filho. Mas como Diógenes volta a insistir que sabe da morte de Leandro e até o local onde está o corpo, então Bossi quer que Diógenes prove o que afirma diante da Justiça.

João Bossi chora ao falar sobre o assunto, esbraveja, faz ameaças, pede segurança e promete, agora, contar tudo o que sabe, diante de um advogado e do secretário de Segurança.

Quatro anos depois, surge uma novidade

Surge agora a primeira novidade sobre o caso conhecido como o das "Bruxas de Guaratuba". Nesta quinta-feira, 27, o Tribunal de Justiça vai julgar o desforamento para a Câmara de Curitiba - pedido feito pela própria Juíza de Guaratuba, Anésia Edith Kowalzik. O processo de desforamento tem o número 44749-0 e será apreciado pela Segunda Câmara Criminal em Curitiba.

Trân

DALVA MARIA GAPIS

O trânsito de Curitiba matou 409 pessoas em 1992 e outras 140 entre janeiro e maio deste ano. Há ainda quem ficaram gravemente feridos ou as que tiveram ferimentos leves, todas, vi mas do que BPTran (Batalhão de Polícia Trânsito) chama de "falta educação" dos motoristas, pedestres e motociclistas, que movimentam um universo dos meios de transporte. Por isso, o comandante, tenente-coronel Lu Eduardo Hunzicker, defende a realização de campanhas educativas em busca de "p do trânsito", com a participação de todos os setores sociedade.

Penas suaves - que ser modificadas com a aprovação do novo Código Nacional de Trânsito, em votação no Senado Federal - estão entre as causas do desrespeito às normas de trânsito, ac dita o Juiz de Direito Waldemar Ressel, responsável pela Terceira Vara de Trânsito e diretor do Fórum. Para ele, q no início do mês mandou para júri popular um caso de homicídio doloso, em que motorista matou dirigindo embriagado, sem habilitação e em excesso de velocidade mesmo antes do novo Código já existem alterações como a Lei 9099, do ano passado.

"Nos casos em que há vítimas os familiares são chamados no próprio processo criminal que é instaurado partir da ocorrência feita pela Polícia Militar". O juiz, q ocupa o cargo há quatro meses, está fazendo um levantamento sobre a relação entre o número de acidentes com vítimas e os casos que chegaram à Justiça para julgamento. Por enquanto, e

Hora H #12 - 01/07 a 07/07/1996

Continuação reportagens Vânia, com destaque na capa e repercussão na seção de cartas dos leitores

MARILENE ZICHRELLI MILARCH
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PR - DIRETORA
RUA CANDIDO LOPES, S/N - CENTRO
CORTESIA 13 01
80.020-901 CURITIBA /PR

ANO 01 Nº12

RS 2,00

hora H

julho 96 | seg 01 | ter 02 | qua 03 | qui 04 | sex 05 | sab 06 | dom 07

O PAÍS DE CABELOS BRANCOS

Vale a pena viver mais?

O Brasil já tem mais de 12 milhões de pessoas com mais de 60 anos. Envelhecer no Brasil é sinônimo de problemas. Ser velho é quase como culpa que se carrega nas costas. Página 19.



AS BRUXAS DE GUARATUBA

O corpo não é o de Leandro

O perito Arthur Conrado Drischel, que assinou os primeiros laudos, volta atrás: "o corpo submetido a autópsia não condiz à estatura de uma criança entre 6 e 7 anos. Penso que aquele corpo não seria de Evandro." Proibido de falar na época, Drischel promete agora "tirar a mordaca".



Peritos afirmam que o corpo enterrado em Guaratuba não pertence ao menino Evandro Caetano

Legista contesta provas do crime

Já o professor Arlindo Blume um dos mais respeitados médicos-legistas brasileiros, diz que não assinaria os laudos sobre o suposto corpo de Evandro Caetano, por apresentarem falhas de toda natureza.

A partir da página 24

d i c e

s, 3

sobre abertura da "caixa preta" da Câmara.

Verdade, 4

Joni Varisco fala sobre o desafio do emprego.

8

que marcaram a semana que passou.

Mão, 14

Torres esmiuça o outro lado da notícia.

5

sobre os bastidores da Câmara.

rão, 16

os radialistas têm mais um mês para dar o seu recado.

mpaña, 17

ão come mais criança.
ovo cardápio da esquerda.

Aira, 18

s baixarias e as contratações
rios para campanha.

Brasil, 19

ituro não sabe como lidar com o seu passado: os velhos.

s, 24

o os peritos acreditam que o corpo seja de Evandro.

z, 27

responde os leitores de *hora H*.

ardi, a baixinha invocada, abre a boca.

a Real, 30

o dá as dicas da nossa economia.

2

la Benetta confronta os preços
Carrefour e Mercadorama.

s, 34

es de Curitiba na mira da fiscalização.

e-se, 44

completo para os dias de frio.

publicação semanal (circula aos domingos) da Editora Via da Notícia Ltda.
Perneta, 725 - 6º andar - Fone (041) 225.1808 Cep 80420-080 Curitiba /

SÃO PAULO - SP **Essê Publicidade e Comunicação Ltda.** Rua Maestro Cardin, 343
j, 12 CEP 01.323.000 - Fone: (011) 288-2599 Fax: (011) 288-2623 **RIO DE JANEIRO**
idade e Comunicação Ltda. Av. 13 de Maio, 33 - Conj. 605 CEP 20.031.000 - Fone:
/220-3036 **BRASÍLIA - DF CAC Representações Publicitárias Marketing e Promoção**
21 - setor C, Valparaíso CEP 72.870.000 - Fone: (061) 225-1835 **FLORIANÓPOLIS**
Representações de Veículos de Comunicação Ltda. Rua Benito Gonçalves, 156 - CEP
ne: (0482) 23-2553 **PORTO ALEGRE - RS Ciclo Comércio e Representação Ltda.**
gçalves, 1757, CEP 90.650.002 Fone (051) 336-3721

Agência Folha, AJB, France Press
es: Jornalistas: Ghignone (fone: 233-9595)
A domicílio: Pontual Lopes (fone: 338-1024)
Arte-4 (fone: 352-2717)
Editora O Estado do Paraná (fone: 335-1416)

Cartas

Bruxas

"Venho acompanhando as reportagens de Vania Mara Welte sobre o caso das "Bruxas de Guaratuba", desde a entrevista com Beatriz e Celina Abbage. Aguardo agora cada nova edição do *hora H* com expectativa, pois desde 1992 o caso me interessa e sempre acreditei que se tratava de uma história mal contada.

Nenhum jornal se aprofundou tanto neste caso e agiu com tamanha imparcialidade. Todas as partes foram ouvidas, tiveram chance de se defender e até de acusar.

Acredito que esse é o verdadeiro papel da imprensa. Investigar, questionar, orientar e duvidar. É nesses momentos que a imprensa se engrandece e desempenha o seu papel essencial no sistema democrático.

A importância dessa função crítica do jornalismo livre e independente ficou clara, dias atrás. Foi quando se evitou que o "prato feito" preparado pela polícia de Alagoas, defendendo interesses estranhos, colocasse uma pá-de-cal no assassinato de Paulo César Farias.

Rodolfo Lima Jr - Curitiba

"Acompanho estarecido e enojado as matérias sobre as "Bruxas de Guaratuba" no *hora H*. Sou leigo, mas me parece evidente que se torna necessário uma intervenção policial no caso. Em lugar de falar livremente o que pensam para os jornais, os senhores Diógenes Caetano e João Bossi deveriam ter seus depoimentos tomados em uma delegacia de polícia. Afinal, estamos falando da vida de pelos menos dois garotos e não de uma briga de comadres".

Jurandir de Castro - Curitiba

"A jornalista Vania Mara Welte só negligenciou um aspecto em sua brilhante série sobre os crimes de Guaratuba. Esse caso intrincado só poderá ser totalmente esclarecido com a intervenção do espiritualismo. Espero que tenha a humildade de procurar este caminho".

Manfredo Wilhelm - Curitiba

B A S

"Íris de quem diz

O vereador Marcelo Almeida como "vergonhoso" o presidente da Câmara dos Deputados, Íris Simões, por não ter fornecido as informações solicitadas por ele, por meio de uma ação cautelar, há cerca de 20 dias. "Deixando de atender a Justiça dando as respostas que há três anos venho apenas passa o atestado a esconder. Há muita coisa preta da Câmara", afirma Almeida.

Esgotou-se nesta semana que o presidente da Câmara de Curitiba respondeu Marcelo Almeida. Para a assessoria jurídica de Curitiba entrou com um pedido de liminar concedida pelo juiz da Segunda Vara de Fazenda Pública, Leônidas da Silva, que estabelecia a data para a resposta até quarta-feira, 26. Almeida questiona os gastos com publicidade, com locação de automóveis e o número de funcionários. O número correto de funcionários.

Além da revogação da liminar, a assessoria jurídica da Câmara entrou com um agravo

ATÉ OS PERITOS DUVIDAM

EXCLUSIVO

O caso das 'bruxas de Guaratuba' levou para prisão, sem julgamento, sete pessoas acusadas de um assassinato, o do menino Evandro Ramos Castano...

Uma menina de sete anos morreu em Guaratuba, no Paraná, em 1982. O caso ficou conhecido como 'bruxas de Guaratuba'...

'SINCERAMENTE'
Ela contou que viu o corpo do menino morto no chão, com o rosto cheio de sangue...

INTERLÂNGA
Nesse dia, eu estava com o meu filho Evandro no colo, e ele estava chorando muito...

DESCRIÇÃO
A vítima tinha cerca de sete anos de idade, era muito magrinho e tinha os cabelos muito escuros...

de acordo com o delegado, o menino morreu em Guaratuba, no Paraná, em 1982. O caso ficou conhecido como 'bruxas de Guaratuba'...

DESCRIÇÃO
A vítima tinha cerca de sete anos de idade, era muito magrinho e tinha os cabelos muito escuros...

DESCRIÇÃO
A vítima tinha cerca de sete anos de idade, era muito magrinho e tinha os cabelos muito escuros...



O caso de Evandro Castano, em Guaratuba, é objeto de investigação policial...

A teoria dos dentes rosca "preta"

Uma teoria sobre o assassinato do menino Evandro Castano, em Guaratuba, no Paraná, em 1982...

ATÉ OS PERITOS DUVIDAM

O caso das "Bruxas de Guaratuba" levou para prisão, sem julgamento, sete pessoas acusadas de um assassinato, o do menino Evandro Ramos Caetano, em que existem dúvidas científicas consistentes sobre a causa da morte e até sobre a identidade do cadáver. Arlindo Blume, uma das maiores autoridades em medicina legal do Paraná, contesta, em entrevista exclusiva para **hora H**, ponto por ponto as conclusões do laudo que determinou a causa da morte do pretense Evandro, a competência dos peritos que executaram a necropsia e a própria identidade do cadáver. Mais grave ainda: o perito que assinou o laudo sobre Evandro Ramos Caetano, Arthur Conrado Drischel, revela pela primeira vez ter sido pressionado, sofrido coerção de "forças estranhas" e intimidação na época do crime. Ele conta, por exemplo, que o cadáver que examinou era "muito avantajado" para pertencer a um menino de seis anos, idade de Evandro Caetano.

Todo o processo está desprovido de provas materiais, com erros e falhas que qualquer leigo pode observar. Trata-se de uma necropsia branca porque não oferece elementos para um diagnóstico, sendo impossível determinar a causa da morte. Verificando e examinando tudo, dentre tantas e tão profundas discordâncias e falhas de ordem técnica e pericial, eu jamais assinaria os trabalhos que foram produzidos para o laudo de exame de necropsia no suposto cadáver do pequeno Evandro Caetano, em 12 de abril de 1992."

A afirmação é do titular da cadeira de Medicina Legal da Faculdade Evangélica de Medicina de Curitiba - atualmente aposentado como professor da mesma cadeira no curso de Medicina da Universidade Federal do Paraná e, após 35 anos, também como perito e diretor do Instituto de Polícia Técnica do Paraná, hoje Instituto de Criminalística do Paraná -, o médico e professor Arlindo Blume, profissional respeitado internacionalmente.

Blume explica que diante de uma necropsia branca, sem elementos suficientes para um diagnóstico, o técnico só tem uma atitude a assumir: "Ele deve declarar no atestado de óbitos que não é possível determinar a causa da morte". No caso de Guaratuba, isto não foi feito. Os peritos incluíram e se basearam no laudo do exame odontológico de identificação feito pela odonto-legista do Instituto Médico Legal (IML), Beatriz Helena Sottile França. "Mas ela não é habilitada profissionalmente para participar e assinar um laudo estritamente da alçada médico-legal", assegura Blume, que contesta ela e mais dois profissionais que assinaram o laudo.

O MODO DE MORRER

Três profissionais, Carlos Roberto Ballin, Francisco Silva e Beatriz França atestam, no laudo, que a causa da morte foi asfixia mecânica. Arlindo Blume contradiz os três. Ele afirma que "asfixia mecânica é apenas o modo de morrer". A causa da morte até hoje não foi elucidada. Blume explica que a causa da morte pode ter sido por estrangulamento, enforcamento, esganadura, enfim, há uma série de circunstâncias diferentes que causam a morte por asfixia. Blume na memória de uma dentista de Guaratuba (Adairá Kessini por ficha ou outro documento).

Blume acusa a inconsistência do laudo. "Estanhamento, Adairá afirmou ter extraído o dente denominado como o da criança, descrita por Beatriz França como tendo uma restauração amálgama nas superfícies ocluso-mesial. "E assinaram o mesmo laudo", destaca Blume. "Ora, se só isto há-lo, porque tira toda e qualquer credibilidade", alega, assegurando que há muito mais falhas.

Blume chama a atenção para o fato de que "a perícia médico-legal, no caso, passou a ser patrimônio da perícia. Ele entende que o laudo "não passa de uma peça descritiva, quando deveria ser baseada em exames periciais".

"ENGOLIR ALGODÃO É NORMAL?"

Blume estranha que no laudo do exame odontológico, que acompanha o laudo de necropsia, "como exame complementar", há o registro da "presença de grande quantidade de algodão no interior da cavidade bucal, o qual foi retirado". Sobre o fato, nada mais consta no laudo.

"Ora - diz Blume -, grande quantidade de algodão na cavidade bucal é um obstáculo que, se colocado em vida, resultaria em asfixia mecânica por sufocação, caso o ar fosse também interrompido pelas fossas nasais."

Mas o fato deixa de ter importância no laudo de necropsia e também ficou desmerecido no exame odontológico. "Como se fosse perfeitamente normal achar uma quantidade enorme de algodão no interior da cavidade bucal de qualquer pessoa", argumenta Blume, chamando a atenção também para outro fato.

MEMÓRIA INTRIGANTE

Mesmo sem saber a identificação correta do pequeno cadáver, o laudo de exame de necropsia número 3.714 / 92 / RTS, assinado pelos três profissionais, do Instituto Médico Legal, registra que "em cumprimento a nossa missão de médicos legistas e observando as exigências legais, procedemos ao exame de necropsia no cadáver de Evandro Ramos Caetano".

E para comprovar ser aquele o cadáver de Evandro Ramos Caetano foi chamada a dentista que o atendeu em Guaratuba. "Baseada apenas na própria memória, ela deu seu parecer profissional, o que é estranho, ilegal, suscita dúvidas e tira a credibilidade do ato", diz Blume.

No próprio histórico do laudo de exame odontológico de identificação diz o seguinte: "Um corpo de pessoa não identificada, em estado de putrefação deu entrada neste Instituto Médico Legal (IML) às 7h30, do dia 12 de abril de 1992, enviado pelo IML de Paranaguá para perícia odontológica de identificação.

"No Instituto Médico Legal de Paranaguá, o recibo do corpo para o transporte ao IML de Curitiba tem assinatura de alguém da família Caetano. Ora, o cadáver não era desconhecido? Então, por que entregá-lo a alguém da família Caetano para transportá-lo? Intrigante também é a morte do motorista, semanas depois que dirigiu o carro que transportou a mesma corpo", pondera.

RESPOSTA APARECEU ANTES DO PEDIDO OFICIAL

Intriga também que o pedido oficial da autoridade policial que presidia as investigações, endereçado ao diretor do Instituto Médico Legal, da época, seja datado em 9 de julho de 1992 e os quesitos propostos aos médicos sejam respondidos e assinados por eles em 24 de junho de 1992. "Ou seja, o pedido foi feito oficialmente depois das respostas", indaga.

No elaborado parecer crítico, o perito e professor Arlindo Blume aponta ainda as contradições e os pontos comuns existentes entre os exames e laudos apresentados por Carlos Ballin, Francisco Silva e Beatriz França e Ailton Lipinski e também por outros profissionais.

"O CORPO FOI MUTILADO PELOS BICHOS"

O perito Arlindo Blume estranha que apesar de, inúmeras vezes, todos os laudos descreverem lesões em fígado que animais o comeram, "inclusive unibus que foram espantados pelas duas pessoas que encontraram o corpo - e foram exatamente os unibus que permitiram a

AS BRUXAS DE GUARATUBA

TEXTO E FOTOS DE VANIA MARA WELTZ

localização do cadáver, nenhum dos peritos concluiu que houve mutilação pela ação de animais carnívoros.

Para Blume o corpo foi devastado pela ação de animais de diversos tamanhos. Desde larvas, mosquitos e moscas, passando por formigas, ratos, urubus, até animais de maior porte. Ele baseia esta afirmativa nos rendilhados e na forma das bordas das feridas existentes no cadáver.

"Mas, ao contrário disto, os legistas se preocuparam apenas em descrever três escoriações irregulares, medindo, a maior delas, quatro milímetros de extensão", ressalta. Então, Blume pergunta: "Por que os peritos deixaram de investigar as razões das lesões de maiores proporções e que reduziram o cadáver, praticamente, a destroços de um corpo humano?"

Ele destaca que "os peritos também deixaram de indicar a existência de qualquer lesão no pescoço da vítima que apontasse a causa da morte e tivesse alguma valia médico-legal". Blume explica que pequenas lesões têm importância para caracterizar a natureza do agente que as produziu. "Unhas humanas, dentes, picadas de formiga, garras ou bicos de animais dão maior clareza aos exames. Mas nada disto foi examinado", estranha.

DESCRIÇÃO SEM INVESTIGAÇÃO

A finalidade da perícia é a de estabelecer o nexo entre os achados necroscópicos e as indagações criminais, orientando-as, fundamentando-as. "Portanto, por que nada disto foi investigado?", questiona. Blume assegura que os peritos deveriam ter feito um exame completo e minucioso no pescoço da vítima, enumerando a presença de possíveis lesões cervicais de asfixia por estrangulamento ou de qualquer outra natureza.

"Uma vez que o laudo afirma que a causa da morte, que insisto ressaltar ser o modo da morte, foi por asfixia mecânica, por que eles não fizeram qualquer menção à presença de lesões carotídeas, sufusões sanguíneas, equimoses, hematomas ainda passíveis de constatação, fraturas, luxações ou deslocamento de vértebras cervicais, rupturas das cartilagens das vias aéreas e do osso hióide, ou ainda, lesões da traquéia?", pergunta.

Blume ressalta que o exame do tórax e do abdome, realizado pelos peritos, resume-se a uma única frase: "Feridas corto-contusas com borda entalhada em bisel, localizadas nas regiões anteriores do tórax e do abdome, nos limites laterais, superior e inferior do tronco".

Ele não entende a razão de a perícia deixar de especificar a natureza da lesão, isto é, se foi produzida por faca, navalha, facão ou dente. Para Blume, fica claro que se existe continuidade no corte do tecido na região do tórax e do abdome, foi feito por algum instrumento cortante ou também pode ter sido causado pela ação de animais predadores. "Mas o laudo deixa de esclarecer o fato", lamenta.

FALHAS E CONFUSÕES

O professor destaca que os peritos afirmaram no laudo de autópsia que "as lesões no tórax e no abdome foram feitas por instrumentos corto-contundente e cortante, existindo vestígios de ação de animais carnívoros nas bordas das incisões laterais da parede abdominal". Mas eles deixaram de responder a pergunta mais importante: "Quem produziu as lesões?"

Blume explica que há roedores necrófagos, como os ratos que têm dentes incisivos medianos resistentes e compridos, de crescimento contínuo, providos de esmalte somente na face anterior e de coroa cortada em bisel, cujas mordidas não apresentam desgastes, nem abrasões. "Por isto, as lesões podem ser confundidas com outro tipo de agente e mereciam exames mais profundos", enfatiza.

As ausências das mãos são descritas "com coto apresentando lesões em saca-bocado, assinalando ainda entre parênteses que são (lesões pós-morte). O mesmo é descrito em relação a falta dos dedos dos pés. Também são relatadas lesões em saca-bocado na região abdominal e nos exames dos lábios da vítima. O que se deduz que as mutilações das mãos, dos pés, dos lábios e da região abdominal foram produzidas por animais carnívoros e pós-morte. "Mas a conclusão final do laudo não diz isto. Por que?", questiona.

UM LASTRO DE ESPECIALISTAS

Arlindo Blume cita diversos autores para respaldar seu trabalho crítico realizado sobre exames, laudos e fotos coloridas ampliadas. Entre eles, Tanner de Abreu, Arnaldo Amado Ferreira, P. Brouardel, Etienne Martin, Amedeo Dalla Volta, Oscar Amoêdo, Sir Sydney Smith, Alfred Brehm, Vicente Blasco Ibañez, John Glaister e muitos outros estudiosos e especialistas sobre o assunto. Todos eles ressaltam que há animais que, ao morder, arrancam partes salientes como ponta de nariz, orelhas, dedos e até pênis.

Citando P. Brouardel, Blume descreve a ação de alguns animais necrófagos. "Certos animais atacam freqüentemente os cadáveres. Os ratos são extremamente vorazes. A linha de secção produzida pelos seus dentes é absolutamente nítida, freqüentemente retilínea, como se fosse feita por uma faca, ou navalha, e torna-se necessário usar uma lupa para se constatar as desigualdades produzidas pelos dentes".

Os cães, os gatos, as raposas, os lobos se nutrem também da carne de cadáveres e, nestes casos, os ossos podem ser em parte quebrados e destruídos, explicam os especialistas. Blume lembra, ainda, do efeito devastador da ação de certas aves, como os corvos. "Com seu bico forte e pontudo produzem feridas que lembram aquelas de ponta e corte, podendo até arrancar vísceras", detalha.

NEGLIGÊNCIA

Arlindo Blume enfatiza que, "nestas perícias, o profissional deve verificar exatamente a natureza das mordidas, examinar a periferia das lesões, dos traços dos dentes impressos e não, simplesmente, negligenciar como no laudo em questão".

Ele lembra que a destruição do cadáver, reconhecido supostamente como o de Evandro Caetano, foi descrita pelas testemunhas que chegaram ao local pela primeira vez: "Elas mencionaram que participavam do banquete macabro cerca de 10 a 12 corvos, que nutrem predileção pelas vísceras torácicas e abdominais, cuja ausência foi assinalada pelos peritos criminais e pelos médico-legais. E a primeira coisa que os corvos atacam são os olhos", ressalta.

Em seu estudo crítico e analítico, Blume também se refere a ação das larvas. "Não se pode deixar de levar em consideração que, boa parte da destruição do corpo da vítima, tenha ocorrido pelo trabalho demolidor das larvas necrófagas, que tornam viável mesmo um erro de diagnóstico da etiologia das lesões descritas nos limites laterais e inferiores das regiões torácicas e abdominais", ensina. Blume também relata os fenômenos de putrefação dos corpos ao ar livre de acordo com as condições de tempo, do terreno e da própria idade da vítima.

AFIRMAÇÕES CONFLITANTES

No trabalho realizado pelos peritos, Blume lamenta a falta de especificação e de denominação das vísceras ausentes, coração, pulmões, fígado, estômago, intestinos, fígado, ou qualquer outra. E acusa os conflitos existentes nos documentos. Cita as contradições flagrantes nos laudos periciais e no relatório do Ministério Público quanto às supostas ações praticadas em ritual macabro pelos acusados. No relato do Ministério Público, "os acusados abriram o

tórax da vítima, serrando-lhe parte das costelas, refrutando do seu interior todos os órgãos e vísceras, colocando-os em tigelas de barro". Mas, ao contrário disto, os peritos constataram em exame "a ausência incompleta de vísceras". Pela descrição dos peritos, "presume-se que ainda havia os rins, as suprarenais, ureteres e os grandes vasos", explica.

Blume reforça a afirmação de que a "acusação da ação humana contra a vítima não foi comprovada pericialmente no laudo de exame de necrópsia". E, mais ainda, os peritos generalizam algumas informações, sem defini-las e sem examiná-las mais cientificamente.



O túmulo de Evandro Caetano, em Guaratuba, é objeto de visitação e curiosidade pública. Mas agora surgem dúvidas sobre a quem pertence o corpo que está enterrado ali.

A teoria dos dentes rosados fica "preta"

O professor Arlindo Blume põe por terra a teoria da asfixia mecânica baseada na coloração rosada dos dentes de leite da pequena vítima. "A coloração rosada dos dentes, em função do tempo, não seria mais do que um indicio de morte violenta por asfixia mecânica. Mas, como tal, deve ter relação com o fato principal e estar de tal modo conexo com ele que autorize a concluir-se algo. Para isto, seria necessário estabelecer a data real da morte da vítima e a modalidade da asfixia que determinou a morte, e isto não foi feito", explica.

Para resumir, Blume diz que "o diagnóstico de asfixia mecânica implicaria na determinação do agente e das lesões que as produziram e isto só seria possível dizer no exame de necrópsia, o que significa que o diagnóstico de asfixia mecânica pela coloração rosada dos dentes não passa de um indicio. Nada mais do que indicio", destaca. "Ou seja, a afirmação só teria valor em função do tempo decorrido entre a data da morte e do achado do cadáver. E em não se sabendo esta data, não há diagnóstico preciso", assegura.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

PERITO TIRA MORDAÇA

A estatura do corpo que se apresentava no Instituto Médico Legal de Curitiba não condizia com a estatura de uma criança de seis ou sete anos, porque era muito avantajada. Penso que aquele corpo possa não ser o do menino Evandro Caetano." A declaração é de um dos peritos que assinou um dos laudos sobre o suposto corpo de Evandro Caetano, em 1992, Arthur Conrado Drischel.

Depois de tentar falar sobre o fato, por "proibição dos superiores", e toda a família ter sofrido intimidação - pelo que chama de "forças estranhas" -, agora, mais de quatro anos depois, o perito Arthur Conrado Drischel rompe a barreira da própria segurança para denunciar o que pode. Sem dizer, ainda, tudo o que sabe, ele assegura: "Prometo falar tudo o que sei, em breve". Mas adianta que os cortes naquele cadáver podem ter sido ocasionais: "até por bistrui".

Ainda cauteloso, Drischel explica que sua mulher pediu-lhe para evitar falar sobre o assunto, porque eles têm crianças na família e quatro filhos, dos quais três ainda estão estudando. Mas Drischel põe fé na época em que vive. Ele acredita que nada ficará oculto. Tudo será elucidado. "Estamos vivendo tempos apocalípticos", adverte aos que tentam ficar impunes.

Drischel tenta esclarecer dúvidas sobre o trabalho que ele e outros peritos realizaram em 1992 sobre o caso conhecido como o das "Bruxas de Guaratuba". Ele lembra que, naquela ocasião, o corpo daquela criança - supostamente Evandro Caetano -, estranhamente, ficou muito tempo em trânsito de um IML para outro, o que levanta suspeitas até hoje.

SEM EXPLICAÇÃO

Drischel conta que esteve, junto com o chefe da seção de Crimes contra a Pessoa do Instituto de Criminalística do Paraná, perito Luís Alberto Vicente de Castro, logo após ter sido feito o levantamento, no mesmo local onde o corpo da vítima foi encontrado em Guaratuba, no período em que os laudos ainda estavam sendo realizados. Ele explica que, no laudo assinado por ele - exatamente o do levantamento e de exames periciais onde o corpo foi achado -, os peritos registraram o "desconhecimento da identidade do cadáver".

Ele fala também sobre a anexação, no laudo, do diagrama que indica a casa da vítima (suposta como Evandro Caetano) numa distância de 1.900 metros do local do achado e, ainda, onde ficava a Escola Municipal em que trabalhava a mãe de Evandro Caetano. "Não há explicação para isto", reconhece, ressaltando que o diagrama foi baseado em informações colhidas no local. "T, evidentemente, podem ter sido dirigidas de forma a que constassem no laudo", aponta.

O DIA SEGUINTE

O perito testemunha que havia inúmeras dúvidas em relação aos exames e laudos. A preocupação sobre o fato levou o delegado-geral da Polícia Civil da época, José Maria Correia, a convocar todos para uma reunião no gabinete dele. Além de Arthur Conrado Drischel, compareceram à reunião o diretor do Instituto de Criminalística do Paraná, Luiz Gabriel Costa Passos, o diretor do IML de Curitiba, Francisco Silva, o médico legista, Carlos Ballin, e os peritos criminais Djalma Pires, Ailton Lipinski e Luiz Alberto Vicente de Castro. "Até aquela reunião, havia especialistas admitindo que o corpo tinha sido mutilado por lesões de saca-bocado, do tipo produzidas pela ação de animais", destaca.

Foi a partir desta reunião que "os peritos abandonaram esta possibilidade", ressalta. A reunião leve início com os peritos criminais demonstrando que "as lesões observadas, no corpo encontrado em Guaratuba, apresentavam as características das que são produzidas por instrumentos muito cortantes", relata. Drischel aponta outras direções em que pensaram os peritos: "Pelos bordos contínuos e muito regulares, foi aventada a possibilidade de terem sido feitas, eventualmente, até por bistrui", relembra.

CASTIGO SEM CULPA?

Peritos conseguiram demonstrar que aquelas lesões não eram de saca-bocados, porque eram contínuas. "Nas de saca-bocados, as lesões são descontínuas e estraçalhadas", entende. Drischel diz que, independente do número de animais existentes naquele local onde o corpo foi achado, as lesões não eram características de mordidas de animais. "O corpo estava praticamente esvaziado, isto é, sem vísceras", explica.

Mas, mesmo assim, Drischel acenava a soma dos que acreditam que aquele corpo não é o do pequeno Evandro Caetano. Logo, se esta afirmativa for provada, também pergunta: "Por que estão presos, ainda, sete pessoas acusadas de terem assassinado Evandro Caetano, em ritual de magia negra? E de quem é, então, aquele corpo encontrado em Guaratuba?"

O perito Drischel tem mais informações sobre o caso. Mas prefere se dar mais um tempo para divulgá-las. Apenas se dá a seguinte: "Hoje tenho um conceito formado a respeito da afirmação das lesões terem sido feitas por bistrui". Ele lembra que, na época,

Perícia e imperícia no local do achado

Arlindo Blume também faz uma análise crítica sobre o laudo de exame e de levantamento do local onde foi encontrado o corpo da vítima. Ele assegura que foi feito irregularmente por um único perito, que recebeu no laudo a ausência de um segundo perito, que nem compareceu ao local, mas concordou com o resultado do trabalho apresentado. "É um documento criminalístico imperfeito e incompleto", define.

"Os peritos deixam de fazer referência ou, não souberam, que testemunhas presenciais deixaram de mencionar que o corpo fervilhava de larvas necrófagas, de moscas varejeiras que se reproduzem rapidamente, consumindo em pouco tempo todas as partes moles de um corpo, até o esqueleto", ressalta.

Blume destaca, ainda, que estes peritos mencionaram "a falta de todos os órgãos" enquanto o laudo de exame de necropsia assinala "a ausência parcial ou incompleta das vísceras". Blume estranha que "só ao olhar, no local onde o cadáver foi encontrado, os peritos tenham afirmado, taxativamente, terem encontrado uma ferida contusa na parte posterior do tórax, mas a lesão foi descrita na perícia da necropsia como a de saca-bocado".

Os peritos, no entanto, deixaram de perceber, ou registrar, a falta dos olhos, do nariz, a conoto dos lábios e a falta da língua, já que a boca estava aberta e fácil de ser inspecionada. "Eles invadiram o espaço médico-legal ao afirmarem que os bordos básicos das lesões eram contínuos e regulares e não esgarçados, querendo insinuar que não foram feitas por animais", relata.

LAUDO APONTA CASA DE EVANDRO

"Há ainda detalhes mais intrigantes neste laudo", diz. Blume lembra que o cadáver foi encontrado às 10h30 e a perícia no local, realizada às 13h30, do mesmo dia. "Então, como e por que, somente sob a luz dos exames feitos naquele local, os peritos puderam indicar no diagrama a localização da casa da vítima a mais ou menos 1.900 metros de distância do local do crime e também o local onde trabalhava a mãe de Evandro Caetano, se aquele cadáver ainda não estava identificado?", pergunta.

"É um procedimento profissional inexplicável. Não há qualquer referência no laudo pericial, que justifique, como peça complementar ao trabalho pericial, a juntada da representação gráfica da casa da vítima, apontada como a da família Caetano, e da Escola Municipal onde trabalhava a mãe de Evandro Caetano", aponta Blume. Ele indaga ainda: "O levantamento do local estaria pré-concebido?"

PÉ ESQUERDO OU DIREITO?

Outro detalhe interessante apontado por Blume é o exame pericial feito na sandália sem marca e sem número, do pé direito, supostamente encontrada a cerca de 30 metros do cadáver. Os peritos descrevem a peça como sendo de Evandro. Mas a descrição do calçado não confere com a que foi feita pelo pai de Evandro, ao denunciar o desaparecimento do filho na Delegacia de Guaratuba.

Ademais, pai de Evandro, descreveu o calçado como uma sandália da marca Ricket. Mas a peça examinada pelos peritos era uma sandália de dedos. "É, incrivelmente, anexar a foto de uma sandália de pé esquerdo e não do pé direito conforme consta no laudo", diz.

"Final, os peritos examinaram o pé esquerdo ou o pé direito?", pergunta Blume. "As roupas também deixaram de merecer atenção dos peritos. Fotam apenas nominalmente a análise de Blume, são incompletos, inconclusivos e, no mínimo, suscita dúvidas e o corpo do pequeno Evandro Caetano e, menos ainda, para uma condenação judicial".

deu entrevistas expondo suas dúvidas e certezas.

Mas foi "proibido por superiores de falar mais sobre o assunto". Drischel calou-se por uma razão mais convincente. "Minha família sofreu intimidações por forças estranhas", isto, volta a falar sobre o caso.

Para reforçar o que diz, declara que "este é o depoimento de um policial honesto e honesto que iniciou a carreira profissional morando em uma casa alugada e se aposentou protegendo a própria família. Alega, ainda, que precisa continuar a trabalhar para garantir o sustento de todos e, no momento, busca nova ocupação.

Drischel confia que o seu testemunho, "possa ajudar a restabelecer um pouco mais a verdade para que a Justiça possa ser cumprida no Paraná".

AS BRUXAS DE GUARATUBA

POLÍCIA INTIMA OS ENVOLVIDOS NO CASO

Diógenes Caetano, tio do pequeno Evandro Caetano, supostamente assassinado em ritual de magia negra em Guaratuba, e João Bossi, pai do menor Leandro Bossi, supostamente desaparecido na mesma cidade do litoral paranaense, em 1992, serão intimados, nos próximos dias, a prestar depoimento ao delegado daquela Comarca, José Antônio Lucchesi. Uma carta precatória foi expedida, de Curitiba, pelo delegado do Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas (Sicride), Carlos Roberto Bacilla, para que ambos prestem depoimento em Guaratuba.

O pedido partiu do secretário estadual de Segurança Pública, Cândido Manoel Martins de Oliveira, ao delegado-geral da Polícia Civil, Tóleb Baleche, após receber solicitação protocolada de João Bossi para abrir novas investigações sobre o desaparecimento de seu filho Leandro, com base na entrevista de Diógenes Caetano ao jornal *hora H*, no último dia 17. Diógenes dizia, na entrevista, que sabia como tinha sido assassinado o pequeno Leandro: "Sob degola, o sangue da criança foi retirado para um ritual de magia negra e o seu corpo atirado nas águas da baía de Guaratuba".

PEDIDO OFICIAL

Na solicitação feita ao secretário de Segurança, João Bossi também se dispunha a falar tudo o que sabia e até hoje tinha mantido escondido da polícia,



"sob orientação do próprio Diógenes Caetano", para quem trabalhou durante algum tempo, como segurança pessoal, e em quem ele dizia "acreditar e confiar". Mas depois de ler as declarações de Diógenes no *hora H*, João Bossi mudou de posição e promete novas revelações sobre o caso, diante de "um advogado e de autoridade policial".

O delegado do Sicride, alegando necessidade de sigilo em suas investigações, não quis adiantar qualquer outra informação até ouvir o depoimento dos dois homens, em Guaratuba. Apenas disse que as declarações de Caetano e de Bossi servirão de base para novas averiguações no caso das crianças desaparecidas naquele município do litoral paranaense.

João Bossi e Diógenes Caetano, personagens do mistério conhecido como *As Bruxas de Guaratuba*, vão ter de explicar na polícia, declarações prestadas em entrevistas ao *hora H*. Diógenes declarou saber detalhes da morte de Leandro Bossi, filho de João, desaparecido em Guaratuba. Diógenes é tio do menino Evandro Caetano, cujo desaparecimento levou à prisão de Celina e Beatriz Abagge



Hora H #14 – 15/07 a 21/07/1996

Continuação reportagens Vânia e retomada da chamada na capa. Carta de Sheila Abagge na área de cartas do leitor.

BRASIL S.A. - JORNAL
AV. COLONIAL, 110 - FLORESTINA
81.001-900 - CURITIBA - PR

ANO 01 Nº14

RS 2,00

hora H

**O DIA EM QUE
CURITIBA FEZ
GREVE DE SEXO**
Página 35

julho 96 | seg 15 | ter 16 | qua 17 | qui 18 | sex 19 | sab 20 | dom 21

SONEGAÇÃO & FRAUDES

Aumenta o número de empresas envolvidas na fraude para sonegação de ICMS. Agora, o arrastão vai correr todo o Estado. Só em Curitiba já foram apanhadas 16 empresas. A próxima grande blitz será em Londrina.

O Clube dos

60

Página 22

AS BRUXAS DE GUARATUBA

A VERDADE FINAL

A ordem é apurar tudo. Nenhuma suspeita ficará sem investigação. Quem garante isso é o delegado-geral Toleb Baleche: "é uma questão de honra da Polícia do Paraná esclarecer definitivamente o mistério de Guaratuba". Tudo será feito, inclusive com a exumação do suposto corpo de Evandro Caetano, que teria sido vítima de um ritual macabro. João Bossi confirmou na polícia as denúncias feitas ao *hora H* sobre o desaparecimento de seu filho Leandro. A partir da página 18.



Em quatro edições sucessivas, *hora H* provocou uma verdadeira reviravolta no caso das Bruxas de Guaratuba.

d i c e

es, 3

gressa na era da Renault.

Verdade, 4

lo em todas as frentes do crime.

Mão, 14

impossíveis: PT e Delfim Neto de braços dados.

brão, 16

Alagoas e o Paraná.

ampana, 17

lá dos políticos não convence mais ninguém.

as, 18

as de **hora H** levam a reabertura do caso de Guaratuba.

22

ICMS provocam uma blitz fiscal no Estado todo.

ncia, 24

la conta como recuperar os meninos de rua.

castigo, 26

illa Benetta revela os bastidores do presídio do Ahu.

28

analisa as concorrências fraudadas
a com anúncios cifrados.

tamento, 29

parte da matéria sobre a face oculta de Curitiba.

icz, 33

responde as dúvidas dos nossos leitores.

la Vida, 35

er conta a história da greve de sexo que parou Curitiba.

e Vargas, 36

desvenda os segredos do sexo.

, 37

é notícia e os fatos que marcaram a sociedade.

ne-se, 41

completo do que fazer em Curitiba.

a publicação semanal (circula aos domingos) da Editora Via da Notícia Ltda.
Perneta, 725 - 6º andar - Fone (041) 225.1808 Cep 80420 080 Curitiba /

SÃO PAULO - SP **Esô Publicidade e Comunicação Ltda.** Rua Maestro Cardin, 343 -
12 CEP:01.323.000 - Fone: (011) 288-2599 Fax: (011) 288-2623 **RIO DE JANEIRO - RJ**
de e Comunicação Ltda. Av. 13 de Maio, 33 - Conj. 605 CEP 20.031.000 - Fone: (021)
3-3036 **BRÁSILIA - DF CAC Representações Publicitárias Marketing e Promoção** Quadra
etor C, Valparaíso CEP 72.870.000 - Fone: (061) 225-1835 **FLORIANÓPOLIS - SC**
representações de Veículos de Comunicação Ltda. Rua Benito Gonçalves, 156 - CEP:
one: (0482) 23-2553 **PORTO ALEGRE - RS Ciclo Comércio e Representação Ltda.** Rua
ves, 1757, CEP 90.650.002 Fone (051) 336-3721
Agência Folha, AJB, France Press
es **Jornaleiros: Ghignone** (fone: 233-9595)
A domicílio: Pontual Lopes (fone: 338-1024)
Arte 4 (fone: 352-2717)
Editora O Estado do Paraná (fone: 335-1416)

Cartas

As Bruxas

"Estou escrevendo para parabenizar este jornal pela coragem e imparcialidade na maneira como vêm efetuando as reportagens sobre o "Caso Guaratuba", praticando um verdadeiro jornalismo investigativo, coisa que é rara neste país.

Gostaria que o jornal prosseguisse na mesma linha, dando oportunidade a todos para que a VERDADE apareça. Posso afirmar que quanto mais se investigar mais provas da inocência das sete pessoas aparecerão.

É muito importante que a imprensa sempre questione, para evitar "pratos-feitos" e "fabricação de culpados".

Acredito que, se toda a imprensa trabalhasse com a mesma dignidade e empenho deste jornal, no Brasil não existiriam ERROS JUDICIÁRIOS!

Sou filha e irmã de Celina e Beatriz Abagge, pessoas injustamente acusadas e presas no "Caso de Guaratuba".

Sheila Cordeiro Abagge - Curitiba

"Tem este o escopo de solicitar a Vossa Senhoria o fornecimento do exemplar, ano I, número 10, junho de 96, do jornal "**hora H**", e outros números que contenham matérias concernentes ao caso de desaparecimento de Leandro Bossi.

Substruciona-se o pedido suso, pelo fato de João Bossi, genitor de Leandro Bossi, ter sido entrevistado por um jornalista deste jornal, cuja matéria publicada, vincula-se a um procedimento judicial investigatório, em andamento nesta Unidade Policial, sendo mister a cognição plena da matéria divulgada.

Na oportunidade, apresento meus protestos de estima e consideração."

**Petrucio J. Santana
Delegado de Polícia**

15 a 21 de julho de 1996

BASTID

"Gant

Jornal monumento



Simões exhibe seu maior argumento de c
na visão irreverente da computação

O primeiro jornal de campanha do ca Simões serve como um alerta assustador: pode levar a falta de idéias e projetos.

Político que construiu sua carreira fatua da miséria do eleitor da periferia, escora cialismo mais rasteiro, incluindo a distri taduras, armazenadas em balaaios, a eleit dos, Simões tenta agora, com resultados res, se apresentar como um candidato c de administrar Curitiba.

Nesse contexto, o candidato do PSDB çar sua monumental ausência de projet divulgando um espantoso Frankenstein p

O "Jornal do Carlos Simões" alinhava retalhos de idéias alheias requentadas s escrupulo. É lamentável que Curitiba, ci pre se orgulhou, geralmente com razão, técnica e administrativa de seus prefeito disputa - ainda mais na condição de favor dato com tão flagrante ausência de creder paro.

Observe-se alguns itens apresentados "algumas propostas de Carlos Simões par

15 a 21 de julho de 1996

SÓ A VERDADE INTERESSA

"A verdade sobre o caso do desaparecimento de Evandro Castano e Leandro Bossi, de Guaratuba, tem de vir a toda custo o que custar. É uma questão de honra para a Polícia Civil do Paraná." Esta é a convicção do delegado-geral da Polícia Civil do Paraná, Toiob Baleschi Barbosa, que promete a realização de toda e qualquer diligência que sejam necessárias, até a exumação do próprio cadáver e o uso da polícia científica, para que "se faça justiça para os inocentes e se puna os culpados no caso conhecido como o das "Bruxas de Guaratuba".



Delegado Oliveira aponta as causas dos erros



"Polícia e público não pagam a mesma conta, não penso de forma ideológica de quem deve ser culpado ou não. Penso, sim, em como corrigir o caso Leandro Bossi, desvendado de fato no caso de Evandro Castano". A afirmação é do chefe da Delegacia de Defesa da Cidadania e Patrimônio, João Carlos de Oliveira, que faz um paralelo entre o trabalho realizado para solucionar os crimes de Paulo César Farias e Sônia Maciel, em Itaipava, e o caso que despertou o interesse da "Mídia de Curitiba". Oliveira diz que "a polícia não sabe processar". Carlos e Sônia Magalhães, David José Santos, Nasser Elzein, Claudio Rodrigues, Vicente de Paulo e Sérgio Caramalhão - os acusados de assassinato do jornalista Evandro Castano, em Curitiba, em 1993, há dois dias são detidos em algumas casas próximas à Delegacia, assim que se realizarem testes de identificação e produção e a própria polícia a cumprir com o mandado. Como não possuem o status público, não poderão comparecer ao crime em uma audiência anterior ao julgamento.

INVESTIGAÇÃO TUDO BOCA, NENHUM DEPOIMENTO

O delegado assegura que até hoje, apesar de não ter nenhuma denúncia, nem mesmo de quem acusou Evandro Castano, não há prova material do crime. "Não se pode fazer prova com um depoimento verbal de um acusado de DCE, que não pode ser produzido por um juiz. Até os últimos meses, ninguém tinha coragem de se declarar", afirma Oliveira em um momento de silêncio. "O delegado Castano está muito bem informado por pessoas de grande credibilidade jurídica, por isso, não se sente prejudicado em Curitiba". As autoridades devem investigar tudo o que se relaciona com o crime, não fazer apenas o diagnóstico, se que se faz, no caso", afirma Oliveira. Oliveira prossegue, em 1993, o relatório policial do caso do suposto assassinato em nível de campo registra o nome Evandro Castano, em Curitiba, e vive o momento de maior tensão como policial, acredita que deve fazer "um trabalho muito grande que não é de natureza policial". Para ele, não é o caso de Curitiba, quando o suposto assassinato de um jornalista pode ser o caso de Leandro Bossi. "Até hoje não se viu de verdade, acho que o trabalho não se fez direito, porque o trabalho não se fez direito", afirma Oliveira. Oliveira prossegue, ainda, para ser investigado no caso. "É uma pena que depois de tantos meses, não tenhamos nenhuma informação que possa dar uma resposta para o caso de Evandro Castano", afirma Oliveira.

to: "vamos esclarecer o caso, custo o que custar".

Toiob Baleschi Barbosa garante que "não pode passar qualquer dúvida sobre os atos da polícia civil do Paraná". Ele enfatiza que as investigações foram reabertas graças ao trabalho paranaense realizado pelo jornal **LANCETTI** e devem prosseguir até o depoimento de João Bossi. "Serão necessárias várias diligências, mas não vamos permitir, de forma alguma, que a coisa morra na caixa. Todos os recursos modernos serão usados para a total esclarecimento dos fatos", assegura.

O delegado João ressalta que "a comunidade paranaense deve ficar ciente de que não vamos permitir que o caso permaneça resolvido. Não deixamos e vamos esclarecê-lo, custo o que custar. A justiça deve prevalecer para que a população do Paraná e a nossa consciência fiquem tranquilas", destaca.



Caetano, Evandro

SÓ A VERDADE INTERESSA

"A verdade sobre o caso do desaparecimento de Evandro Caetano e Leandro Bossi, de Guaratuba, tem de vir a tona custe o que custar. É uma questão de honra para a Polícia Civil do Paraná." Esta é a convicção do delegado-geral da Polícia Civil do Paraná, Toleb Baleche, que promete a realização de toda e qualquer diligência que sejam necessárias, até a exumação do pequeno cadáver e o uso da polícia científica, para que "se faça justiça para os inocentes e se puna os culpados no caso conhecido como o das "Bruxas de Guaratuba".

AS BRUXAS DE GUARATUBA

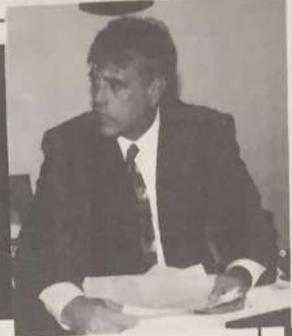


Toleb: "vamos esclarecer o caso, custe o que custar."

Toleb Baleche assegura que "não pode pairar qualquer dúvida sobre os atos da polícia civil do Paraná". Ele enfatiza que as investigações foram reabertas graças ao trabalho jornalístico realizado pelo jornal **hora H** e devem prosseguir além do depoimento de João Bossi. "Serão ouvidas tantas pessoas quantas forem necessárias, das que estiveram e ainda estão envolvidas no caso, e não vamos permitir, de forma alguma, que a coisa morra na casca. Todos os recursos modernos serão usados para o total esclarecimento dos fatos", assegura.

O delegado Toleb reafirma que "a comunidade paranaense deve ficar ciente de que não vamos permitir que o caso permaneça nebuloso. Há dúvidas e vamos esclarecê-las, custe o que custar. A justiça deve prevalecer para que a população do Paraná e a nossa consciência fiquem tranquilas", destaca.

Delegado Oliveira aponta as causas dos erros



"Polícia e política não podem caminhar juntas, sob pena de haver obstrução de provas deixando verdades ocultas. Portanto, não há como investigar o caso Leandro Bossi, deixando de lado o caso de Evandro Caetano". A afirmação é do titular da Delegacia de Desvios de Cargas e Estelionato, Luis Carlos de Oliveira, que faz um paralelo entre o trabalho realizado para esclarecer as mortes de Paulo Cesar Farias e Suzana Marcolina, em Alagoas, e o caso que ficou conhecido como o das "Bruxas de Guaratuba".

Oliveira diz que "a prisão das sete pessoas - Celina e Beatriz Abagge, David dos Santos, Ailton Bardelli, Oswaldo Marcineiro, Vicente de Paulo e Sérgio Cristofolini - acusadas de assassinato do pequeno Evandro Caetano, em Guaratuba, em 1992, foi baseada nas declarações de apenas uma pessoa: Diógenes Caetano que, habilmente induziu as investigações, a população e a própria mídia a cometer erro de avaliação. Caso não houvesse o clamor público, sem provas materiais do crime, os sete acusados estariam hoje livres e não presos".

INVESTIGAR TUDO E TODOS, ATÉ DELEGADOS

O delegado assegura que até hoje, apesar de sete pessoas estarem presas, acusadas de terem assassinado Evandro Caetano, não há prova material do crime. "Tanto que elas foram presas um ano antes do resultado do exame de DNA, que foi pedido pela primeira vez por mim. Até eu falar neste exame, ninguém tinha cogitado desta necessidade", enfatiza. Oliveira tem hoje uma certeza: "Diógenes Caetano está muito bem orientado, por pessoas de grande conhecimento jurídico, por isso, ele se sente protegido em Guaratuba. As autoridades devem investigar tudo e todos que se relacionam com Diógenes, inclusive policiais e delegados, os aposentados, inclusive", ressalta.

Oliveira presidiu, em 1992, o inquérito policial do caso do suposto assassinato em ritual de magia negra do pequeno Evandro Caetano, em Guaratuba, e com a experiência de muitos anos como policial, acredita que deve haver "um empenho muito grande das autoridades policiais", para esclarecer o caso das crianças desaparecidas em Guaratuba. "Tenho dúvidas, no caso de Guaratuba, quanto à real identidade do cadáver daquela criança, apontada como sendo Evandro Caetano. Aquele cadáver pode ser o de Leandro Bossi. Até João Bossi, o pai de Leandro, achava que aquele poderia ser o corpo de Leandro, porque o filho dele era maior do que Evandro", reafirma.

E acrescenta: "Há muito, ainda, para ser investigado no caso. Há muitas pessoas que devem ser ouvidas novamente, testemunhas, suspeitos que foram deixados de lado, tudo deve ser revisto e com muito cuidado para que a justiça seja restabelecida", depõe.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

Diógenes Caetano, nervoso:

"Só falo em juízo"

Sem declarações, sem gravações e sem fotos. Já vim aqui prestar depoimento e querem ainda me fazer passar por mais este constrangimento?", perguntou nervoso, aos jornalistas, na tarde de segunda-feira, 8, o engenheiro Diógenes Caetano - tio do pequeno Evandro Caetano, supostamente assassinado em ritual de magia negra, em Guaratuba, em 1992.

A todas as perguntas feitas a ele pelo delegado, na Delegacia de Guaratuba, Diógenes respondeu: "Reservo-me o direito de me defender em juízo", nada acrescentando de novidade ao caso conhecido como o das "Bruxas de Guaratuba".

ADVOGADOS RECUSAM A CAUSA

Diógenes chegou sozinho, sem advogado, pontualmente às 14h30 na Delegacia de Guaratuba para responder as perguntas feitas pelo delegado interino do Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas (Secride), Petrócio Santana, que chegou de Curitiba, às 15h30. O delegado Petrócio não quis ouvir Diógenes sem a presença de um advogado.

Na própria Delegacia foi consultado o advogado Sílvio Benone que disse estar impedido de representar Diógenes. "Sou testemunha de defesa de Celina e Beatriz Abagge e também sou a única testemunha da tortura que elas sofreram", declarou antes de se retirar.

Outro advogado, chamado por telefone, Christian Trevisan Wendling, também se disse impedido. "Sou advogado da Câmara Municipal e sem consultar o presidente, Natanael Cor-

reia de Araújo, não posso aceitar o caso", desculpou-se, já saindo da Delegacia. Diógenes foi, então ouvido a portas fechadas, durante 1h05, pelo delegado Santana, que representava Carlos Bacilla, diretor do Secride, na presença do investigador Renato Ferreira de Souza e da escrivã Maria Cristina Venâncio.

ENTRAVES

O delegado Santana disse que nada de novo foi acrescentado por Diógenes. Usando do direito constitucional, ele se recusou a prestar qualquer outra informação além das que já tinha dado ao jornal *hora H*. Diógenes respondeu 26 perguntas que lhe foram feitas, sempre com a mesma resposta, a de só dar declarações em juízo.

Segundo Santana, há "uma preocupação muito grande das autoridades policiais em esclarecer os fatos, principalmente pelas inúmeras controvérsias existentes, mas os entraves também têm sido inúmeros".

O engenheiro Diógenes Caetano foi intimado, no dia 6, pelo delegado do Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas (Sicride), Carlos Roberto Bacilla, de Curitiba, "para prestar esclarecimentos no interesse da Justiça".

O pedido foi baseado na solicitação, protocolada na Secretaria de Segurança Pública, feita por João Bossi, pai de Leandro Bossi, outra criança desaparecida em Guaratuba, em 1992 por causa de declarações de Diógenes ao jornal *hora H*, no último dia 17.

Na entrevista, Diógenes Caetano disse saber que o pequeno "Leandro foi morto sob degola, seu sangue recolhido para um ritual de magia negra, que culminou com o corpo sendo atirado na baía de Guaratuba, como oferenda à lemanjá.

Na solicitação de Bossi ao secretário estadual de Segurança Pública, Cândido Manoel Martins de Oliveira, ele mesmo se colocou à disposição para prestar novas declarações sobre o caso das crianças desaparecidas em Guaratuba. Fatos que Bossi diz ter escondido, da polícia e da imprensa, até agora, "sob orientação do próprio Diógenes Caetano, em quem confiava".



A escrivã Maria Cristina Venâncio, que registrou o depoimento de Diógenes Caetano

Diógenes ataca novamente

Revoltado por ter sido intimado a depor na Delegacia de Guaratuba, na tarde de segunda-feira, 8, o engenheiro Diógenes Caetano deu um recado à população de Guaratuba, às Abagge e a João Bossi. "Toda a cidade ficou em polvorosa, achando que eu ia ser preso porque recebi uma intimação policial. Mas estão enganados", disse.

E argumentou que "nos próximos dias, Celina e Beatriz Abagge voltam para a prisão (ambas cumprem, atualmente, prisão domiciliar) e eu vou continuar solto. Daí quero ver a cara das pessoas que pensaram que eu seria preso e elas soltas". E, em seguida, também atacou Bossi.

"Ele é um pobre coitado que perdeu o filho e vive explorando esta desgraça. Todo mundo sabe disto. Muita gente já deu dinheiro a ele pra ajudar a procurar Leandro. Bossi ficou furioso comigo, porque se todo mundo soubesse que Leandro está morto e não apenas desaparecido, Bossi fica sem poder amedacar mais dinheiro em Guaratuba".

TROPEÇOS NAS MENTIRAS

Mesmo aparentando estar nervoso, Diógenes não perdeu a compostura. Foi educado todo o tempo. E escolhendo as palavras, torcendo as mãos constantemente, enquanto esperava a chegada do delegado que o intimou para prestar novas declarações sobre o desaparecimento de Leandro Bossi, em Guaratuba, em 1992, Diógenes continuou falando.

"João Bossi está tropeçando nas próprias mentiras", acusou, acrescentando que a mulher de Bossi, não precisa ter medo. "Não vou me vingar dele", prometeu, acrescentando que cansou de ajudar João Bossi.

Depois, Diógenes avisou os jornalistas presentes que daqui para a frente não daria mais qualquer entrevista. "Há pessoas que conduzem as informações para o sentido e a direção que querem", lamentou. Mas fez questão de irsar que "não há qualquer queixa contra o jornal *hora H*, que respeitou todas as informações dadas e até foi investigar a veracidade das declarações de Bossi a meu respeito".

AS BRUXAS DE GUARATUBA

João Bossi reafirma:

“Fui manipulado”

João Bossi, pai do pequeno Leandro Bossi desaparecido em Guaratuba, em 1992, reafirmou ao delegado em exercício do Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas (Secride), Petrúcio Santana, todas as declarações e acusações feitas contra Diógenes Caetano, ao jornal *hora H*, em 24 de junho último. E acrescentou mais. Bossi disse que Diógenes chegou a elaborar textos com perguntas e respostas para ele decorar e depois dizer à imprensa. “A gente ensaiava horas e horas até sair tudo direitinho, como Diógenes queria”, explicou Bossi, acreditando agora que o filho está morto e “Diógenes sabe onde está o corpo”.

Durante o depoimento ao delegado, Bossi ficou emocionado ao declarar que acredita na morte do próprio filho. “Agora só posso ter certeza desta tragédia porque Diógenes fala da morte de Leandro com muitos detalhes”, esclareceu. Bossi contou que começou a ter suspeitas desta realidade quando notou que todas as cobranças sobre o pequeno Evandro Caetano são feitas apenas por Diógenes.

“Jamais partem dos pais da criança. Isto é estra-



João Bossi: impressionado com os detalhes da morte de seu filho, Leandro, revelados por Diógenes ao *hora H*

nho. Será que Diógenes também domina os pais de Evandro, como fazia comigo?” pergunta, lembrando que é sempre Diógenes quem fala sobre Evandro.

TOLEB RECEBE DEPOIMENTOS

Acompanhado da advogada Kátia Regina Leite, que se manteve calada durante as duas horas - das 15h00 até às 17h00 - de depoimento, Bossi respondeu a todas as perguntas que lhe foram feitas. “Diferente do comportamento nervoso de Diógenes, Bossi esteve tranquilo, mas nas constatações de que tinha sido usado por Diógenes demonstrava revolta e também muita ansiedade para que os fatos sejam esclarecidos de uma vez”, testemunhou o delegado.

Depois de recolher o depoimento de Bossi, o delegado Santana juntou-o ao de Diógenes e levou-os, no início da noite de quinta-feira, 11, ao delegado-geral da Polícia Civil do Paraná, Toleb Baleche.

Após tomar conhecimento do conteúdo dos dois documentos, Toleb determinará novas deliberações para o esclarecimento dos fatos que envolvem o desaparecimento dos menores em Guaratuba.



Celina Abagge, no apartamento que serve como prisão

Prisão domiciliar

Os advogados de defesa de Celina e Beatriz Abagge explicam que as duas mulheres, acusadas do suposto assassinato, em ritual de magia negra, do pequeno Evandro Caetano, em Guaratuba, em 1992, estão em prisão domiciliar até o dia 2 de agosto. Mas o benefício deste tipo de pena deverá ter o prazo ampliado, para as duas, porque não há Prisão Especial Feminina em Curitiba e nem no Paraná.

Além disto, Celina e Beatriz não tem antecedentes criminais e ambas tem direito a prisão especial, “portanto deverão continuar cumprindo pena em prisão domiciliar, até a data do julgamento, quando serão absolvidas junto com os demais acusados”, explicou a defesa.

Hora H #15 – 22/07 a 28/07/1996

Continuação reportagens Vânia, com destaque na capa e repercussão na seção de cartas dos leitores.

ANO 01 Nº15

REVISTA SEMANAL
FUNDADA
POR CARLOS LOPES, SR.
DIRETORIA
CARTÃO

RS 2,00

hora H

julho 96 seg 22 ter 23 qua 24 qui 25 sex 26 sab 27 dom 28



Casamento do Ano

Lúcia Carolina dança com seu pai, Aristides Athayde, na festa da Fazenda das Araucárias. Leia em Ita Zilli.



MENINAS

As novas vítimas do ALCOOLISMO

Um dado assustador: cresce o número de garotas entre 12 e 15 anos iniciadas no alcoolismo. Esse é o primeiro passo para as outras drogas. **Página 18**

AS BRUXAS DE GUARATUBA

-Eu vi

Uma testemunha contou à polícia que viu Diógenes Caetano desovar o corpo de um menino. **Página 23**

CÁSSIO IMBATÍVEL

As últimas pesquisas garantem a vitória do candidato de Lerner. **Página 3**

Sucateada, sem verbas, a universidade mais antiga do Brasil pede socorro. Leia no Jogo da Verdade, a partir da página 4

SOCORRO

UNIVERSIDADE

Cartas

AS BRUXAS

Acompanho hora H desde o primeiro número e fiquei satisfeito de ver que a série de reportagens sobre as "Bruxas de Guaratuba" levaram as autoridades a promover a reabertura de um caso que todos paranaenses tinham como mal resolvido.

Acredito que esse é o papel fundamental da imprensa.

**Lourenço Dias Cardoso -
Curitiba**

"CLUBE DOS 60"

"Com relação a fraude fiscal apelida de "Clube dos 60", abordada por **hora H**..."

POLICIA

BE DOS 60. CRIME E CASTIGO

As empresas pagam, mas persiste o crime de estelionato

... em meio às empresas brasileiras...
... de estelionato...
... crime de estelionato...

O crime visto de dentro da cadeia pelos acusados

... crime de estelionato...
... cadeia...
... acusado...

AS BRUXAS DE GUARATUBA

UM HOMEM VIU TUDO

TESTEMUNHA AFIRMA TER VISTO DIOGENES CAETANO JOGAR UM CORPO EM GUARATUBA

... crime de estelionato...
... cadeia...
... acusado...

Stagnem Caetano e um outro homem jogaram no mar um pacote volumoso. Era um corpo de criança

... crime de estelionato...
... cadeia...
... acusado...

... crime de estelionato...
... cadeia...
... acusado...

Um cidadão som cupas

... crime de estelionato...
... cadeia...
... acusado...

... crime de estelionato...
... cadeia...
... acusado...

AS BRUXAS DE GUARATUBA

POR VANIA MARA WELT

UM HOMEM VIU TUDO

TESTEMUNHA AFIRMA TER VISTO DIÓGENES CAETANO JOGAR UM CORPO EM GUARATUBA

Um termo de declaração feito por um morador do litoral do Paraná, Euclídio Soares dos Reis, pode servir de pistas às novas investigações da polícia civil sobre o desaparecimento de Evandro Caetano e Leandro Bossi, no ano de 1992 em Guaratuba. Euclídio afirma ter visto, na noite de 9 de abril de 1992, "Diógenes Caetano e um outro homem jogarem no mato um pacote volumoso. Era um corpo de criança enrolado em jornal, cujo pé pequeno estava à vista, no mesmo local em que foi encontrado, dois dias depois, o cadáver do suposto Evandro Caetano, em Guaratuba".

A declaração de Euclídio foi feita, em Curitiba, no dia 9 de março de 1995, diante de autoridades policiais e de testemunhas, anotada por um escrivão, e depois assinada por elas, pelo depoente e também por um corregedor da Polícia Civil. O corregedor, Hamilton Canfield, disse ao jornal *hora H* que foi convidado pelo delegado-geral da Polícia Civil, Toleb Balleche, para acompanhar o depoimento de Euclídio, verificando se o depoente não estava sendo coagido, servido ou sofrendo qualquer tipo de constrangimento para fazer tais declarações. "Fui testemunhar a lisura do ato", assegurou Canfield.

NA CALADA DA NOITE

No depoimento, Euclídio diz que trabalhava nas proximidades, amarrando uns bois na entrada da casa em que morava, quando viu Diógenes Caetano e outro homem - que identificou como Paulinho Nogueira - chegarem juntos em um Fiat/Panorama, de cor verde escura, e retirarem do porta-malas um pacote volumoso que foi atirado no mato. Com os faróis do carro apagados, Euclídio ficou observando, escondido, a movimentação dos dois homens que permaneceram aproximadamente uma hora e meia no local. Euclídio foi ver o conteúdo do volume, assim que os dois se afastaram de carro, andando por um tempo, ainda com os faróis apagados.

Euclídio confessou ter ficado assustado ao se deparar com o cadáver, que supôs ser de uma criança pelo tamanho pequeno dos pés que estavam à mostra. "Nunca tinha visto algo parecido e deixei o local com pressa e olhando para os lados para verificar se alguém tinha me observado", ressaltou. Euclídio assegura que estava tão nervoso que ao entrar em casa, a mulher dele - na época, Cecília Guimarães, percebeu e perguntou-lhe o que havia acontecido. Ele respondeu que "tinha visto uma visagem". Euclídio disse que ficou pensando no que deveria fazer sobre o que havia visto acontecer.

PARA FICAR EM SILÊNCIO

No dia seguinte, aproveitou que a mulher viajou para Araucária e foi falar com Diógenes. "Vi você pondo aquele pacote lá no mato. E, agora, o que você vai fazer?", perguntou Euclídio a Diógenes. No depoimento, Euclídio ressalta que tinha a intenção de levar Diógenes até as autoridades para que ele esclarecesse o aparecimento daquele cadáver. Mas diferente disto, Diógenes o convidou para morar com ele. "Euclídio, venha morar aqui que eu te dou tudo o que você quiser para não abrir o bico", teria proposto Diógenes, "tão nervoso, que chegou a gaguejar", segundo o depoente.

Euclídio disse que Diógenes repetiu a proposta diversas vezes. Assegurou-lhe, diante da relutância dele em aceitar a oferta, que "inclusive arcaria com todas as despesas". Euclídio foi convencido e até trabalhou para Diógenes como seu segurança. Naquele mesmo dia, o depoente conta que foi jogar dominó na casa de uns amigos e, perto da meia-noite, viu novamente o carro

de Diógenes passar em direção ao local onde estava o cadáver. Ele pôde observar, pela janela da casa, que Diógenes dirigia o carro e ao lado dele estava Paulinho Nogueira. Os dois homens retornaram meia hora depois, passando em frente da mesma casa.

URUBUS DÃO A PISTA

No dia seguinte, sábado, Euclídio relata que se levantou cedo para fazer um trabalho perto da casa dele, quando encontrou um operador e um mecânico de máquinas, conhecidos como Daniel e Lazinho, que aguardavam um caminhão da prefeitura para iniciar o trabalho do dia. Naquele momento, Daniel apontou para o céu, indicando um bando de corvos que sobrevoavam perto do local onde se encontravam os três. "Ué, nós nunca vimos corvos aqui. Vamos lá dar uma olhada para ver o que é", propôs o declarante.

Daniel e Lazinho foram à frente e Euclídio disse que ficou para trás. "Eles chegaram no mato onde Diógenes tinha deixado o cadáver. Diversos urubus estavam sobre a vítima". Euclídio ressalta que observou que o corpo não

MORANDO COM O "INIMIGO"

O depoente relata também que, perto de onde o corpo fôra achado, Daniel encontrou um chaveiro, com uma única chave, e o entregou ao sargento Schultz. Euclídio cita o nome das primeiras pessoas que foram ver o cadáver: Daniel, Lazinho, sargento Schultz, o soldado Eufázio, o delegado Gilberto Pereira, policiais do Grupo Tigre, ele e alguns moradores de Guaratuba. Euclídio lembra, ainda, que Diógenes não apareceu no local enquanto ele ficou lá. Mas, a partir daquela data, passou a morar nos fundos da casa de Diógenes.

Confessou que chegou a participar de passeatas promovidas por Diógenes, em Guaratuba e em Curitiba, em frente ao jornal *Gazeta do Povo*. Além disto, ajudou a apedrejar a casa do falecido ex-prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge e a Câmara Municipal daquele município. Euclídio disse que morou por mais ou menos três meses junto com Diógenes, que passou a se incomodar com a presença dele no mesmo terreno.

PAGANDO O SILÊNCIO

Para que Euclídio saísse da área, "Diógenes fez o pagamento de uma quantia que daria para comprar algumas caixas de cervejas para abrir um bar (uma boate)". Estando na cozinha da casa de Diógenes, o depoente declara que testemunhou alguns pagamentos de despesas do Grupo Água (Polícia Militar), feitos com cheques assinados pelo próprio Diógenes. "Vi Diógenes dar dinheiro para policiais, principalmente para dois deles, cujos nomes eram Lima e Romário". Euclídio afirma que viajou a Curitiba, junto com Diógenes, onde ele teve que vender uma moto para pagar despesas de policiais".

Euclídio ainda recordou que, certa vez, ouviu um comentário da mãe de Diógenes, Irene, "reprovando os altos gastos feitos pelo filho, uma vez que o pequeno Evandro era um primo distante. Mas Diógenes insultou a própria mãe, fazendo-a chorar". Tempos depois, Euclídio também quis saber a razão "de toda a trama contra as sete pessoas que foram presas - acusadas do assassinato de Evandro". Diógenes respondeu que suas atitudes eram "motivadas por vingança contra Celina Abagge e toda a família dela".

Na alegação, Diógenes acusava Celina de ter sido "amante do seu pai - também chamado Diógenes", o que teria motivado a separação dos pais dele". Euclídio assegura não ter contado nada sobre estes fatos a qualquer pessoa, mas a mulher dele, Cecília que também morou com ele nos fundos da casa de Diógenes, desconfiava da veracidade dos fatos ocorridos em Guaratuba.

INCÊNDIO NA SERRARIA

Em outro trecho de seu depoimento, Euclídio conta que foi procurado por Diógenes para acompanhá-lo a uma pescaria. Euclídio aceitou o convite. Mas em vez de pescaria, "Diógenes foi até a serraria dos Abagge e incendiou a propriedade" sob as vistas do próprio Euclídio.

O documento contendo as declarações de Euclídio, registrado em cartório pelo escrivão da Delegacia de Polícia, da Anti-Tóxicos, está assinado pelo declarante, pelas testemunhas Pedro Salgado e Mirivaldo Munhoz Sanches, pelo delegado de polícia e pelo corregedor Hamilton Canfield.

"Diógenes Caetano e um outro homem jogaram no mato um pacote volumoso. Era um corpo de criança."

estava mais envolto em jornal, como vira anteriormente. Também chamou a atenção de Euclídio o fato de o "cadáver não exalar mau cheiro, tal qual na noite em que o encontrou".

O depoente notou que "o corpo estava em decúbito dorsal, com os braços abertos, sem mãos, sem o couro cabeludo, sem olhos, sem os dedos dos pés, sem orelhas, sem pênis e sem testículos, com o rosto desfigurado e com o corpo aberto, vestido com um calção curto".

Euclídio disse que dava a impressão que "o corpo tinha sido lavado, porque a pouca quantidade de sangue que dele escorria, parecia ter sido diluída em água, como um animal depois de morto e limpo". Euclídio conta que, como ele, Daniel e Lazinho ficaram "apavorados". Então, pediu a Lazinho e a Daniel que ficassem ali, enquanto ele chamaria a polícia. Euclídio disse que falou com o sargento Schultz a quem comunicou o fato e mostrou o local onde estava o corpo.

Um cidadão sem culpas

Com a cópia do documento em mãos, a reportagem do jornal *hora H* tentou localizar no Cartório do 1º Ofício de Distribuição se havia algum processo contra o cidadão Euclídio Soares dos Reis, porque consta que Euclídio compareceu para prestar declarações, mas nem uma autoridade soube dizer em que inquérito ou em que processo está o depoimento dele. Mas, estranhamente, as declarações dele não constam no inquérito, nem no processo contra os sete acusados de assassinato do pequeno Evandro Caetano. Além disto, na Justiça do Paraná, nada consta contra o cidadão Euclídio Soares dos Reis que, por alguma razão, estava em 1995 na Delegacia de Anti-Tóxicos. Talvez este documento possa servir para novas investigações à Polícia Civil no esclarecimento do desaparecimento de Evandro Caetano e de Leandro Bossi, como querem as autoridades do Paraná.

Hora H #16 - Sem menção.

Hora H #17 - Sem menção. Seção de carta dos leitores deixa de existir a partir desta edição.

Hora H #18 - Edição em falta no acervo ou removida.

Hora H #19 – 19/08 a 25/08/1996

Continuação reportagens Vânia.

UBIRATAN GUIMARAES
BIBLIOTECA
CANDIDO LOPES, S/N - CENTRO
CORTESIA 17 CURITIBA 01 /PR

ANO 01 Nº19

R\$ 2,00

hora H

agosto 96 seg 19 ter 20 qua 21 qui 22 sex 23 sab 24 dom 25

EXCLUSIVO

**DIÓGENES, O CAÇADOR DAS
BRUXAS DE GUARATUBA, GARANTE**

DIOGO NÃO É LEANDRO. É UMA FARSA

PÁG. 18

CLUBE DOS 60

**Justiça quebra
sigilo de**

127

A mais ampla investigação
jamais feita no Paraná

**Curitiba
na rota da
prostituição
infantil**

3.000 reais, o preço da virgindade

**Leia tudo
em Radar**

**PESQUISA
CÁSSIO GANHA JÁ
NO PRIMEIRO TURNO**

Todas as pesquisas de opinião
pública dão a sua vitória
já em 3 de outubro

JOGO DA VERDADE

**Sob o
império
da lei**



O Jurista René Dotti garante
que ainda vale a pena acreditar
na Justiça. Página 4

AS BRUXAS DE GUARATUBA

NÃO É LEANDRO

O engenheiro Diógenes Caetano, que ficou conhecido como o homem que levou o garoto de Manaus e Diogenes Cabral, como o autor do cerimonial macabro que levou à morte o menino Evandro Caetano, garante que o garoto Diogo, encontrado em Manaus, não é Leandro Bossi. "Tudo não passa de uma palhaçada. Leandro está morto.", garantiu Diógenes ao *Força #1* na sexta-feira. "A família dele sabe muito bem disso. Aposto tudo o que eu tenho, com quem quiser, que o menino apresentado pela Polícia Militar não é Leandro." Diógenes acredita que tudo não passa de uma farsa montada para desmoralizar o processo que envolve as Abaço. Em entrevista ao *Força #1* em fins de Junho, Diógenes acusava o pai de Leandro de explorar o desaparecimento do filho para ganhar dinheiro. "Ele é um pobre coitado, que perdeu o filho e vive explorando essa desgraça."



Diógenes Caetano, em entrevista ao *Força #1*, garante que Leandro foi morto num ritual de magia negra, e que não é o garoto encontrado em Manaus. Ele diz que o menino foi morto nas mesmas circunstâncias. O corpo de Leandro teria sido queimado, segundo ele, na base da Guaratuba, antes de ser enterrado. "Diógenes aposta para sempre na culpa de meus."

AS BRUXAS DE GUARATUBA

UM FIO DE ESPERANÇA

"Eu torço pra que seja Leandro Bossi", diz o detetive Waldir Battiz.

"Eu estava atencioso, quando dois homens me passaram dentro de um carro preto. Depois, não foi para um cemitério. Foi para uma casa com uma cozinha muito bonita. Acabei de entrar lá. Ainda não acabou por estar duas famílias. Eu sei que era Leandro".

A história é de respeito Leandro Bossi, ainda acreditado como o autor de acontecimentos, ao ser apresentado à imprensa na sua cidade natal, Curitiba. Apesar, a história não resolveu todos os pontos, pois o garoto encontrado em Manaus não é Leandro Bossi.

O engenheiro Diógenes Caetano, que se afirma de Francisco Caetano, o mesmo suposto nome assumido em ritual de magia negra há quatro anos em Guaratuba, conta sua história que Leandro Bossi está morto. É o detetive que prende o homem brasileiro de Curitiba e Diogenes Cabral, o pai de Leandro Bossi, o menino Diogo, apresentado nesta semana para Polícia Militar de Manaus. "A aparência do garoto Diogo é idêntica à do Leandro Bossi na foto de seu desaparecimento", diz Caetano.



Battiz diz que espera que seja mesmo Leandro Bossi. "Mas Leandro tinha forte característica de quem encontrou em Manaus", diz. "Mas é um paralelo de identificação das características de quem encontrou em Manaus". Battiz, que é um policial da Associação dos Policiais da Polícia, conta resultado do seu trabalho. Ele diz investigar já encontrou mais de cem crianças, abandonadas em suas famílias, em áreas pobres de Curitiba, como por "um final feliz". Caetano, porém, ignora o resultado das exames de DNA, que deveria ser pedido pelo Serviço de Identificação Criminal (SIC) de Curitiba, ainda nesta semana.

UMA SEMANAS
DIÓGENES
"Quando um nome de DNA poderá indicar um erro de identidade sobre a real identidade do garoto", explica, apontando a polícia. "Com uma confirmação a identidade de Leandro Bossi, com os exames de DNA, como implicar a prisão de um pai que também foi acusado de ter assassinado o garoto Leandro Bossi", questiona.

Battiz acredita que o menino encontrado em Manaus é filho de um casal com origem de um casal com na família alemã, além de Guaratuba, Rio de Janeiro, São Paulo e outras partes do Brasil", argumenta.

O detetive acredita nesta semana para a família, em busca de novas pistas sobre o menino desaparecido no Paraná. "Há fortes indícios que não foram apenas para o menino de Guaratuba", diz Battiz.

Foi um momento entre a apresentação de Diogo, o menino encontrado em Manaus, com Leandro Bossi. A foto da chegada em Curitiba mostra João Bossi carregando o menino. Na foto seguinte, João mostra uma foto de Leandro Bossi. A foto mostra João com a família de Leandro Bossi para mostrar que o menino não é o mesmo que o menino de Guaratuba.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

NÃO É LEANDRO

O engenheiro Diógenes Caetano, que ficou conhecido como o homem que levou à prisão de Celina e Beatriz Abagge, como autoras do cerimonial macabro que levou à morte o menino Evandro Caetano, garante que o garoto Diogo, encontrado em Manaus, não é Leandro Bossi. "Tudo não passa de uma palhaçada. Leandro está morto.", garantiu Diógenes ao *hora H* na sexta-feira. "A família dele sabe muito bem disso. Aposto tudo o que eu tenho, com quem quiser, que o menino apresentado pela Polícia Militar não é Leandro." Diógenes acredita que tudo não passa de uma farsa montada para desmoralizar o processo que envolve as Abagge. Em entrevista ao *hora H* em fins de junho, Diógenes acusava o pai de Leandro de explorar o desaparecimento do filho para ganhar dinheiro. "Ele é um pobre coitado, que perdeu o filho e vive explorando essa desgraça."

Diógenes Caetano, em entrevista ao *hora H*, garantiu que Leandro foi morto num ritual de magia negra, degolado e sangrado, na mesma época que seu sobrinho foi morto nas mesmas circunstâncias. O corpo de Leandro teria sido jogado, segundo ele, na baía de Guaratuba, numa oferenda à Iemanjá. Na foto, Diógenes aponta para o local onde o corpo do menino.



AS BRUXAS DE GUARATUBA

UM FIO DE ESPERANÇA

"Eu torço pra que seja Leandro Bossi", diz o detetive Walmir Battú.

O engenheiro Diógenes Caetano que se diz tio de Evandro Caetano, o menino supostamente assassinado em ritual de magia negra há quatro anos em Guaratuba, continua afirmando que Leandro Bossi está morto. Já o detetive que preside o Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas, Walmir Battú, acha improvável que seja mesmo o pequeno Leandro Bossi, o menino Diogo, apresentado nesta semana pela Polícia Militar do Paraná. "A aparência do garoto Diogo é incompatível com a de Leandro Bossi na data de seu desaparecimento", destaca.

Battú diz que espera que seja mesmo Leandro Bossi. "Mas Leandro tinha forte complexão física já aos sete anos de idade, bem diferente das características do garoto encontrado em Manaus". Battú, que é vice-presidente da Associação dos Detetives do Brasil e, como resultado do seu trabalho de investigação já encontrou mais de cem crianças, devolvendo-as para suas famílias, em diversas partes do país, torce por "um final feliz". Cauteloso, prefere aguardar o resultado dos exames de DNA que deverão ser pedidos pelo Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas (Sicride), ainda nesta semana.

MUITAS DÚVIDAS

"Somente um exame de DNA poderá colocar um fim às dúvidas sobre a real identidade do garoto", enfatiza, ampliando a polêmica. "Caso seja confirmada a identidade de Leandro Bossi, com os exames de DNA, como explicar a prisão de sete pessoas que também foram acusadas de terem assassinado também Leandro Bossi?", questiona.

Battú também acha inconsistente a lembrança do garoto "Diogo" de um Cristo com braços abertos na cidade em que morava. "Ora, há dezenas de cidades por todo o país com estátuas de um Cristo com os braços abertos, além de Guaratuba, Rio de Janeiro, Juiz de Fora e tantas outras cidades", argumenta.

O detetive embarca nesta semana para a Europa, em busca de novas pistas sobre outras crianças desaparecidas no Paraná. "Há fortes indícios que nos levam agora para o encontro de Guilherme Caramés", disse esperançoso.

"Eu estava brincando, quando dois homens me jogaram dentro de um carro preto. Depois, passei para um caminhão. Fui adotado por uma família que me maltratava muito. Acabei no orfanato. Ainda fui adotado por mais duas famílias. Eu sei que sou Leandro".

A história é do suposto Leandro Bossi, ainda assustado com a sucessão de acontecimentos, ao ser apresentado à imprensa na sua chegada a Curitiba.

Agora, a polícia vai rastrear todos os possíveis passos e apurar os pontos obscuros da história do pequeno Diogo, ou Leandro Bossi.



Há um consenso entre a semelhança de Diogo, o menino encontrado em Manaus, com Leandro Bossi. A foto da chegada em Curitiba mostra João Bossi carregando o suposto filho nos ombros. Na foto menor, João mostra uma foto de Leandro 4 anos atrás. "Mais que a semelhança, tenho para mim que o cotação de pai não te engana."

AS BRUXAS DE GUARATUBA

“LEANDRO ESTÁ NO FUNDO DO MAR”

A pesar de na sexta-feira, João Bossi, desfilou pela cidade ao lado de “Diogo”, apresentado pela Polícia Militar como sendo o filho dele, Leandro Bossi, desaparecido em Guaratuba há mais de quatro anos, o engenheiro Diógenes Caetano continua afirmando que o corpo do menino está no fundo da baía de Guaratuba, no local apontado por ele, em entrevista ao jornal **hora H**. “Tudo isto não passa de uma palhaçada”, definiu.

O engenheiro disse que pouco tinha a dizer, mas tanto ele como toda a família Bossi sabe que “isto tudo é uma farsa”. E prometeu ir, junto com os pais de Evandro Caetano, ao cartório de Guaratuba para apostar 10 por 1 como “Diogo não é Leandro Bossi”. E advertiu: “Faço isto na presença de advogados”.

Em entrevista no mês de julho ao **hora H**, Diógenes Caetano dizia textualmente: “Ele (João Bossi) é um pobre coitado que perdeu o filho e vive explorando esta desgraça. Todo mundo sabe disto. Muita gente já deu dinheiro e ele para ajudar a procurar Leandro. Bossi ficou furioso comigo porque se todo mundo soubesse que Leandro está morto e não apenas desaparecido, Bossi fica sem poder arrecadar mais dinheiro em Guaratuba”. E finalizou: “João Bossi continua tropeçando nas próprias mentiras”.

COMO LEANDRO FOI MORTO NUMA OFERENDA À IEMANJÁ

“Leandro Bossi foi morto sob degola, seu sangue recolhido para um ritual de magia negra, que culminou com o corpo sendo atirado na baía de Guaratuba, como oferenda à Iemanjá”. A afirmação é do próprio Diógenes Caetano em entrevista ao jornal **hora H**, em 17 de julho deste ano, quando mostrou também o local onde o cadáver da criança teria sido atirado.

Diógenes explicava que o sacrifício fazia parte de uma série de rituais de magia negra, onde deveriam ser sacrificadas sete crianças, pelos “bruxos de Guaratuba”, os sete acusados - Celina e Beatriz Abagge, Sérgio Cristofolini, Vicente de Paula, David dos Santos, Ailton Bardelli e Oswaldo Marcineiro - que estão presos há mais de quatro anos pelo suposto assassinato de Evandro Caetano. As sete pessoas foram formalmente acusadas do crime, no Ministério Público, por Diógenes Caetano, em 1992.

Diógenes explicou que acusou estas pessoas porque durante as investigações feitas pela Polícia Civil sobre o desaparecimento das duas crianças - Leandro Bossi e Evandro Caetano - há mais de quatro anos, em Guaratuba, ninguém lhe deu atenção. Daí a necessidade de formalizar as suas denúncias no Ministério Público. A partir daí, Diógenes passou a ser ouvido. O fato levou o secretário estadual de Segurança Pública, da época, a ordenar a entrada da Polícia Militar no caso.

SÓ O EXAME DE DNA PÕE FIM ÀS DÚVIDAS

O Serviço de Informações de Crianças Desaparecidas (Sicride) não pôde confirmar oficialmente se o menino encontrado em Manaus é mesmo Leandro Bossi. A solução desse mistério depende ainda de um exame de DNA, que deverá ser realizado ainda nessa semana. O delegado do Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas - Sicride -, Carlos Roberto Bacila, assegura que não quer polemizar com a Polícia Militar. “Agora quero apenas dar prosseguimento ao inquérito sobre o desaparecimento de Leandro Bossi, um trabalho que é feito pelo Sicride desde a data de sua criação, no ano passado”, afirma. Ele quer formalizar o reconhecimento da criança pelos pais - João e Paulina -, solicitar um exame de DNA e ouvir todos os envolvidos com o menino Diogo, “que se supõe ser Leandro Bossi”, explicou.

Uma carta-precatória já está em Manaus para que todas as pessoas que mantiveram contato com o pequeno “Diogo” possam ser ouvidas pelo Sicride. Os familiares do pequeno Leandro deverão novamente prestar informações. O delegado disse que será checada uma série de detalhes e informações fornecidas pela criança encontrada, pelos pais e irmãos dela. Mas o delegado vai aguardar o resultado dos exames de DNA que serão solicitados para colocar um ponto final a qualquer dúvida sobre a identidade do garoto “Diogo” ou Leandro Bossi.

LEANDRO DESAPARECEU HÁ QUATRO ANOS

O menino Leandro Bossi, hoje com 12 anos, desapareceu na cidade de Guaratuba, no Litoral do Estado, na tarde de 15 de fevereiro de 1992. Ele disse ao irmão mais velho que ia brincar com dois amigos nas imediações e não mais voltou. No início da noite, a mãe dele, Paulina Rudy Bossi, 37 anos, camareira de hotel, notou sua falta e começou a procurá-lo. Mais tarde, foi informada por vizinhos de que tinha sido visto indo a um show na Praia do Cristo. Desde então, nunca mais foi visto.

Dois meses depois, mais um menino desaparecido: Evandro Ramos Caetano, 7 anos de idade, filho de Maria e de Ademir Caetano. Na pequena e pacata Guaratuba, de cerca de 18 mil habitantes, a comoção e o pânico atingiu a todos. De tal forma que crianças eram impedidas de brincar até nos jardins de suas casas.

UM DIA DE FESTA

O menino Leandro Bossi, desaparecido de Guaratuba em fevereiro de 1992, quando tinha oito anos de idade, chegou na sexta-feira a Curitiba, vindo de Manaus (AM). Segundo os Serviços de Investigação da Polícia Militar e o de Crianças Desaparecidas (Sicride), da Polícia Civil, o menino foi reconhecido pelo pai, João Bossi.

Em coletiva à imprensa, Leandro passou o tempo todo no colo de uma sargento da polícia militar. João Bossi, afirmou estar convencido de que o menino encontrado na periferia de Manaus, onde atenda pelo nome de Diogo Rodrigo Moreira, é realmente seu filho. “Não tenho dúvida nenhuma, esse menino é o Leandro”.

A chegada dos dois dependia de autorização do Juizado de Menores de Manaus, que concedeu a guarda provisória do menino, hoje com 12 anos, para João Bossi na quinta-feira.

Não há confirmação de que o menino seja realmente Leandro Bossi, reconhecem o delegado do Sicride, Carlos Roberto Bacila, que preside o inquérito, e o chefe de Comunicação Social da PM, tenente-coronel Antonio Carlos Ribas, que atribui à Polícia Militar a localização de Leandro.

O delegado Bacila pediu ao poder judiciário a guarda da criança até a confirmação de sua identidade, que deverá acontecer ou não através de um exame de DNA.

O fim do longo drama começou em 21 de julho, quando uma vendedora de produtos de beleza, moradora em Manaus, notou a semelhança entre um menino que encontrou na rua e a foto de Leandro, reproduzida junto com a de outras crianças desaparecidas nas caixas dos produtos que vendia. O menino, segundo ela, dizia lembrar que seu pai era pescador e morou numa cidade onde havia uma estátua do Cristo, com os braços estendidos.

VAIDADES AGUÇADAS

A provável conclusão do caso Leandro Bossi deve reacender uma antiga polêmica entre a Polícia Militar e a Polícia Civil. As duas instituições disputam a autoria de localização do menino e, portanto, as glórias da solução de um caso que durante mais de quatro anos causou muita polêmica nos meios policiais. “Existe uma briga interna e vamos solucionar junto ao Secretário de Segurança Pública”, admite o tenente-coronel Antonio Carlos de Paula Ribas, chefe de Comunicação Social da PM.

Segundo ele, o Serviço de investigações da Polícia Militar vinha trabalhando no caso desde o dia 20 de julho, quando surgiram fortes indícios de que Leandro poderia estar em Manaus. “Vamos dar crédito a quem merece”, diz Ribas.

O delegado Roberto Bacila contesta a versão do tenente-coronel e afirma que há cerca de um ano a Polícia Civil tinha um investigador cuidando do caso. Bacila revela, ainda, que o Sicride já tinha localizado o menino há muito tempo e só não divulgou o caso porque fazia diligências “para levantar toda a conexão que existia no fato”.

Se o caso serve para reacender vaidades adormecidas, mostra também que uma das instituições falhou na sua missão. Os fatos provam, aparentemente, que a Polícia Militar teria saído na frente e resolvido o caso em tempo recorde.

No entanto, os desdobramentos dessa polêmica, reacendida a partir do desvendamento do “mistério Leandro Bossi”, só deverão ser conhecidos a partir dessa semana.

ANO 01 Nº20

LIBRARIAS GUIMARÃES
BIBLIOTECA
CANDIDO LOPES, S/N - CENTRO
CORTESIA 17 01
CURITIBA /PR

R\$ 2,00

hora H

Recorte 4 cupons e ganhe 1 livro

Junto 4 cupons de cores diferentes, que serão publicados semanalmente neste espaço, e troque nas Livrarias Ghignone por 1 livro, entre mais de 300 títulos a escolher. Participe e ganhe.

Promoção GHIGNONE / hora H

ago/set 96 seg 26 ter 27 qua 28 qui 29 sex 30 sab 31 dom 01

PROFESSORES

Lerner. Uma revolução no Faxinal do Céu

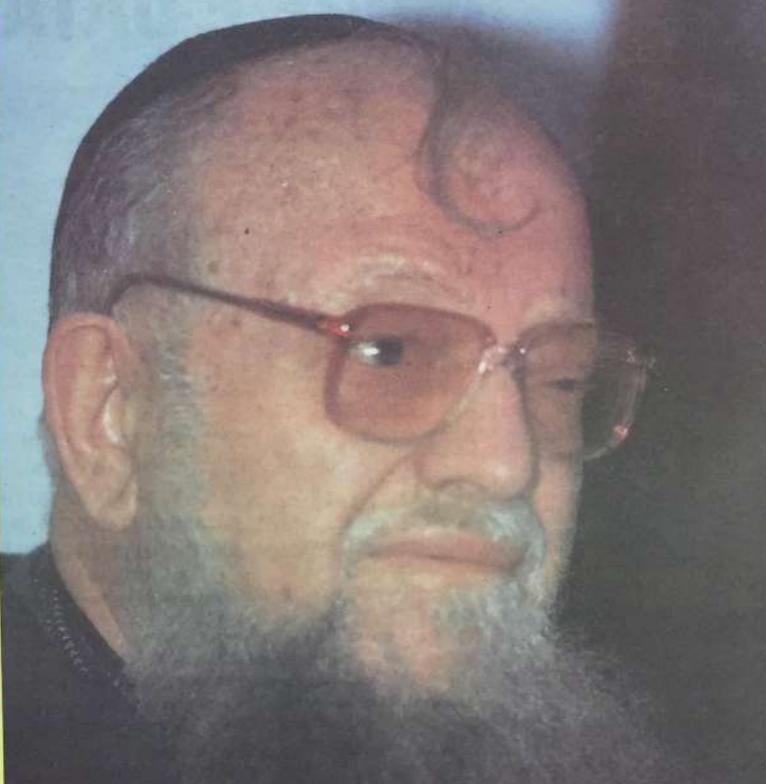


Leia no Jogo da Verdade

Será Leandro?



Dúvidas e certezas de uma mãe



O INCRÍVEL FREI MIGUEL

Exorcista, fugitivo de campo de concentração nazista, sua mãe morreu para que ele pudesse viver. Virou o mundo e veio parar em Curitiba. A cada dia, dezenas de pessoas procuram sua ajuda na Paróquia da Vila Nossa Senhora da Luz. Página 18

AS BRUXAS DE GUARATUBA

BATTÚ: NÃO É LEANDRO

Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas não acredita que Diogo seja Leandro

O detetive Walmir F. Battú, presidente do Interbureau diz que a Polícia Militar se precipitou "na açodada apresentação do infante Diogo Rodrigo Moreira. Errou também o senhor João Bossi, ao reconhecer Diogo como sendo seu filho Leandro." (leia nota do Interbureau abaixo).

Já Paulina Bossi, ainda tem dúvidas de que o garoto seja seu filho. Estranha o tamanho e o formato e a cor dos olhos (leia na contracapa, texto e fotos de Vânia Mara Wélte).

O Instituto Médico Legal e o Instituto de Criminalística do Paraná já começaram uma série de exames científicos que levarão à verdadeira identidade da criança encontrada em Manaus e trazida a Curitiba como sendo o pequeno Leandro Bossi, desaparecido há mais de quatro anos de Guaratuba.

O diretor do Instituto Médico Legal, de Curitiba, Francisco Moraes Silva, disse que depois de levantar a identidade antropológica, com o reconhecimento de sinais físicos, mensuração inclusive dos punhos da criança, checagem de lembranças e de dados sobre a vida familiar, passa a ser feita a pesquisa de vínculo genético - exame de DNA - em dois laboratórios diferentes - pelos geneticistas Salmo Raskin e Rui Piloto.

"Não vamos deixar que paire qualquer dúvida a respeito da identidade da criança", adiantou Moraes e Silva. Ele também esclareceu que o exame de punho oferece uma precisão quase exata, com diferença de apenas algumas semanas, sobre a idade da pessoa, assim como o exame das arcadas dentárias.

Apesar da criança aparentar uma idade inferior a de 12 anos - idade que teria hoje Leandro Bossi - Moraes e Silva explica que há muitos fatores que podem impedir ou retardar o crescimento. "Maus tratos, traumas, má alimentação e stress são alguns destes fatores", apontou.

NOVAS PISTAS

No primeiro auto de reconhecimento formal, feito no Sicride, durante mais de três horas, juntos e separados, os Bossi responderam cerca de 200 perguntas feitas pelo delegado Bacila, que as confron-



Revoltado, o garoto, que pode ser Leandro, provocou um tumulto no reconhecimento formal no IML. Na foto, ele aparece com João e Paulina Bossi.

NOTA OFICIAL

O INTERBUREAU, Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas, através do seu Presidente, Detetive Walmir Battú, vem a público comunicar a Sociedade em Geral, acerca da localização do menino DIOGO RODRIGO MOREIRA, aventado como 'LEANDRO BOSSI', a sua opinião enfática e irretroatável, dizendo o seguinte:

1. Houve grave precipitação na açodada apresentação do infante DIOGO RODRIGO MOREIRA, bem como no seu reconhecimento pelo Pai, como sendo o mesmo "LEANDRO BOSSI";

2. Razões diversas, faz nos acreditar, que a constituição física, formação óssea, fala, voz e comportamento mental entre outras, evidenciam tratar-se de um infante de no máximo 08 anos de idade, portanto, totalmente incompatível a uma criança de quase 13 anos, como é o caso do verdadeiro LEANDRO BOSSI;

3. Entre outras convicções, cumpre DECLARAR o seguinte: "O MENINO DIOGO RODRIGO MOREIRA, ORA APRESENTADO COMO CRIANÇA DESAPARECIDA DE GUARATUBA, NÃO SE TRATA SE LEANDRO BOSSI". É, o que cumpria declarar a sociedade brasileira.

Curitiba-PR, 23 de Agosto de 1996

Detetive WALMIR F. BATTÚ
Presidente do Interbureau

tava depois. "A criança também deu informações importantes para levantarmos sua identidade e prosseguir nas investigações sobre o desaparecimento dos menores em Guaratuba e no Paraná", declarou Bacila.

O delegado solicitou também que sejam feitos exames de sanidade física e mental no garoto. Bacila e Moraes e Silva explicaram, durante a semana, que é comum crianças - como a encontrada em Manaus - usarem de recursos que mascaram a realidade. "E o que chamamos de mitomania ou fabulação. A criança fantasia e acaba acreditando na história criada pela sua mente infantil", disseram.

O delegado Bacila pediu ainda mais 30 dias de prazo para concluir o inquérito que ele preside sobre o desaparecimento de Leandro Bossi. Ele pretende incluir no inquérito o resultado de todos os exames que solicitou e também o do envelhecimento de fotos que será feito no Instituto de Criminalística do Paraná. Segundo o delegado, a coleta de sangue assim como os exames estão sendo efetuados na presença de advogados, do Ministério Público e até da imprensa interessada em esclarecer este caso.

UBERATAN GUIMARÊS
BIBLIOTECA
CANDIDO LOPES, S/N
CORTEZIA 17
CURITIBA PR

ANO 01 Nº21

RS 2,00

hora H

setembro '96 seg 02 ter 03 qua 04 qui 05 sex 06 sab 07 dom 08

**Recorte 4 cupons
e ganhe 1 livro**

Junto 4 cupons de cores diferentes, que serão publicados semanalmente neste espaço, e troque nas Livrarias Ghignone por 1 livro, entre mais de 300 títulos promocionais. Participe e ganhe.

Promoção GHIGNONE / hora H

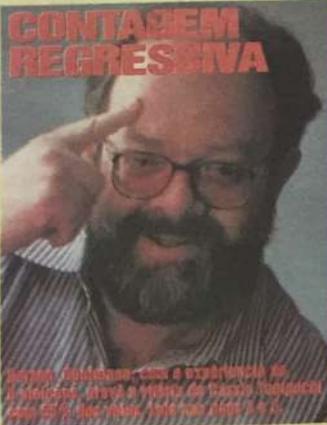
Um roteiro da **PROSTITUIÇÃO INFANTIL**

Salba como funciona o tráfico e agenciamento de meninas em Curitiba. Leia no RADAR

ELEIÇÕES 96

OS CAMPEÕES DA REJEIÇÃO

Max Rosenmann (32%), Carlos Simões (28%) e Ângelo Vanhoni (25%) são os candidatos que lideram o ranking negativo da corrida eleitoral. Pág. 2 e 3.



**CONTAGEM
REGRESSIVA**

Continua... Leia a reportagem de 11 páginas sobre o caso de assassinato de 25% das vítimas, veja na pág. 1 e 2.



-EU SOU A MÃE DELE. O RESTO É MENTIRA

Ângela Regina Moreira veio de Manaus para provar que Diogo não é Leandro

UM MENINO E SETE DESTINOS

Enquanto não sai o resultado do DNA para saber se Diogo é Leandro, os sete acusados de magia negra em Guaratuba vivem um novo drama: se for Leandro, todo o processo contra eles não passaria de uma grande farsa. Três deles confessaram que mataram Leandro Bossi num ritual macabro, há 4 anos.

Duas confissões

A POLÍCIA a confissão dos acusados do crime de Guaratuba foi obtida após horas de horror. "Que mãe não confessaria vendo sua filha sendo violentada", desabafa Celyna Abagge. Já Beatriz diz: "Não sei quantas vezes fui estuprada e nem por quantos homens", ao ser interrogada pela Polícia Militar.

AO PADRE Frei Miguel, confessor dos sete acusados, está convencido de que eles são inocentes: "Todos eles me contaram como foram torturados até não mais agüentarem e que confessaram o que queriam que eles confessassem."

**Leia mais sobre o caso
a partir da página 16**

AS BRUXAS DE GUARATUBA

FREI MIGUEL: "SÓ NÃO POSSO EXORCIZAR A INJUSTIÇA"



"Todos eles me contaram como foram constrangidos e torturados ao ponto de deixarem de sofrer mais e, assim, confessarem o que queriam que eles confessassem"

"Entrego a minha vida a Deus na certeza da inocência das sete pessoas acusadas do assassinato do pequeno Evandro Caetano, em Guaratuba, em 1992". Quem proclama esta certeza é o frei Miguel, um dos poucos religiosos no Brasil, e único no Paraná, autorizado pela Igreja Católica Apostólica Romana a praticar o exorcismo. "Sinto não poder exorcizar a injustiça", lamenta.

"Eu visitei os acusados nas prisões, em agosto de 1992, e vi as queimaduras provocadas por choques elétricos nos testículos e nos pênis daqueles homens e nas mãos das duas mulheres. E me lembrei do tempo em que passei no campo de concentração na Alemanha, quando obrigavam pessoas a fazer e a dizer coisas que não queriam", testemunha.

DE VOLTA AO CÁRCERE

Mesmo acostumado a lidar, no dia-a-dia, com a dor e a miséria, Frei Miguel questiona a Justiça que, "olvida a tortura e mantém presos há mais de quatro anos, sem julgamento", Celina e Beatriz Abagge, David dos Santos, Ailton Bardelli, Oswaldo Marcineiro, Vicente de Paula e Sérgio Cristofolini. "A Justiça é falha porque quiseram colocar falhas nela", argumenta.

Frei Miguel afirma que, na primeira visita aos presídios, viu também um dos homens com uma costela deformada e outro com cicatrizes no rosto causadas pela tortura. "Todos eles me contaram como foram constrangidos e torturados ao ponto de deixarem de ter condições de sofrer mais e, assim, confessarem o que queriam que eles confessassem", lembra.

MILHARES DE CONFISSÕES

O frei capuchinho já visitou os acusados três vezes na prisão. Uma delas, acompanhado do próprio arcebispo de Curitiba, Dom Pedro Fedalto, que também acredita na inocência dos acusados. "Em todas as vezes tive a certeza de estar diante de, pelo menos, sete pessoas inocentes e injustiçadas", garante, escudado na certeza de "conhecer profunda-

mente a alma e o coração dos homens".

Nas conversas com os prisioneiros, frei Miguel conta que ouviu a história e também a confissão de cada um. Sobre o que falaram em confissão nada pode dizer, mas pode assegurar que "todos eles sofrem e nem sabem qual a razão de estarem ali". Frei Miguel faz uma constatação: "Ali, vi mais uma vez o poder da força bruta, e me voltaram à memória as imagens do campo de concentração alemão, onde vivi de 1944 e 1945, no final da II Guerra Mundial", conta.

CINZELADO NA DOR

Formado em psicologia e parapsicologia, com o caráter moldado e forjado na dor e no sofrimento, próprio e alheio, frei Miguel declara sua convicção baseado nos estudos diários da alma humana e, ainda, em ouvir confissões de todo tipo de gente, das mais diferentes camadas sociais, de todas as partes do mundo, em 50 anos de vida religiosa. Neste exercício diário, ele chama atenção para a falta de consciência de pessoas que costumam julgar os seus semelhantes.

JUÍZO DE VALOR FÁCIL

"Falta responsabilidade nos julgamentos. As pessoas não devem se deixar levar pelas aparências, pelo juízo de valor fácil", ensina. Frei Miguel lamenta ainda a ignorância do povo. "E, infelizmente, até a Justiça tem se baseado na ignorância das pessoas", argumenta. Lidando com gente humilde, simples e pobre, frei Miguel testemunha esta ignorância também em tempos pré-eleitorais.

Ele diz que "qualquer garrafa de pinga, qualquer presentinho, pode ser trocado por um voto, demonstrando mais uma vez a falta de responsabilidade das pessoas para coisas tão sérias". Mesmo assim, frei Miguel acredita que todos os erros podem ser corrigidos. E para os acusados do assassinato do pequeno Evandro Caetano, ele espera que "se faça Justiça".

Como religioso piedoso, vai além: "Mas, se por acaso, a Justiça dos homens falhar mais uma vez, há a Justiça de Deus. E esta não falha, podem ter certeza", adverte o homem com quem nem o diabo pode. Frei Miguel, o exorcista, ensina que a razão de qualquer destemor está no amor a Deus e ao próximo. "O que inclui abominar toda e qualquer violência", explica.

O ESTRANHO SILÊNCIO DO PADRE ADRIANO

Convencido da inocência dos sete acusados do suposto assassinato do pequeno Evandro Caetano, em ritual de magia negra, frei Miguel, o exorcista, decidiu ligar para o antigo pároco da Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso - de Guaratuba -, padre Adriano, que hoje mora no Mato Grosso do Sul. "Afinal, ele estava na casa dos Abagge, junto com Beatriz no dia do suposto crime", lembra.

Frei Miguel contou ao jornal *hora H* que conversou com o padre Adriano. Mas ao pedir para ele revelar a verdade, a fim de ajudar a esclarecer os fatos, o padre se esquivou. "Ao saber da minha intenção, padre Adriano simplesmente desligou o telefone, sem dar qualquer explicação", afirma. Frei Miguel considera o fato "muito estranho" e também não entende a razão "por que padre Adriano foi mandado para fora do Paraná", argumenta.

o dossiê

O ROTEIRO DO HORROR

"Não sei quantas vezes fui estuprada e nem por quantos... a vendá caiu... vi o rosto do homem... estava em cima de mim... nunca vou esquecer o rosto daquele monstro... dois ou três policiais... me seguravam pelos braços e pernas... desmaiei... quando acordei estava toda suja de sangue e torção... não conseguia me mexer... parecia que estava inteirinha arrebentada por dentro e por fora..."

(Beatriz Abagge)

Quem consegue "como era mal estar entre psicólogos, terafistas, psicólogos, advogados e outros profissionais, terminava no centro de que, em 1982, o Paraná foi palco para a primeira, pelo menos contra denúncia, que até hoje se mantém pouco, mas, irônica de fato", afirma a advogada, integrante do Conselho Municipal de Curitiba. Em Curitiba, há uma delegacia do Conselho Municipal de Curitiba. Em Curitiba, há uma delegacia do Conselho Municipal de Curitiba. Em Curitiba, há uma delegacia do Conselho Municipal de Curitiba.

ALBUM DE FAMÍLIA



No alto, a esquerda, Carlos e Beatriz, à direita, Aldo, o pai, e Beatriz. Em baixo, a esquerda, um portait de Beatriz. À direita, Beatriz em férias no Hawaii, em 1986.

PROVA DA TORTURA
Constatado o trabalho realizado pelos integrantes do Conselho Municipal de Curitiba. Foi o resultado esperado.

20 volumes, de 200 páginas cada um, foram produzidos. O registro "o trabalho parat", em Curitiba, há uma delegacia do Conselho Municipal de Curitiba. Em Curitiba, há uma delegacia do Conselho Municipal de Curitiba. Em Curitiba, há uma delegacia do Conselho Municipal de Curitiba.

AS BRUXAS DE GUARATUBA
Um dos algozes avisou Beatriz que 16 policiais iriam estuprá-la

O relato de Beatriz Abagge a advogada Isabel Mendes começa no momento em que ela e a mãe, Celina Abagge, no dia 2 de julho de 1982, em Guaratuba, serviram o café da manhã às crianças. Filhos de Beatriz, um rapaz com quatro anos de idade e quatro filhas, estavam sentados à mesa em volta de uma mesa de madeira.

depois, os policiais foram levando ela e não os, porque não tinham a quem oferecerem", afirma Beatriz. Ela conta que depois de serem "apreendidos pelo distrito de Guaratuba, foram levados para o distrito de Curitiba, onde foram mantidos em uma cela do presídio de Curitiba. Ela conta que depois de serem mantidos em uma cela do presídio de Curitiba, foram mantidos em uma cela do presídio de Curitiba.

Em sua cela, não visitada, vivia ela sozinha. Ela conta que depois de serem mantidos em uma cela do presídio de Curitiba, foram mantidos em uma cela do presídio de Curitiba. Ela conta que depois de serem mantidos em uma cela do presídio de Curitiba, foram mantidos em uma cela do presídio de Curitiba.

ALBUM DE FAMÍLIA



À esquerda, Carlos e a falecida Beatriz, no ano de 1982. À direita, Beatriz vivendo para os Estados Unidos em férias em 1985.

ALBUM DE FAMÍLIA



De pais, Aldo e Celina, na comemoração de passagem de ano novo, em Curitiba.

DE VOLETA
A INQUIRIDAÇÃO
Beatriz revela que os policiais não sabiam aonde ela estava, porque estavam em Curitiba, onde ela estava. Ela conta que depois de serem mantidos em uma cela do presídio de Curitiba, foram mantidos em uma cela do presídio de Curitiba.

O INFERNO
DE BEATRIZ
Beatriz foi novamente estuprada e discriminada. Ela conta que depois de serem mantidos em uma cela do presídio de Curitiba, foram mantidos em uma cela do presídio de Curitiba. Ela conta que depois de serem mantidos em uma cela do presídio de Curitiba, foram mantidos em uma cela do presídio de Curitiba.

O ROTEIRO DO HORROR

"Não sei quantas vezes fui estuprada e nem por quantos ... a venda calu... vi o rosto do homem que estava em clima de mim... nunca vou esquecer o rosto daquele monstro ... dois ou três policiais me seguravam pelos braços e pernas... desmaiei ... quando acordel estava toda suja de sangue e fezes ... não conseguia me mexer... parecia que estava Intelirinha arreventada por dentro e por fora..."

(Beatriz Abagge)

O que começou "como um mal-estar entre psicólogos, terapeutas, assistentes sociais, advogados e outros profissionais, terminou na certeza de que, em 1992, o Paraná foi palco para a tortura, pelo menos contra sete pessoas, que até hoje se encontram presas, numa trajetória de terror", afirma a advogada, integrante do Conselho Municipal da Condição Feminina, Isabel Mendes. O resultado do trabalho consta hoje do dossiê: "Tortura Nunca Mais?"

O "mal-estar" dos integrantes do Conselho Municipal da Condição Feminina, em 1992, foi causado pelo "simples" pedido de analisar e confirmar as denúncias de tortura contra sete pessoas acusadas do suposto assassinato do pequeno Evandro Caetano, em ritual de magia negra, em Guaratuba. "Nós acreditávamos na história noticiada, na época, na imprensa. Mas, mesmo réus, a prática de tortura é inadmissível e, então, começamos o nosso trabalho", afirma a advogada que, como os demais, se confessou surpreendida com o resultado inesperado.

PROVA DA TORTURA

O resultado do trabalho realizado pelos integrantes do Conselho Municipal da Condição Feminina "foi a prova da prática de tortura", diz Mendes. O espantoso é que as gravações em fitas - cassete e de vídeo - de uma suposta confissão dos réus, assim como os laudos de exame de lesões corporais, ao contrário do que foi amplamente divulgado, resultaram em verdadeiras provas da prática de tortura no Paraná", assegura.

A advogada explica que pela fita de vídeo usada pelas autoridades policiais foi possível constatar nos réus as marcas de choques elétricos nos dedos das mãos, diversas escoriações e hematomas de até 12

ÁLBUM DE FAMÍLIA



No alto, à esquerda, Celina e Sheila. À direita, Aldo, o pai, e Beatriz. Embaixo, à esquerda, um portrait de Beatriz. À direita, Beatriz em férias no Hawaii, em 1986



centímetros de extensão, todas em perfeita consonância com as denúncias de tortura dos acusados. E na gravação em fita cassete foi possível constatar a "coação". Por diversas vezes, "ouve-se, ao fundo, os policiais proferindo ameaças", relata.

POUCO CASO

Mendes destaca que as torturas foram imediatamente denunciadas. "Mas nenhuma autoridade tomou providência para a apuração das denúncias de tortura." A advogada lembra ainda que, na época, Diógenes Caetano - parente da suposta pequena vítima - tentava também envolver os sete acusados no caso do desaparecimento de Leandro Bossi".

Para os integrantes do Conselho "todos os fatos não passam de uma história engendrada, obtida sob torturas, com o cerceamento do direito de defesa dos acusados, que são pessoas inocentes e que deveriam estar livres". A

advogada afirma que "se trata de uma aberração jurídica arquitetada para justificar o crime, não contra o pequeno Evandro Caetano, mas o crime de tortura".

Cópias do dossiê "Tortura Nunca Mais?", que tem quase 300 páginas, foram enviadas a diversas autoridades do país e em diversos escalões, pedindo abertura de inquérito para averiguar responsabilidades de autoridades que se omitiram diante de denúncias de torturas, colocando-as sob suspeição. "Apesar de que as confissões assinadas pelos acusados foram feitas durante o período de prisão arbitrária, e sem a presença de advogados, nada foi feito", queixa-se Mendes.

Mendes assegura que as confissões foram obtidas após mais de quatro horas de torturas, onde "os acusados foram estuprados diversas vezes e por várias pessoas, sofreram todo tipo de violência física, coação moral e humilhações".

Nos autos, que hoje somam apenas, fica exposto "o trabalho parcial", onde foram coletadas mais de 100 amostras nos locais onde teria sido executado o ritual de magia negra. "Metanálise do paraná e pelo Instituto Médico Legal e em laboratórios particulares, contratados pelo Governo do Estado - da época -, não há provas materiais de qualquer crime", enfatiza Mendes.

O documento registra que "nem um só fio de cabelo ou uma única gota de sangue foram encontrados, são apenas conjecturas e ilações". A advogada lembra que "a violação dos direitos humanos é um crime que pode crescer e também entrar em nossas casas, atingindo qualquer um, qualquer família". Mendes defende que "a dignidade humana não tem preço e a lei não pode ser substituída pela força, colocando em risco o Estado de Direito da Sociedade e da Nação".

Mendes
Celina
Guaratuba
de Be
de, q
mado
Ela
e algu
los fu
não es
um tu
o moti
ais dis
tava p
telefon
liciais.
vorada

O PES
Beat
tos, os
quem e
Oswald
mos a p
vio Bone
anças fo
com me
sem a m
çavam fa
Ela d
pessoa d
Oswald
society
vezes tin
tas na ca
Hortênci
namente
dela, Celi
até o Fó
iza, Anés
Beatriz
da qual da
prender, s
"Eu sou
segundo n
um polici
Fórum de
atrás.

JUSTIÇA
AUSEN
No Fóru
juízo que n
ao lado da t
mulheres. "I
na porta imp
se. Acredito

AS BRUXAS DE GUARATUBA

Um dos algozes avisou Beatriz que 16 policiais iriam estuprá-la

O relato de Beatriz Abagge à advogada Isabel Mendes começa no momento em que ela e a mãe, Celina Abagge, no dia 2 de julho de 1992, em Guaratuba, serviam o café da manhã às crianças - filhos de Beatriz -, na época com apenas dois anos de idade, quando "policiais armados invadiram a casa armados de metralhadora".

Ela conta que policiais - do serviço secreto da PM e alguns federais - entraram pela frente e outros pelos fundos. "Não sabíamos do que se tratava. Eles não explicavam nada. Formou-se um tumulto. Meu pai questionou o motivo da invasão e os policiais disseram que minha mãe estava presa. Meu pai tentou usar o telefone e foi empurrado pelos policiais. As crianças gritavam apavoradas".

O PESADELO

Beatriz relembra que, aos gritos, os policiais perguntavam quem era a psicóloga, amante do Oswaldo. "No desespero pedimos a presença do advogado Silvio Bonone e também que as crianças fossem retiradas. Ficamos com medo que os policiais usassem a metralhadora. Eles ameaçavam fazê-lo".

Ela declara que era a única pessoa da família que conhecia Oswaldo. "Como muita gente da sociedade de Guaratuba algumas vezes tinha ido a reuniões espíritas na casa dele e no Centro D. Hortência. O clima ficou extremamente tenso", conta. A mãe dela, Celina, sugeriu que fossem até o Fórum local para esclarecer tudo diante da juíza, Anésia Edith Kowalski.

Beatriz acredita que os policiais não sabiam ainda qual das filhas do prefeito, Aldo Abagge, queriam prender, se ela ou Sheila, que é psicóloga.

"Eu sou terapeuta ocupacional", diz Beatriz, prosseguindo no depoimento. Junto com a irmã, a mãe, e um policial, elas foram no carro de Benone até o Fórum de Guaratuba. Os outros policiais seguiram atrás.

JUSTIÇA AUSENTE

No Fórum, ficaram esperando pela presença da juíza que não chegou. Beatriz ficou perto da porta, ao lado da mãe. Policiais entraram e levaram as duas mulheres. "Um policial ruivo e de bigodes se postou na porta impedindo que o advogado as acompanhasse. Acredito que se fosse Sheila quem estivesse perto

da porta, os policiais teriam levado ela e não eu, porque eles não sabiam a quem queriam levar", relata.

Beatriz ressalta que foram "arrastadas para dentro do carro que arrancou rapidamente". Seguiram em direção de Garuva. No meio do trajeto, pararam, para separar mãe e filha. Beatriz conta que ficou abaixada, no fundo do carro, com o rosto coberto. Destaca que havia armas no banco do carro. Não sabia o que estava acontecendo e por que, e para onde, ela e a mãe estavam sendo levadas. "Eu estava desesperada", relembra.

lá sua puta, sua vagabunda, você vai falar. Teu amante já confessou, o Oswaldo já confessou, fale". Beatriz disse que nada tinha a confessar porque nada havia feito. O policial foi incisivo. "Se você não confessar por bem, vai confessar por mal".

O SADISMO

Naquele instante, Beatriz diz que percebeu a entrada de uma porção de policiais. Eles a agrediam com palavras ofensivas, ao mesmo tempo em que "arrancavam" a roupa dela. Um dos policiais avisou-a que 16 policiais iriam estuprá-la.

"Comecei a gritar, gritar, suplicando que não fizessem isto. Lembro que escutei gritos de minha mãe. Pedi que nada fizessem contra ela porque ela tinha problemas cardíacos. Daí eles saíram correndo e gritando. E voltavam, aos montes, sempre gritando", conta.

Ela não sabe se era para desmaiada, mas vi bem o rosto dele. Reconheço este homem onde ele estiver. Nunca vou esquecer o rosto deste monstro".

O INFERNO DE BEATRIZ

Beatriz foi novamente vendada e desmaiou. Conta que desmaiou diversas vezes. "Não sei quantas vezes fui estuprada e nem por quantos homens. Mas na primeira vez, eu senti que colocaram uma coisa dura na minha vagina. Não sei o que era. Só sei que era uma coisa terrível. Eu gritava e desmaiaava". Ela não sabe quanto tempo durou isto.

Lembra que dois ou três policiais a seguravam pelos braços e pelas pernas. Não tinha como reagir. Os policiais a xingavam de "puta, putinha, vagabunda" e ela gritava "desesperada". Então, colocaram um pano na boca de Beatriz e ela não viu mais nada.

MEDO E DOR

Quando Beatriz acordou, estava em outra cama. "Toda suja de sangue e fezes. Não conseguia nem me mexer. Parecia que estava todinha arrebatada por dentro e por fora. Um policial entrou e colocou minha roupa. Puseram uma pessoa ajoelhada na mi-

ÁLBUM DE FAMÍLIA



À esquerda, Celina e a formanda Sheila, no ano de 1982. À direita, Beatriz voando para os Estados Unidos em férias em 1985.



Os pais, Aldo e Celina, na comemoração da passagem do ano novo, em Guaratuba



DE VOLTA A INQUISIÇÃO

Beatriz percebeu que os policiais se perderam no meio do caminho, porque pararam e pediram informações sobre o posto policial. Depois prosseguiram. Beatriz acredita que rodaram por uns 40 quilômetros em estrada de terra. Dentro do carro, os policiais diziam que "iam queimar as bruxas, que eles eram sacerdotes da inquisição". Quando o carro parou, Beatriz quis saber se iam matá-la. Ela disse que sentia medo.

Um policial lhe respondeu que não iam matá-la. Beatriz nada enxergava porque estava com os olhos cobertos por uma jaqueta. Mas percebeu que foi levada para dentro de uma casa e conduzida até um cômodo, onde um policial a fez sentar numa cama. Tiraram a jaqueta do rosto dela, substituindo-a por uma venda nos olhos.

Beatriz relata que ouviu um policial dizer: "Vamos

na frente e perguntavam se eu reconhecia o meu amante e me mandaram pegar na mão dele, na barba. Eu respondi que não sabia quem era".

A pessoa na frente de Beatriz - de acordo com o depoimento - era Oswaldo Marceneiro. Ele disse à Beatriz: "Fale tudo o que eles querem porque eles vão me matar. Já fui torturado, me fizeram afogamento, eu não agüento mais, diga que você seqüestrou o menino". Neste momento, Beatriz conta que começou a gritar: "Isto não é verdade, você é um mentiroso, eu não seqüestrei ninguém. Eu xinguei ele, porque era tudo mentira".

Eles retiraram o Oswaldo (Beatriz o reconheceu pela voz). Ela prossegue: "Começaram a me atolar com um pano molhado com água e sabão envolto em meu rosto, apertando-o contra o meu nariz e boca. Eu não conseguia respirar. Eles perguntavam se eu ia falar ou não. Eu sacudia a cabeça, dizendo que não. Eles continuavam e eu desmaiei várias vezes".

As torturas continuaram. Beatriz relata que nem sabia o que dizer, o que os policiais queriam dela. Depois disseram que iam colocá-la num detector de mentiras e ela se sentiu aliviada porque iam saber que nada tinha feito. Mas em vez do detector de mentiras, eles enrolaram um fio nos dedos dela e começaram a dar choques elétricos. Enquanto faziam isto, três policiais iam dizendo o que ela deveria falar. Ela conta que esta tortura durou horas. Nem sabe quanto tempo e nem o que disse para eles.

O CALVÁRIO

Beatriz relata que os policiais a treinavam para dizer o que queriam que ela dissesse. Depois a mandaram contar tudo de uma só vez. "Eu não agüentava mais. Eu fiz cocô nas calças. Fiz xixi. Quando terminaram, tiraram a venda dos meus olhos para eu calçar as botas. Puseram novamente a venda e me levaram para um banheiro, onde um policial bateu no meu rosto".

Eles a mandaram tomar banho. "Eu estava toda suja de sangue e fezes e joguei minha calcinha no lixo. Toda hora eu escutava os gritos da minha mãe. Então, eu pedi que me levassem até minha mãe. Eles me levaram. Eu pedi a ela, pelo amor de Deus, para falar tudo o que eles mandassem, porque eu não agüentava mais, eu estava morrendo".

Beatriz disse que não agüentava mais levar nem um só choque, nenhuma violência mais, porque achava que ia morrer. A mãe dela, então, começou a relembrar que eles mandaram as duas beber um líquido que tinha gosto amargo. Depois, foram levadas para o Fórum de Guaratuba e de lá para Matinhos.

INDIGNIDADE E FÚRIA

No meio do caminho Beatriz recebeu uma injeção de "Valium". Ela diz que estava meio zozna. Viu

que filmavam enquanto mandavam ela fazer sim com a cabeça. Conta que começou a gritar e eles chamaram um médico. "Ele viu o meu estado. Fomos levadas para o quartel de Matinhos e fiquei sozinha num quarto", lembra.

O relato prossegue com outras violências praticadas contra ela. Houve um momento em que pode denunciar a algumas pessoas as violências e torturas sofridas. Mas ninguém deu atenção. Ela relata também a viagem para Curitiba. Durante o trajeto, sofreu mais pressão e insultos.



Celina, confinada ao apartamento em Curitiba, enquanto aguarda o julgamento.

SINAIS DE VIOLÊNCIAS

Em Curitiba, Beatriz e Celina tiveram a oportunidade de mostrar a outras pessoas os sinais das violências que ambas sofreram. Mas as autoridades ameaçavam soltá-las no meio da população enfurecida.

Foram levadas para a Secretaria de Segurança Pública, onde um advogado as orientou a ficarem caladas diante da imprensa, porque logo seriam libertadas e tudo seria esclarecido. Dalí foram transportadas para o IML, onde ficaram o dia inteiro. "Mas o médico apenas nos olhou e perguntou se havia marcas".

Os policiais estavam ao redor das duas. "Não tinha como falar com o médico. Só mostrei os dedos e nem tirei a roupa. Mas tentava, com gestos, fazer o médico entender que ele tinha que examinar o meu corpo. Isto, quando os policiais não estavam olhando. Mas o médico só fez algumas anotações. Escreveu que havia pequenas escoriações no rosto, porque estava sangrando".

A NUDEZ

Beatriz relata um quadro de "horror". Afirma que sentiu tanto medo e dor que confessaria qualquer coisa. "Eu diria tudo o que eles quisessem", confessa. Do IML, elas foram levadas para o Ahú - na Penitenciária. "Alí gudo dava socos nas costas, nos braços dela e da mãe, e falava: "Bem-vindas ao inferno, a nova residência da primeira-dama".

De lá, as duas foram transferidas para a Penitenciária Feminina e até chegarem no portão foram apanhadas. Colocadas na frente do portão, aos socos, uma guarda

disse: "Aqui não, aqui você não vai bater em ninguém".

Na semana seguinte retornaram ao Ahú para fazer a identificação. Lá foram obrigadas a tomar banho na frente dos policiais. "Nuas, eu e minha mãe conta. Sem receber toalhas para se enxugar, vestiram um camisão que é conhecido como "pega-louco".

Ficaram o dia inteiro viradas para a parede, vestidas com aquele pijama e descalças. "Fazia um calor enorme", lembra. Lá também tiraram fotos delas. Depois foram para uma entrevista com uma psicóloga e com uma assistente social. Para as duas profissionais contaram sobre as torturas sofridas.

Nesta altura do depoimento a advogada Isabel Mendes, Beatriz pergunta: "O que querem de nós?" Ela afirma que no dia do pretense ritual de magia negra de abril de 1992, ela estava em casa junto com diversas pessoas, inclusive com o padre de Guaratuba. Na época era o padre Adriano, hoje removido para Maripá, Grosso do Sul.

"Minha mãe estava acompanhada de meu pai e amigos numa festa de aniversário", afirma. Ela enfatiza que tudo isso está provado nos autos e não entende como e por que ainda estão presas.

"MÃE, SOCORRO!"

Celina também faz o relato das torturas sofridas. No depoimento à advogada Isabel Mendes, Celina chorou durante quase todo o depoimento. Em alguns trechos, ela fala sobre o desespero de ouvir os gritos da filha. Ela relembra que escutava os pedidos de socorro de Beatriz: "Mãe, socorro!" Ela pedia para os policiais que não matassem a filha.

"Eu escutava eles dizendo: Tirem a roupa dela, ela gritava: Não! Não! Não!... Gritava desesperada, daí parava. Eu pensava que eles tinham matado minha filha. Mas daí a pouco os gritos começaram a diminuir. Eu ouvia e gritava também, desesperada. Então os policiais davam tapas com as duas mãos nas minhas orelhas. Desmaiei várias vezes".

No depoimento, Celina conta inúmeros sofrimentos a que foi submetida. E relembra o momento em que levaram Beatriz para junto dela. Com a cabeça amarrada na cabeça, Celina não podia ver Beatriz, mas depõe que podia imaginar o estado em que a filha se encontrava. Beatriz chorava e dizia: "Me pelo amor de Deus, diga o que eles quiserem, porque eu não agüento mais, eu estou morrendo".

Celina lembra que, então, passou "a repetir o que os policiais a mandavam dizer. "Quando eu estava errado, eles me batiam no ouvido. Me pisando no estômago. Eles diziam: Agora fale o que eu quero dizendo", relembra. A advogada Isabel Mendes recorda que, durante o relato, Celina chorava e se descontrolava, e, apenas com as lembranças do depoimento, passou mal. "Não é fácil lembrar", depõe Mendes.

DIOGO OU LEANDRO?

EM BUSCA DO FILHO PERDIDO

O menino que chegou ao Paraná, no último dia 16, como sendo Leandro Bossi, e meu filho e chama-se Diogo Rodrigo Moreira", assegura a catarinense Ângela Regina Moreira



A polícia científica do Paraná promete esclarecer até o final dessa semana, a verdadeira identidade do menino encontrado em Manaus e reconhecido por João Bossi, como sendo seu filho Leandro, desaparecido há quatro anos em Guaratuba. Enquanto isso, um novo personagem vai dominar a cena até lá: Ângela Regina Moreira, uma catarinense que mora hoje em Itaqui, no interior do Amazonas, garante, que o menino é o seu filho Diogo, de dez anos. Ângela foi localizada pelo detetive Walmir Battu, do Inter Bureau, especializado em crianças desaparecidas.

Desde que chegou a Curitiba, dia 16 de agosto, trazido por João Bossi e um oficial da Polícia Militar do Paraná, o menino vem pro-

vocando a maior controvérsia sobre sua verdadeira identidade. E uma dura constatação: houve acórdão tanto do juiz de menores de Manaus, que autorizou a entrega da criança a João Bossi, quanto da Polícia Militar do Paraná que apresentou, em clima de festa, o garoto como o desaparecido Leandro. O mais sensato teria sido a realização, ainda em Manaus, de um exame de DNA.

UMA HISTÓRIA SEM FIM

O menino que chegou ao Paraná, no último dia 16, como sendo Leandro Bossi, é meu filho e chama-se Diogo Rodrigo Moreira", assegura a catarinense Ângela Regina Moreira, que atualmente mora em Itaqui, na região norte do Amazonas, a cerca de 350 quilômetros de Manaus. A seu favor, Ângela tem o Poder Judiciário de Manaus - do Juízo de Menores ao cartório local onde está assentado o registro de nascimento de Diogo - que comitavam o que diz Ângela.

O presidente do Bureau Internacional de Busca Crianças Desaparecidas, Walmir Battu, foi ao Amazonas em busca de esclarecimentos definitivos sobre a verdadeira identidade do garoto. Battu esteve em Manaus, onde na Delegacia de Ordem Policial e Social, junto com autoridades locais, ouviu diversas testemunhas sobre o caso "Diogo ou Leandro". Ele também foi a Itaqui para buscar Ângela, acompanhado de uma equipe designada pela delegada Ruth Barreto, do Dops de Manaus.

É MEU FILHO

Ângela Regina Moreira vem ao Paraná com a única certeza: a de ser mãe biológica de Diogo, nascido a 15 de agosto de 1986, em Manaus, filho de Aguinaldo Santana, com quem não vive mais. Ela lançou o desafio de se submeter a qualquer exa-

me, inclusive de DNA para provar ser a mãe do garoto.

Ângela conta que abandonou os filhos que teve com Aguinaldo e foi viver com outro homem. Em 1991, Aguinaldo, que jamais quis reconhecer oficialmente os filhos, entregou Diogo para ser criado por Martinha Duarte, a quem Ângela sempre visitava para acompanhar o crescimento do garoto.

Martinha Duarte, a segunda mãe de Diogo, começou a ter dificuldade em controlar o menino, "muito sapeca, irrequieto e fujão". Por esta razão, Martinha passou a responsabilidade da criação do menino para sua filha, Sila Maria Duarte de Oliveira. Em 1994, Sila matricula Diogo no Colégio Tiradentes, próximo da casa onde moravam.

O PRIMEIRO VÔO

Em 8 de agosto deste ano, Diogo foi para a escola e não voltou mais para a casa de Sila. Ela afirma ter procurado a criança em diversos locais e até ter dado queixa do desaparecimento da criança na polícia local.

Diogo encontra na rua a sua quarta mãe, Socorro Auxiliadora Costa, que se apresenta com o menino no Juizado da Infância e da Juventude e pede a guarda dele. O garoto denuncia ter sofrido maus tratos quando morava com Sila.

Ao ser intimada para prestar esclarecimentos no Juizado, Sila descobre o paradeiro de Diogo. Mas Sila

não comparece e Socorro ganha a guarda provisória da criança. O documento é assinado pelo juiz titular da Vara da Infância e Juventude de Manaus (AM), Rafael Romano.

Sila, junto com o seu companheiro Francisco Cortes, vai ao juiz e ambos confirmam conhecer e ter criado por algum tempo o garoto Diogo, "muito peralta e que fugira de casa".

NOVA FUGA

Socorro começa a ter dificuldades com o marido por causa de Diogo e o leva até o Juizado, separando-se da criança por um tempo. Dias depois, Diogo foge do Juizado e procura por Socorro.

No dia 13 de agosto deste ano, Socorro recebe um telefonema da Polícia Militar do Paraná, fazendo perguntas sobre Leandro Bossi, o garoto desaparecido de Guaratuba. A PM do Paraná tinha recebido informações sobre o garoto de uma vizinha de Socorro.

No dia seguinte, 14, João Bossi, acompanhado de um oficial da PM do Paraná chega na casa de Socorro e afirma que aquele garoto é Leandro, seu filho. Eles tentam levar Diogo, que segundo Socorro "não reconhece João como pai".

Um dia depois, 15, Diogo completa 10 anos. O juiz Rafael Romano é substituído pelo juiz Celso

DIOGO OU LEANDRO?

16 DE AGOSTO, A CHEGADA TRIUNFAL

Muita festa na chegada, mesmo com a incerteza do resultado dos exames de DNA



Gióia que entrega a guarda provisória de Diogo a João Bossi e autoriza a viagem para o Paraná. Em Curitiba, Paulina, a mãe de Leandro diz que o menino de Manaus não é seu filho.

VOLTA TRIUNFAL

Diogo chega carregado nos ombros de João Bossi e é apresentado à imprensa e à população como Leandro, o garoto desaparecido de Guaratuba em 1992. A comoção é geral, até policiais militares choram sob "forte emoção", o garoto também. No dia seguinte, a família Bossi e o garoto desfilam em carro de Bombeiros pelas ruas de Guaratuba, sob festa.

Manchetes em diversos jornais do país, estampam: "Leandro voltou", "Encontraram Leandro", "Leandro está de volta". Somente o jornal *hora H* questiona a identidade do garoto e põe na primeira página: "Diogo não é Leandro. É uma farsa". Segundo Diógenes Caetano, que ficou conhecido como o "caçador dos bruxos" de Guaratuba, "o verdadeiro Leandro tinha sido assassinado sob ritual de magia negra e o seu corpo, mutilado, atirado na baía de Guaratuba, numa oferenda à lemanjá".

Além de Diógenes Caetano e da própria mãe de Leandro, Paulina Bossi, o presidente do Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas, Walmir Battú, também duvida de que Diogo seja Leandro. Na sequência, Battú envia uma nota ofici-

al ao jornal *hora H* onde reitera sua convicção de que Diogo não é Leandro.

DÚVIDAS DE MÃE

Mas ainda no domingo, 18, Paulina reconhece Diogo como o seu filho, embora sob dúvidas como, por exemplo, quanto ao tamanho da criança. "Ele encolheu", chegou a constatar surpresa. Diogo também levanta algumas suspeitas, principalmente quando demonstra espanto ao ver o mar, conforme relato da "prima" Juliana.

Na segunda-feira, 26, o jornal *hora H* grava um telefonema em que Battú fala de Curitiba com Sila Duarte de Oliveira, em Manaus. Ela conta que viu Diogo nascer, conhece os pais dele, Ângela Regina Moreira e Aguinaldo José Santana e, mais ainda, ela e a mãe Martinha, cuidaram durante muitos anos do garoto.

Battú vai a Manaus e junto com policiais e autoridades do poder judiciário ouvem diversas testemunhas, levantando novas informações sobre a criança. Na quinta-feira, 29, Battú encontra em Itacoatiara Ângela Regina Moreira, mãe genética de Diogo. Leva-a para Manaus onde ela presta esclarecimentos às autoridades locais.

Diante de toda a confusão, o juiz Rafael Romano coloca a culpa no juiz substituto, Celso Gióia. "Ele agiu sob emoção", desculpou-o. Para o juiz titular da Vara de Infância e Juventude de Manaus, "o erro foi causado pela precipitação de João Bossi em buscar o meni-

no em Manaus". Segundo Romano, Diogo deve permanecer com Socorro Auxiliadora, que detém a guarda provisória, até a confirmação dos exames de DNA.

Numa entrevista à jornalista Mônica Santana, Agência Folha, o garoto Diogo ou Leandro disse que sentia saudades "da mamãe Auxiliadora" e que conhecia João Bossi como o seu verdadeiro pai. "Quero ficar com ele", resumiu.

Nesta semana, o garoto que chegou carregado nos ombros de João Bossi, arrancando lágrimas de policiais, pode voar novamente, de volta a Manaus, se os exames de DNA forem negativos. O mistério das crianças desaparecidas no Paraná continua a desafiar a polícia e a consciência dos paranaenses.

De tudo isto, fica uma lição: "A imprensa não pode aceitar informações sem questionamento", alerta o jornalista Luiz Geraldo Mazza. "O caso Guaratuba é um exemplo do risco que corre a sociedade onde a imprensa se limita simplesmente a aceitar a versão oficial", ensina.

UM EXAME E SETE DESTINOS

Enquanto não sai o resultado do DNA sobre a identidade da criança, vive-se um impasse: sete pessoas estão presas ao destino de um menino: Diogo Rodrigo Moreira, que Paulina e João Bossi identificaram como sendo o filho Leandro, desaparecido de Guaratuba em 1992. Três dos sete acusados presos confessaram ter assassinado Leandro Bossi em ritual de magia negra. Mas os acusados afirmam até hoje inocência e dizem ter confessado sob tortura.

Os advogados dos sete acusados - Celina e Beatriz Abagge, David dos Santos, Sérgio Cristofolini, Ailton Bardelli, Oswaldo Marcineiro e Vicente de Paula - dizem que se for comprovada a identidade de Leandro Bossi, no resultado do exame de DNA, prometido para o próximo dia 6, vão "pedir o arquivamento do processo pelas inúmeras falhas e pela constatação de que as confissões foram obtidas sob tortura".

De qualquer maneira, os advogados acham que o episódio "Diogo-Leandro" vai permitir que o processo conhecido como o caso dos "Bruxos de Guaratuba" seja repensado pela opinião pública. "Hoje, mais do que nunca, acredito que sete acusados serão absolvidos", assegura um dos defensores. Ele lembra que a reabertura do caso e o amplo destaque dado pela imprensa, a partir de uma série de reportagens do *hora H*, a opinião pública passou a conhecer novos fatos e questionar todo o processo.

O próprio secretário estadual da Segurança Pública reconhece a fragilidade do caso e designou um secretário especial para reabrir as investigações sobre as investigações de Crianças Desaparecidas (Sicride) continua em aberto o inquérito sobre o desaparecimento do pequeno Leandro Bossi.

ANO 01 Nº22

UBIRATAN GUENDES
BIBLIOTECA
CANDIDO LOPES, S/N - CENTRO
CORITIBA 01 / PR

RS 2,00

hora H

setembro/96 seg 09 ter 10 qua 11 qui 12 sex 13 sab 14 dom 15

Recorte 4 cupons e ganhe 1 livro

Junte 4 cupons de cores diferentes, que serão publicados semanalmente neste espaço, e troque nas Livrarias Ghignone por 1 livro, entre mais de 300 títulos promocionais. Participe e ganhe.

Promoção: GHIGNONE / hora H

ELEIÇÕES 96

COMPLÔ CONTRA CÁSSIO TANIGUCHI

SAI DE BAIXO

O JOGO SUJO TOMOU CONTA DA CAMPANHA: A ORDEM AGORA É DERROTAR CÁSSIO. CUSTE O QUE CUSTAR. PÁGINAS 2 e 3

CORITIBA CONTRA A MÁFIA DO FUTEBOL



Joel Malucelli: a minha luta é contra os mercenários do futebol

O Coritiba só não conquistou o último campeonato estadual porque foi vítima da máfia que ainda domina o futebol paranaense. Pág. 46

EXCLUSIVO

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE LEANDRO

página 16

AS BRUXAS DE GUARATUBA

BATTÚ DÁ SUA VERSÃO PARA O CASO LEANDRO BOSSI

A FARSA CONTINUA

Depois de provar que Diogo Moreira não era Leandro Bossi, o detetive Walmir Battú, do Inter Bureau, faz novas revelações:

- 1 O garoto Leandro foi doado pela mãe, Paulina. Ela sabe onde está o menino.
2 O pai, João Bossi, está envolvido no caso das Bruxas de Guaratuba: foi por a morte do próprio filho.
3 Diógenes Castanho menta ao dizer que Leandro foi degolado num ritual de magia negra. Bossi montou uma farsa e passou a viver às custas dela: "ele não passa de um vigarista."



Battú, seu boato de volta três garotos desaparecidos: Guilherme Caranê, Everton Gonçalves e Dervent Fialga, além do próprio Leandro.

Escrever e basear para Curitiba o trabalho dele Leandro Bossi e também outros casos, como Evandro Castanho, soube que posso ajudar a revelar na primeira mão pressões, mais... Guilherme Caranê, Dervent Gonçalves, e Dervent Fialga são os novos desafios para a imprensa e a Criança Desaparecida, Walmir Battú. "Estas crianças estão vivas e em boas condições oportunistas", garante, sublinhando ainda que o Bureau "já teve últimos sucessos" ao fechar suas portas por falta de recursos financeiros.

Segundo de que não tem "palpa na língua", Walmir Battú acusa João Bossi de ter se envolvido com as crianças de Leandro Bossi, a família da menina encontrada em Guaratuba, em 1992, e que se reconheceu como sendo o pai do filho desaparecido, João Bossi (é um vigarista), até sua acusação, ainda, que "Bossi e Diógenes Castanho são cúmplices num montão" que "são denúncias" contra a família Alagui. Battú tem bem apurada suas desconfianças sobre a atitude de Paulina Bossi.

OSUADA Depois de admitir a Polícia Militar do Paraná ao afirmar que não era Leandro Bossi, o menino Diogo Moreira, irmão de Mariana por Curitiba, após ser reconhecido pelo próprio pai, Leandro, Battú localizou os pais "legais" de Diogo e trouxe a Curitiba Angela Rogério Moreira, que diz ser a verdadeira mãe do garoto. Com ela vieram dois filhos pequenos, fotos e documentos. E sem termos qualquer resultado negativo, Angela se referenciou a exames de DNA para comprovar sua filiação. O resultado dos exames será concluído dentro de aproximadamente 20 dias.

Battú alega que confia na sua experiência profissional e no seu "faro" para rastrear pistas. O resultado desta confiança é que, com apenas alguns meses de vida, o Bureau Internacional de Busca a Criança Desaparecida, sob o comando de Walmir Battú, que também preside o Conselho dos Detetives do Brasil, saiu do anonimato para as manchetes das mídias de todo o país.

Battú, seu boato de volta três garotos desaparecidos: Guilherme Caranê, Everton Gonçalves e Dervent Fialga, além do próprio Leandro.

Battú, seu boato de volta três garotos desaparecidos: Guilherme Caranê, Everton Gonçalves e Dervent Fialga, além do próprio Leandro.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

A VERDADE, SEGUNDO BATTÚ

A LUTA PELA CATEGORIA

O detetive Walmir Battú, presidente do Bureau Internacional de Busca a Criança Desaparecida, deu a seguinte entrevista à jornalista Vânia Mara Welte

Battú: Como é o Bureau Internacional de Busca a Criança Desaparecida para você?
Waldir Battú: O Bureau International Search for Children é uma instituição sem fins lucrativos criada em 1992, com o objetivo de ajudar as famílias de crianças desaparecidas. É uma instituição com uma estrutura material e humana em condições de operar de volta as crianças desaparecidas. Atualmente, temos em andamento cerca de 100 casos, com um total de cerca de 200 casos em andamento. É uma instituição com uma estrutura material e humana em condições de operar de volta as crianças desaparecidas. Atualmente, temos em andamento cerca de 100 casos, com um total de cerca de 200 casos em andamento.

Battú: Você acha que o caso de Leandro Bossi é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Você acha que o caso de Diogo Moreira é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Você acha que o caso de Diogo Moreira é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Você acha que o caso de Diogo Moreira é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Como é o Bureau Internacional de Busca a Criança Desaparecida para você?
Waldir Battú: O Bureau International Search for Children é uma instituição sem fins lucrativos criada em 1992, com o objetivo de ajudar as famílias de crianças desaparecidas. É uma instituição com uma estrutura material e humana em condições de operar de volta as crianças desaparecidas. Atualmente, temos em andamento cerca de 100 casos, com um total de cerca de 200 casos em andamento.

Battú: Você acha que o caso de Leandro Bossi é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Você acha que o caso de Diogo Moreira é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Você acha que o caso de Diogo Moreira é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Você acha que o caso de Diogo Moreira é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Você acha que o caso de Diogo Moreira é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Não é o Governo do Paraná que investiga os casos, você não tem observado isso?
Waldir Battú: Eu não acredito no investimento que o Estado do Paraná, sem a remuneração adequada. Você quer que eu seja policial? O Brasil não tem recursos para isso. A maioria de nós, como eu, somos brasileiros, colamos a prova de busca. Eu não acredito no investimento que o Estado do Paraná, sem a remuneração adequada. Você quer que eu seja policial? O Brasil não tem recursos para isso.

Battú: Como é o Bureau Internacional de Busca a Criança Desaparecida para você?
Waldir Battú: O Bureau International Search for Children é uma instituição sem fins lucrativos criada em 1992, com o objetivo de ajudar as famílias de crianças desaparecidas. É uma instituição com uma estrutura material e humana em condições de operar de volta as crianças desaparecidas. Atualmente, temos em andamento cerca de 100 casos, com um total de cerca de 200 casos em andamento.

Battú: Você acha que o caso de Leandro Bossi é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Você acha que o caso de Diogo Moreira é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Você acha que o caso de Diogo Moreira é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

Battú: Você acha que o caso de Diogo Moreira é um caso de abuso?
Waldir Battú: Não, não acho que seja um caso de abuso. É um caso de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência. O pai não cuidou adequadamente do filho. Isso é uma situação de negligência.

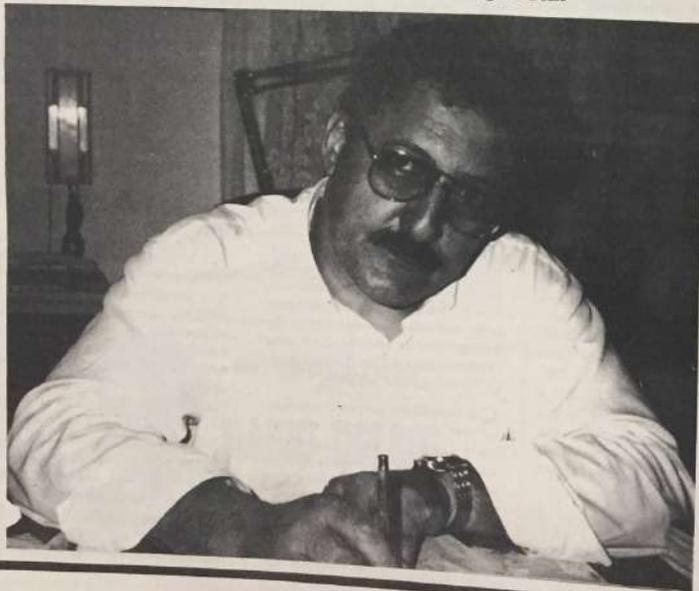
AS BRUXAS DE GUARATUBA

BATTÚ DÁ SUA VERSÃO PARA O CASO LEANDRO BOSSI

A FARSA CONTINUA

Depois de provar que Diogo Moreira não era Leandro Bossi, o detetive Walmir Battú, do Inter Bureau, faz novas revelações:

- 1** O garoto Leandro foi doado pela mãe, Paulina. Ela sabe onde está o menino.
- 2** O pai, João Bossi, está envolvido no caso das Bruxas de Guaratuba: forjou a morte do próprio filho.
- 3** Diógenes Caetano mente ao dizer que Leandro foi degolado num ritual de magia negra
- 4** Bossi montou uma farsa e passou a viver às custas dela: "ele não passa de um vigarista."



16 **hora H**

Battú: vou trazer de volta três garotos desaparecidos: Guilherme Caramês, Ewerton Gonçalves e Ewerton Ficágla, além do próprio Leandro.

Encontrar e trazer para Curitiba o verdadeiro Leandro Bossi e também outras crianças, como Evandro Caetano (cujo suposto cadáver colocou na prisão sete pessoas), mais Guilherme Caramês, Ewerton Gonçalves e Ewerton Ficágla são os novos desafios que a sí propõe o presidente do Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas, Walmir Battú. "Estas crianças estão vivas e em locais que direi oportunamente", garante, avisando ainda que o Bureau "dá seus últimos suspiros". Vai fechar suas portas por falta de recursos financeiros.

Seguro de que não tem "palpas na língua", Walmir Battú acusa João Bossi de ter vestido com as roupas de Leandro Bossi a ossada de menina encontrada em Guaratuba, em 1992, e que reconheceu como sendo o próprio filho desaparecido. "João Bossi é um vigarista", afirma, acreditando, ainda, que "Bossi e Diógenes Caetano são cúmplices nas mentiras" que "industriaram" contra a família Abagge. Battú também aponta suas desconfianças sobre a atitude de Paulina Bossi.

OUSADIA

Depois de afrontar a Polícia Militar do Paraná ao afirmar que não era Leandro Bossi, o menino Diogo Moreira, trazido de Manaus para Curitiba, após ser reconhecido pelo próprio pai (de Leandro), Battú localizou os pais "legais" de Diogo e trouxe a Curitiba Ângela Regina Moreira, que diz ser a verdadeira mãe do garoto. Com ela vieram dois filhos pequenos, fotos e documentos. E "sem temer qualquer resultado negativo", Ângela se submeteu a exames de DNA para comprovar sua história. O resultado dos exames será conhecido dentro de aproximadamente 20 dias.

Battú alega que confia na sua experiência profissional e no seu "faro" para rastrear pistas. O resultado desta confiança é que, com apenas cinco meses de vida, o Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas, sob o comando de Walmir Battú, que também preside o Conselho dos Detetives do Brasil, saiu do anonimato para as manchetes dos noticiários de todo o país.

A

O d
presi
naci
ças l
segu
nalis

hora H
a Criança
Walmir l
meu, o n
desapare
vestigaçã
voluntári
causa da
ção com i
dições de
parecimen
tem tamb
sendo difi
dinheiro.
muita difi
seria a Int

hora H
não é tudo
o seu caso
Battú - Pr
envelope e
gentina) e
Paris (Fran
26.

hora H
Battú - Sin
divulgados
em nada. J
algum tipo

hora H
Bureau?
Battú - Tem
to e profiss
putadores e
de envelhe
diversos ap
câmeras fil
sos aparelh
tas telefôni
ca, banco e
partes do B
equipament
tificação e se
prestatos r
Militar.

hora H
dos em qual
Battú - Nu
no de US\$ 1

9 a 15 de setem

9 a 15 de setembro de 19

AS BRUXAS DE GUARATUBA

A VERDADE, SEGUNDO BATTÚ

O detetive Walmir Battú, presidente do Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas, deu a seguinte entrevista à jornalista Vânia Mara Welte

hora H - O que é o Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas para você?

Walmir Battú - O Bureau Internacional traduz o meu, o nosso, maior sonho em localizar crianças desaparecidas. Ele reúne o espírito de aventura, investigação, de luta e de esperança e onde todos os voluntários dedicam um amor muito grande pela causa das crianças desaparecidas. É uma instituição com uma estrutura material e humana em condições de trazer de volta ou esclarecer muitos desaparecimentos pelo mundo afora. Mas, atualmente, tem também um lado triste para mim, porque está sendo difícil realizar este sonho. Tudo depende de dinheiro. Tudo tem um custo. Estou encontrando muita dificuldade em realizar este sonho. O Bureau seria a Interpol das Crianças Desaparecidas.

hora H - Millôr Fernandes já dizia que "Dinheiro não é tudo na vida, mas tudo é falta de dinheiro". É o seu caso?

Battú - Pra você ter uma idéia, se eu mandar um envelope com três cartazes para Buenos Aires (Argentina) eu vou pagar R\$ 16, se eu mandar para Paris (França), com cinco cartazes, eu vou pagar R\$ 26.

hora H - Mas você tem feito isto?

Battú - Sim. Temos feito, senão os cartazes não são divulgados. E os Correios também não nos ajudam em nada. Já fizemos algumas propostas para termos algum tipo de auxílio, mas nem respostas tivemos.

hora H - Que tipo de infra-estrutura você tem no Bureau?

Battú - Temos esta casa imensa, muito equipamento e profissionais de primeira qualidade. Temos computadores em rede, computadores com programas de envelhecimento digital, scanners, telefonia KS com diversos aparelhos, xerox, máquinas fotográficas, câmeras filmadoras, aparelhos para escuta, diversos aparelhos de televisão, copiadoras, vídeos, listas telefônicas de todo o país e do exterior, biblioteca, banco de dados, jornais e revistas de diversas partes do Brasil e de outros países, enfim, todos os equipamentos necessários a qualquer tipo de investigação e sondagem, como aparelho Bina, que emprestamos nos últimos dias para a própria Polícia Militar.

hora H - Todos estes equipamentos estão avaliados em quanto? Qual é o valor total deles?

Battú - Numa avaliação, por baixo, ficam em torno de US\$ 150 mil a US\$ 200 mil. Por aí...

A LUTA PELA CATEGORIA

hora H - Há quanto tempo você é investigador?

Battú - A minha experiência entre o tempo de polícia (Battú foi delegado de polícia no Mato Grosso do Sul, e autor do "Manual do Detetive") e de investigador privado, cerca de 20 anos de profissão.

hora H - Como investigador, como detetive, como você traçaria o perfil de Walmir Battú?

Battú - Diria que é o mais esforçado do mercado (rindo alto e jogando seu corpo pesado para trás, levantando o espaldar da cadeira perigosamente para baixo). O mais dedicado. Tenho amor à profissão, ao meu trabalho. Tenho orgulho do que faço.

hora H - Você batalha pela sua profissão, pela categoria?

Battú - Bastante.

hora H - Pode citar um exemplo desta luta?

Battú - Sim. Fundei o Conselho de Detetives do Brasil. Os detetives não tinham, antes disto, qualquer respaldo, qualquer apoio, não tinham onde buscar respeito pela profissão. Era uma profissão muito marginalizada como a do corretor, do jornalista e tantas outras. Hoje, o detetive particular tem um Conselho que lhe garante o exercício profissional. O Conselho regulamenta a profissão, fiscaliza as normas e a ética e mantém o detetive orientado. É um farol para o detetive. O Conselho já tem 10 anos. Mas já passou por momentos difíceis. Havia uma rivalidade muito grande entre a polícia e os detetives. E como a polícia sempre tinha mais força, às vezes, usava de arbitrariedade. Os detetives também, às vezes, agiam errado por falta de orientação.

hora H - E hoje isto não acontece mais?

Battú - Hoje não. Hoje isto não acontece mais, a polícia está com uma outra mentalidade e os detetives também. Hoje, tenho grandes amigos na polícia. Tenho compadres entre delegados, entre meus ex-colegas de trabalho. Há muitos policiais por quem tenho admiração e respeito, grande consideração mesmo. Olha, se eu tivesse poderes políticos transformaria a polícia no sonho de qualquer policial.

O POLICIAL PERFEITO

hora H - E como é o sonho de qualquer policial?

Battú - O sonho de qualquer policial é pertencer a uma polícia ágil, inteligente, culta, bem treinada, bem preparada e com um grande relacionamento social, com boas relações humanas e com grande perspicácia investigativa. Os policiais deveriam ser reciclados e aprimorados para isto, com grande estrutura técnica e material, com um investimento muito grande no setor. Eu faria tudo isto.

hora H - O que falta para a polícia do Paraná?

Battú - A Polícia do Paraná é dedicada, mas funciona como todas as outras polícias, precária, sem recursos e até com um certo grau de abandono.

hora H - Mas o Governo do Paraná tem investido no setor, você não tem observado isto?

Battú - Eu não entendo o investimento que é feito no Paraná, sem a remuneração adequada. Você quer ter um bom policial? Dê uma boa remuneração pra ele. Arma ele já tem, carro, revólver, bala, coletes à prova-de-bala também. Equipamentos não faltam para a polícia. E no caso do Paraná, eu tenho observado que a polícia tem viaturas boas, novas. Está muito bem equipada. É a mesma coisa que pegar um ninho de carancho (ave de campo predadora, que na região nordeste do país é conhecida como carcará), encher de pérolas, enquanto o carancho morre de fome. A solução passa pela melhor remuneração do policial. E só isto também não basta.

hora H - O que mais você acha que é preciso?

Battú - Reciclar, treinar, preparar. E dar tratamento mais humano. Qualquer policial que mate um bandido, ainda que em legítima defesa, ou entre em choque violento com troca de tiros com bandidos, deve ser afastado daquele serviço e ser submetido a tratamento e acompanhamento psicológico profissional. Só deve voltar à função após ser tratado.

hora H - Mas você mesmo está se queixando de problemas financeiros no Bureau, como dar sustentação financeira a tudo isto quando o Governo, o país, o mundo todo passa por uma crise econômica? Qual seria a saída para a realização deste sonho?

Battú - Volto a dizer: Se eu tivesse poderes, eu teria a solução. Ora, por que o governo investe "bilhões" de dólares em bancos falidos, para salvar bancos por conviências políticas, por conchavos políticos? Há quadrilhas, verdadeiros ladrões, que solapam os cofres da Nação através destes estelionatos promovidos por grandes banqueiros que quebra e, ainda, vão sugar o Tesouro Nacional. O dinheiro que sai do Banco Central, que sai do Banco do Brasil, para salvar esses bancos é o dinheiro da Nação, do povo, dos nossos impostos que poderiam ser destinados à Segurança, à Saúde ... não precisaria da criação de mais um imposto como a CMF (Contribuição de Movimentação Financeira), que é inconstitucional. É um verdadeiro absurdo tudo isto, este desperdício de recursos do Tesouro.

ACORDANDO DO SONHO

hora H - E mesmo vendo tudo isto, você tem coragem de abandonar o Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas? Tem coragem de abandonar este seu filho?

Battú - Infelizmente é necessário. Eu prefiro abortar este feto antes que ele cresça e se torne um marginal e incomode a sociedade, porque a medida que este serviço cresce, aumentam os gastos, eu vou me endividando e eu vou acabar tendo problemas, vou acabar transformando o lindo nome do Bureau numa empresa inadimplente. E de repente, um nome que em cinco meses cresceu de forma assustadora pode ser suprimido... E eu não quero isto para o Bureau.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

Por isto é melhor parar por aqui, enquanto é tempo. Na segunda-feira, ainda posso vender um computador, sacrificar uma moto minha, um equipamento e colocar as dívidas em ordem. O Governo do Paraná tem o Sicride, tem a Polícia Militar e eu tenho de voltar as minhas atividades particulares para ganhar dinheiro, senão...

hora H - Então, o seu sonho vai morrer?
Battú - Vai morrer, infelizmente.

hora H - Você não pode passar o Bureau para outra pessoa?
Battú - Que outra pessoa? A não ser que chegasse alguém e dissesse: Olha, eu tenho os recursos, eu assumo os compromissos e vou dar prosseguimento ao seu sonho. Se me der estas garantias eu transfiro pra esta pessoa tudo o que já foi feito até agora.

hora H - Você transfere ou continua no Bureau?
Battú - Transfiro. Transfiro. A não ser que a pessoa diga: Eu dou os recursos, mas quero você no Bureau! Ah! Ótimo! Mas isto é utopia. É uma utopia, não existe este benfeitor. Até agora, com todo o trabalho feito, não o encontro.

hora H - O seu último trabalho no Bureau foi ir em busca dos pais do Diogo?

Battú - Não vou poder ir além. Já estou exaurido. Estou com aluguel atrasado, estou com imensas contas de telefone, estou com duas linhas cortadas, tenho cartazes por pagar, fotolitos para pagar, noites de sono atrasado, a família sem minha devida atenção. Tudo, tudo, atrasado. A minha sorte é que a harmonia do meu lar está intacta, porque este sonho do Bureau é vivido também pela minha mulher (Ângela) e pelos nossos dois filhos (Rodrigo e Thomas) e por toda a equipe de detetives e de voluntários que trabalha junto. Minha mulher vibra com cada criança que é localizada, com cada caso que chega ao final feliz. Minha mulher é uma santa, porque recebe crianças de todas as partes, a qualquer hora do dia, da noite, da madrugada. Elas chegam sujas e famintas. Ela prepara o banho, arruma roupa, vai pra cozinha fazer comida, as alimenta e ainda consegue um quarto limpo para elas descansarem. É um entra e sai sem fim. Ângela cuida delas até que sejam encaminhadas ao juizado.

hora H - O que você está falando, a equipe do hora H já presenciou muitas vezes. E além das crianças também chegam adultos e ela atende a todos. Ela nunca reclama desta absoluta falta de horário para tudo?

Battú - É curioso. Nós nunca brigamos. Não me lembro de termos tido um atrito em mais de 25 anos de casamento.

hora H - Então, a solução para um casamento feliz é viver um sonho coletivo?

Battú - É, quem sabe seja este o segredo (rindo e novamente jogando o corpo para trás, levando o espaldar da cadeira quase ao chão).

MENOS VERBO E MAIS VERBA

hora H - Quantos detetives trabalham com você?

Battú - No Bureau são 12 detetives.

hora H - E o que você vai fazer com todos estes profissionais, se o Bureau fechar?

Battú - Eles continuarão trabalhando comigo, mas na empresa Big's, de investigações particulares. Até agora eles se dividiam no trabalho da Big's e do Bureau, enquanto eu passo 24 horas mergulhado nos assuntos do Bureau. Eles têm sido o meu apoio. A semana que eu passei em Manaus, eles davam a retaguarda ao meu trabalho e abandonaram todas as outras investigações. E isto atrapalha o trabalho do conjunto.

hora H - Há quanto tempo existe a Big's?

Battú - Desde 89.

hora H - Você não tem medo de ser acusado de ter criado o Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas para dar respaldo à Big's, na mídia?

Battú - Eu nunca mencionei a Big's no trabalho do Bureau. Esta é a primeira vez e foi você quem perguntou. E grande parte do dinheiro da Big's ajuda a sustentar o Bureau.

hora H - Você já recebeu apoio de outras instituições, de outros lugares?

Battú - Agora mesmo recebi um ofício da embaixada da Bélgica agradecendo pelo empenho do Bureau na busca de Julie Lejuene e Melissa Russo, as duas meninas cujos retratos estavam nos cartazes e que, infelizmente, foram encontradas mortas, depois de terem sido seqüestradas por um maníaco. Recebemos também telegrama do ministro da Justiça, Nelson Jobim, cumprimentando pelo nosso trabalho. É gratificante, mas só isto não impulsiona os nossos trabalhos, que são caros. Para fazer qualquer trabalho, precisamos sempre colocar dinheiro na frente. As investigações são onerosas e sem recursos corre-se o risco de parar no meio do caminho, sem obter resultados. Isto é frustrante para todos, principalmente para os pais, que vivem em eterna ansiedade e desespero.

hora H - O Bureau precisa neste momento de verba e não de verbo?

Battú - Com certeza. Mas também nunca pedimos dinheiro. Vendemos nossos serviços e obtemos recursos. Mas a medida que o Bureau cresce, também aumenta o número de pais sem recursos que buscam nossa ajuda. Veja quantos pedidos... (mostrando fax e cartas de mães, pais, avós acompanhadas de fotos de crianças de diversas partes do país). Certa vez, nossos voluntários pediam e recebiam donativos dos motoristas, que faziam a divulgação levando-os para as diversas regiões do país. Eram R\$ 1, R\$ 0,50 que recebíamos de cada motorista e somados, no final do dia, ajudavam a fazer mais cartazes. Isto está tudo contabilizado (mostrando os livros). Mas, já na semana seguinte, o superintendente da Polícia Federal revogou a autorização para isto, porque achava ruim nós pedirmos donativos. "Pegava mal, estavam reclamando", nos disse e nunca mais o fizemos.

hora H - Quem estava reclamando?

Battú - O Bureau estava sendo muito divulgado. O nosso trabalho começou a aparecer, graças ao apoio da imprensa, e algumas pessoas enciumadas começaram a fazer campanha contra o Bureau. Foi uma campanha contra nosso trabalho e até contra nossa pessoa.

ALGUMAS MINAS E TORPEDOS

hora H - Você sofreu uma campanha difamatória?
Battú - Minavam por baixo, nos bastidores, foi uma verdadeira campanha suja, mas perigosa.

hora H - Quando aconteceu isto?

Battú - Em diversos momentos, mas principalmente quando o menino apresentado como Leandro foi trazido ao Paraná pela Polícia Militar e, numa entrevista sobre o caso, uma pessoa alertou a população contra uma instituição que pedia dinheiro para confeccionar cartazes. Ora, nós fizemos isto. E só nós o fizemos. Então, ficou claro que o nosso trabalho estava incomodando, o que nos deixou bastante magoados.

hora H - Você está irredutível na sua decisão de terminar o Bureau?

Battú - Sou obrigado. A realidade está aí e não vamos poder prosseguir nas buscas sem o apoio de alguma instituição, de alguém. Caso houvesse auxílio, é claro que o Bureau poderia continuar. Mas mantê-lo inoperante, não adianta nada.

hora H - Você interromperia o trabalho em andamento, as pistas que já tem? Você tem pistas sobre quais crianças?

Battú - Os nossos trabalhos chegaram a pistas de Leandro Bossi, do Ewerton Gonçalves, Ewerton Falcaglia, Guilherme Caramês, da Letícia... São pistas consistentes.

hora H - Você tem alguma informação sobre Evandro Caetano, algum indício de que ele possa estar vivo?

Battú - Sim!

hora H - Aonde?

Battú - A princípio, a situação de Evandro Caetano é a mesma de Leandro Bossi. Os dois garotos tinham o mesmo sistema de convívio, a mesma localidade... E eu não acredito na história de bruxaria de ritual satânico, sabemos que estão vivendo com uma família... Do Leandro Bossi nossas convicções são maiores ainda.

PISTAS E FARPAS

hora H - Leandro Bossi e Evandro Caetano estão vivos? Onde?

Battú - Sim, estão vivos. O local será dito mais tarde, em tempo oportuno.

hora H - Então as sete pessoas presas, acusadas de assassinato de Evandro Caetano, são inocentes?

Battú - Sim, são inocentes. De fato, há um corpo, mas não é fruto de um crime. Não foi provado nada até agora e também não há qualquer prova de autoria de crime.

hora H - Como explicar o aparecimento de um corpo de criança, em Guaratuba, vestido com as roupas de Leandro Bossi?

Battú - Segundo consta, foi achada uma ossada completa e pra ter aparecido esta ossada vestida com uma roupa e chinelo de Leandro Bossi, significa que alguém a vestiu. Ora, se restou apenas uma ossada, como a roupa continuou inteira? O estado

AS BRUXAS DE GUARATUBA

do cadáver era incompatível com o estado da roupa. E João Bossi reconheceu a ossada como sendo a do filho dele, o Leandro.

hora H - Ele o reconheceu pelas roupas?

Battú - Sim, pelas roupas. Mas afirmo, até prova em contrário, que foi João Bossi quem vestiu aquela ossada.

hora H - Mas, por que João Bossi?

Battú - Porque a ossada não se vestiria sozinha.

hora H - Mas, por que João Bossi faria isto?

Battú - Porque ele e mais alguém têm uma explicação para dar sobre o problema das Abagge, não sobre o desaparecimento das crianças em si.

hora H - E quem é essa outra pessoa?

Battú - Tudo leva a crer que João Bossi e Diógenes Caetano são cúmplices nas mentiras que eles "industrializaram" contra a família Abagge, lá em Guaratuba. E se João Bossi já confessou ter mentido, ter cometido ilícitos contra esta família, ele é capaz de qualquer coisa. Daí, vestir um cadáver, violar um túmulo e retirar uma ossada de lá é coisa simples.

hora H - Sob qual razão, então, João Bossi reconheceu no menino trazido de Manaus ("Diogo") o próprio filho desaparecido?

Battú - Olha, fico até revoltado com isto. Mas como não tenho palpas na língua, eu diria que João Bossi está fazendo o papel de um grande vigarista. Ele está utilizando uma situação para facilitar a sua sobrevivência. Ele está vivendo a desgraça do desaparecimento do filho, se é que se possa chamar o caso de Leandro Bossi de uma desgraça, porque não é uma desgraça, ele não está morto, ele não foi seqüestrado. E ele está vivo em um lugar e está muito bem.

hora H - Se Leandro Bossi não foi seqüestrado, o que aconteceu com ele?

Battú - Ele foi doado, foi entregue para alguém.

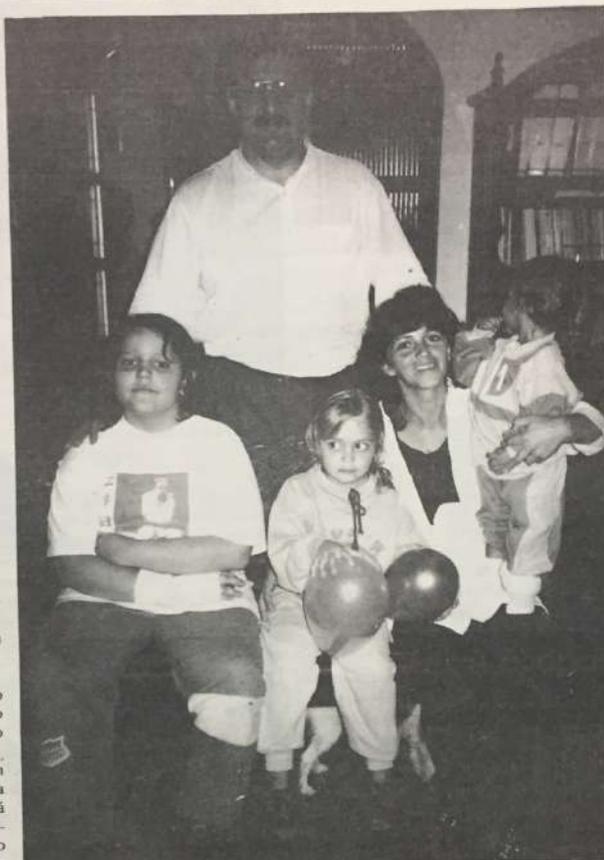
hora H - Quem entregou a criança?

Battú - Com certeza a mãe.

hora H - Por que a mãe?

Battú - Porque a mãe (Paulina) estava separada do pai (João Bossi) já há bastante tempo, e este menino incomodava a mãe que trabalhava num hotel (em Guaratuba) e o garoto estava até proibido de entrar no hotel. Daí, foi um passo para fazer a entrega do filho.

hora H - Você se baseia em quê para afirmar tudo isto?



Battú e seu filho numa foto com Ângela Regina Moreira, mãe de Diogo.

Battú - Eu falo com a mesma convicção que eu falei que Diogo não era Leandro Bossi. E daí, provei e trouxe a mãe de Diogo aqui. E vou atrás, independente do Bureau, eu pessoalmente, vou atrás de Leandro Bossi. E vou chegar ao paradeiro de Leandro Bossi.

"EU VOU ENCONTRAR LEANDRO"

hora H - Esta é a sua próxima meta?

Battú - Sim. Esta é a minha próxima meta, entre outras.

hora H - O Evandro está entre estas outras metas?

Battú - O Evandro é um caso mais lento. Como disse, eu dependo de dinheiro pra correr atrás das pistas, eu tenho despesas. Então, eu não posso atacar todos os casos de uma só vez. Vou fazendo o que está mais próximo ou mais fácil de ser cumprido.

hora H - Você já tem compromissos assumidos com alguns pais?

Battú - Sim. Eu quero parar, mas tenho compromisso

moral com alguns casos, como o da dona Arlete Caramés, dona Ilse, de Corbélia. Há um mês ela esteve aqui e eu prometi me interessar pelo caso do filho dela, Ewerton Ficaglia. Na véspera de viajar para Manaus, ela me ligou. Ela tem depositado muita esperança no nosso trabalho. Imagine agora se eu digo pra ela, olha dona Ilse, eu não vou mais... Ia ser horrível.

hora H - Então, você vai fechar o Bureau, mas vai prosseguir investigando alguns casos?

Battú - Sim, alguns casos eu tenho de atender. São casos com os quais já estou comprometido com os pais. Estas investigações continuarão, mas não vou prosseguir no programa geral do Bureau.

hora H - E, afinal, que pistas levaram você a dizer com tanta convicção que Diogo não era Leandro Bossi?

Battú - Ao avistar o menino, no Sicride (Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas) já constatei que não se tratava do Leandro Bossi, fisicamente era muito diferente da família Bossi, a história dele também não batia com os fatos já conhecidos. A história de Diogo se restringia a Manaus, não descia para cá. O que ele contava do seqüestro, do carro com vidro fumê, dos detalhes, era evidente que ele estava aprontando ali, que alguém estava "industrializando" o menino, preparando-o para uma grande apresentação. Além disto, as pistas de Leandro vão em outra direção. Nunca para Manaus.

hora H - A sua vivência, a sua experiência profissional o levaram a concluir que faltavam peças na

quele quebra-cabeça?

Battú - Um dom que, normalmente, os detetives experimentados também desenvolvem é a intuição. Nós somos escravos dessa intuição. Às vezes a nossa intuição nos leva ao ilógico, ao irracional, contesta coisas simples e normais. Mas se não seguirmos esta intuição não vamos chegar a uma boa pista e a nenhuma conclusão satisfatória.

hora H - Então, a intuição predomina sobre a razão?

Battú - Eu diria que se deve deixar o faro de detetive rastrear pistas. Isto é importante e elementar para o bom detetive.

hora H - E como você chegou a Ângela Regina Moreira?

Battú - Fazendo como você. Perguntando, indagando, questionando, até a exaustão. Até ser chato. (Risos). Eles me odeiam em Manaus, no Amazonas e onde houver pistas a seguir. (Rindo mais ainda).

Hora H #24 - Edição em falta no acervo ou removida.

Hora H #25 - Edição em falta no acervo ou removida.

Hora H #26 - Sem menção.

Hora H #27 – 14/10 a 20/10/1996

Continuação reportagens Vânia. A sequência de reportagens vencedora do Esso possivelmente termina aqui.

UBIRATAN GUINAPRES
BIBLIOTECA
CANDIDO LOPES, S/N - CENTRO
CURYTESIA 17 01 /98
CURITIBA

ANO 01 Nº27

RS 2,00

hora H

outubro 96 seg 14 ter 15 qua 16 qui 17 sex 18 sab 19 dom 20

Recorte 4 cupons e ganhe 1 livro

Junte 4 cupons de cores diferentes, que serão publicados sucessivamente neste espaço, e troque nas Livrarias Ghignone por 1 livro, entre mais de 100 títulos promocionais. Não se pode ganhar.

Promoção GHIGNONE / hora H

AS BRUXAS DE GUARATUBA



HORAS DE HORROR NA MANSÃO DE STROESSNER

JUIZA ASSISTIU SESSÃO DE TORTURA?

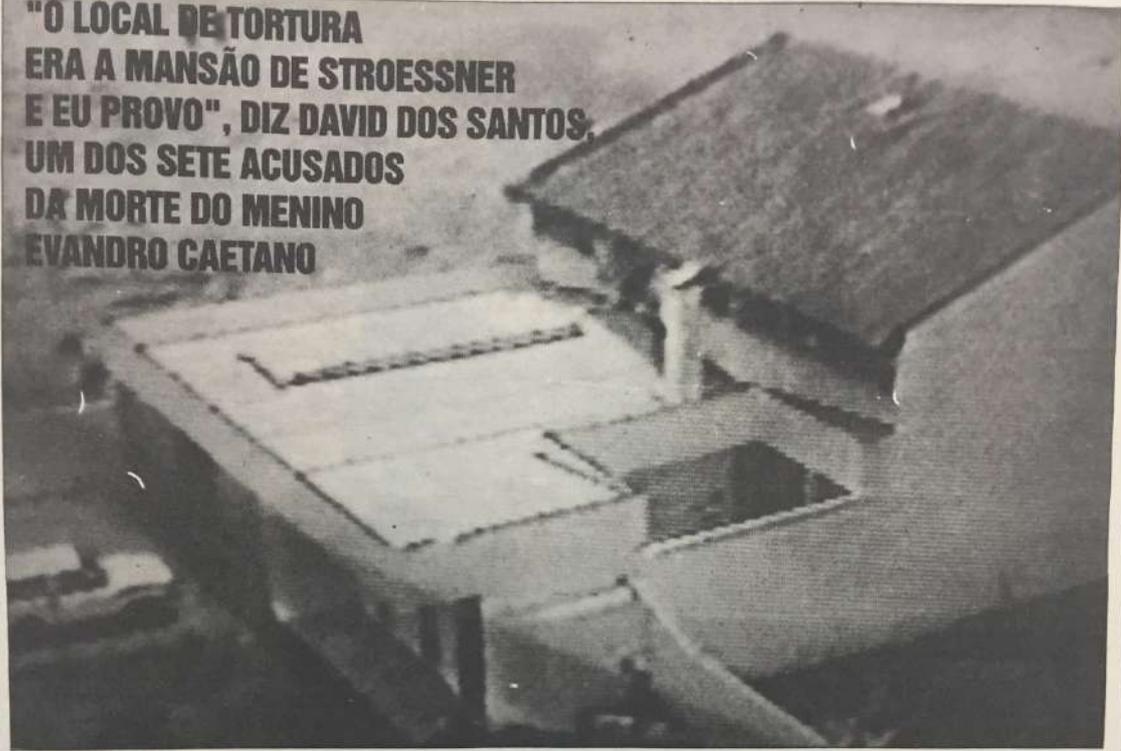


“ Eu vi Celina (foto), seminua, sendo torturada. Parecia um pesadelo. ”

David Santos, um dos 7 acusados de magia negra e vítima das torturas

AS BRUXAS DE GUARATUBA

**"O LOCAL DE TORTURA
ERA A MANSÃO DE STROESSNER
E EU PROVO", DIZ DAVID DOS SANTOS,
UM DOS SETE ACUSADOS
DA MORTE DO MENINO
EVANDRO CAETANO**



ELA VIU TUDO

Quem seria a mulher trajada com elegante vestido vermelho, sapatos e meias da mesma cor, que teria esquecido os óculos escuros e os cigarros no local onde sete pessoas afirmam ter sido torturadas para confessar o assassinato do pequeno Evandro Caetano, em suposto ritual de magia negra? Para os homens acusados do crime, a mulher que usava estas roupas, os mesmos cigarros e os mesmos óculos escuros, era a mesma que depois os ouviu em depoimento na Penitenciária Central do Estado: a juíza Anésia Edith Kowalski. Para os acusados, ela era a mesma mulher que disse precisar se retirar, do local das torturas, "porque não tinha estômago para aquilo". Sob estas dúvidas, David dos Santos tem uma única certeza, a de ter sido torturado na mansão do ex-presidente paraguaio, Alfredo Stroessner. "E eu posso provar que estive preso e torturado lá", assegura.



segue »

AS BRUXAS DE GUARATUBA

"Cheguei a ver horrorizado dona Celina, seminua, e Beatriz, totalmente nua, sendo torturadas. Parecia mentira. Parecia um pesadelo aquilo tudo"

David dos Santos, um dos sete acusados do assassinato do pequeno Evandro Caetano, em suposto ritual de magia negra, em Guaratuba, em 1992, reafirma que eles assumiram o crime porque foram "torturados em diversos locais, no Quartel da Polícia Militar de Matinhos, em penitenciárias, numa chácara e numa casa, que os torturadores chamavam de fortaleza". Todos os acusados dizem a mesma coisa. Mas David dos Santos vai além: "Eu posso dizer que fui torturado na fortaleza e, mais ainda, que a fortaleza era a mansão do ex-presidente paraguaio Alfredo Stroessner, em Guaratuba", reforça.

"Na mansão de Stroessner fui algemado à uma cadeira, pelas mãos e pelas pernas, trançadas, e pude ver o policial militar Silvestre gravar uma porção de telefonemas que eram feitos na cidade. Eles tinham um arsenal de escuta e de contra-informações", afirma David. "Num dos locais onde fomos torturados, também pude ver as duas carteiras de cigarro e os óculos escuros esquecidos sobre a mesa. Os mesmos cigarros e os mesmos óculos de sol que a juíza Anésia Edith Kowalski estava usando no dia em que ouviu o meu depoimento na Penitenciária Central do Estado", atesta.

Além de ver, David dos Santos também se recorda que ouviu a mesma mulher - que esqueceu os cigarros e os óculos escuros sobre a mesa, no local onde os acusados estavam sendo torturados - dizer, antes de sair: "Eu vou embora porque não tenho estômago pra isso". Mesmo com os olhos vendados, David e os outros acusados dizem que era possível divisar as pessoas que se encontravam no local. "A mulher estava com sua roupa, meias e sapatos vermelhos", recorda.

CARA A CARA COM A VIOLÊNCIA

David dos Santos resume numa frase o que passou, após ser "sequestrado" e preso: "Foi uma noite de horror". Ele estava no Quartel da Polícia Militar de Matinhos quando foi levado até uma sala onde estava o promotor Antônio Cioffi de Moura. Eram três horas da madrugada. Entregaram para ele três páginas de papel que deveria assinar. Ele leu. Falava do sequestro, ritual de magia negra e do assassinato do menino Evandro Caetano. "Eu me neguei a assinar", disse. Então, o promotor falou que ele devia voltar. "Cioffi disse: Nós não estamos nos entendendo com este rapaz, leve ele e traga os outros", relatou David.

Conta que voltou para dentro, onde estava o capitão Xavier - hoje major - que comandava o Grupo Águia, da P2. Eram cerca de 10 policiais militares. "Todos tardados", recorda. David disse que já estava com as mãos algemadas e eles trataram de algemar também seus pés. "Eles me demoliram ali mesmo. Nem se preocuparam em vender meus olhos. Era cara à cara, mesmo. Eles alternavam espancamento com choques elétricos, por meio de uma maquininha, que eles chamavam de maricota. Era um dinamo de automóvel. Eles também tentavam nos jogar, uns contra os outros."



David dos Santos relembra os dias em que "desceu ao inferno"

A NOITE DO ESPANTO

Depois de muito sofrer, os policiais levaram para perto dele o Osvaldo Marcineiro e o Vicente de Paula Ferreira. "Os policiais me disseram que eles já ti-

nham assinado a confissão do crime. Os dois também tinham sido torturados. O de Paula estava até com a costela quebrada. Então, eu também assinei aquele papel pra parar de sofrer. E a cada momento eu ficava mais espantado com o que via acontecer", declara.

Ele soube depois que o Sérgio Cristofolini e o Aírton Bardelli também estavam presos e que eu tinha cometido o crime junto com eles. "Nossa! Eu nem conhecia direito aqueles dois", argumenta. David dos Santos relata que a surpresa a maior foi quando soube que a mulher e a filha do ex-prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge, também eram criminosas e estavam presas. "Cheguei a ver horrorizado dona Celina, seminua, e Beatriz, totalmente nua, sendo torturadas. Parecia mentira. Parecia um pesadelo aquilo tudo", recorda.

A ASFIXIA DA IGNORÂNCIA

David confessa que, na época, ele tinha pouco estudo e que aproveitou o tempo na prisão para estudar mais e tentar compreender o que acontecera com ele e com todos os outros acusados. Aos poucos, foi juntando o que considerava "um verdadeiro quebra-cabeças" e encaixando as diversas peças. "Foi uma armação que nos jogou no inferno", tenta explicar.

David recorda que, quando estava sendo torturado, a certo momento, perguntaram-lhe o que ele entendia como "asfixia mecânica". Conta que pensava que era alguma coisa relacionada a carro e respondeu: "Deve ser quando o motor do carro morre, fica asfixiado. É isto?", ainda perguntou. Só muito mais tarde conseguiu entender a razão daquela pergunta. Na declaração que fez à polícia e que leva a sua assinatura, e dos outros acusados, consta que o pequeno Evandro Caetano morreu por asfixia mecânica.

UMA NOITE DE HORROR

Presos há mais de quatro anos e meio, acusados do assassinato do menino Evandro Caetano, em suas respectivas casas, David dos Santos, Osvaldo Marcineiro, Vicente de Paula Ferreira, Aírton Bardelli e Sérgio Cristofolini voltam a sentir a vida do lado de fora da prisão e a relembrar os fatos que provocaram uma reviravolta nas suas, outrora, pacatas vidas. Eles reafirmam sua inocência e, novamente, enfatizam: "Somente confessamos o crime porque não suportávamos mais a violência das torturas que sofríamos. Foi uma noite de horror".

Além dos cinco homens, ainda são acusadas, do mesmo crime, Celina e Beatriz Abagge que também estão em prisão domiciliar. As lembranças dos sete acusados os remetem "ao inferno e ao horror", feito à advogada Isabel Mendes, do Conselho Municipal da Condição Feminina, logo após serem presos. No documento, eles denunciam os atos de tortura que sofreram. Todos os nomes de pessoas que eles apontam como sendo seus algozes constam do "Dossiê Tortura Nunca Mais?". A diferença é que hoje os nomes aparecem na imprensa.

O RETORNO DE TRÊS CRIANÇAS DESAPARECIDAS

Esta semana foi especial para o detetive do Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas, Walmir Battú. Ele pôde presenciar o resultado do seu trabalho de investigação: três crianças voltaram para suas mães, para suas famílias. "Tenho a satisfação do dever cumprido, de ter prestado um relevante serviço à Justiça e à sociedade", resumiu.

Além de Diogo e de Anderson Moreira que voltaram para a mãe, Ângela Regina Moreira, também foi reconduzida para junto da mãe, Carmem Irani Bacchio, a menina Veridiana Bacchio Carvalho, de cinco anos, que estava desaparecida desde 5 de maio de 1994, do Rio Grande do Sul.

MUITAS PISTAS

Carmem Bacchio pediu, por carta, a ajuda gratuita do Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas em agosto deste ano. Depois, por telefone, ela forneceu uma série de informações, que foram investigadas por Battú e sua equipe. Seguindo uma das pistas, e com a ajuda da Polícia Civil do Mato Grosso do Sul, eles chegaram ao local onde se encontrava a criança.

Filha de pais separados, Veridiana tinha sido seqüestrada e levada pelo próprio pai, Carlos Dilson Carvalho Estivallet, que hoje vive com uma índia, numa aldeia indígena, em Amambai, na região de Dourados, no Mato Grosso do Sul. Sem opor qualquer resistência, Carlos entregou a filha ao detetive Battú, que estava acompanhado da própria mãe de Veridiana e da Polícia Civil local.

Desde 11 de maio de 1995 já havia um mandado de busca, apreensão e citação da juíza da Comarca de São Francisco do Sul (RS), Adriana Rosa Morozini, para o caso de localizar Veridiana na companhia do pai. Devolvida à mãe, Veridiana e Carmem retornaram para Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, onde estão vivendo. "Agora, posso viver em paz e feliz", disse Carmem, chorando, abraçada à filha.



A menina Veridiana Bacchio Carvalho já está em casa



O detetive Walmir Battú comemora a volta das crianças

O MENINO QUE ENGANOU O BRASIL FOI TRAÍDO PELO ENCANTO DO MAR

O pescador João Bossi, pai de Leandro - desaparecido de Guaratuba em 1992 - que pretendia a guarda de Diogo Rodrigo Moreira, volta suas energias, de novo, na busca do filho desaparecido. O pescador, Paulina Bossi - mãe de Leandro -, e mais os familiares, amigos e a população de Guaratuba e de todo o país, foram enganados pelo pequeno Diogo Rodrigo Moreira, que se fez passar pelo desaparecido Leandro Bossi. Mas Diogo acabou traído pelo seu próprio encantamento diante do mar.

Demonstrando inteligência acima do comum, Diogo ouviu as histórias sobre Leandro, as incorporou para si e as viveu diante de todo o país. Ele apenas não conseguiu esconder, em Guaratuba, o próprio deslumbramento diante do mar que jamais tinha visto antes. Embevecido, pegou uma máquina fotográfica e deixando de lado os supostos pais e irmãos, virou a lente para a direção do mar e o fotografou, traído-se. Depois de descoberto, o menino confessou sua tragédia: "Quería apenas viajar, ter uma família e ser feliz". Diogo, nas asas da própria imaginação, conseguiu tudo o que queria.

CHEGA AO FINAL A NOVELA DIOGO

Um final feliz para Ângela Regina Moreira e seu filho Diogo Rodrigo Moreira, o menino que gostava de comer asinhas de frango para poder voar, e que foi apresentado à imprensa como Leandro Bossi, desaparecido de Guaratuba, em 1992. Ângela ganhou nesta semana o direito de viver novamente com Diogo e também com o outro filho, Anderson, que ela tinha abandonado, há cinco anos, para fugir da violência do pai deles.

"Agora vou realizar o meu sonho de voltar para o Sul para viver com todos os meus seis filhos, com o meu atual companheiro - Valdeci Pascoal de Menezes - e com os meus pais", disse Ângela, sem esconder a felicidade deste novo momento.



Ângela e Diogo realizam o sonho de viver juntos e felizes

DIREITO ASSEGURADO

O juiz Antônio Celso Gióia, do Juizado da Infância e da Juventude de Manaus, depois de avaliar os fatos, por 54 dias, manteve o pátrio poder à mãe natural dos meninos, atendendo parecer do promotor público Caio Bessa Cirino. Para ficar com os filhos, Ângela assinou um termo de responsabilidade sobre eles. Ângela, o companheiro dela, Valdeci, e as crianças vão ter acompanhamento psicoterapêutico por seis meses.

Ângela prometeu não se descuidar no cumprimento de suas tarefas como mãe. Valdeci assegurou que vai ajudá-la para manter a família feliz e unida. Os próprios meninos, Diogo (10 anos) e Anderson (oito anos), também prometeram cumprir com suas obrigações, principalmente com as escolares. Junto com os dois meninos, quando o casal se mudar para Santa Catarina, onde moram os pais de Ângela com o filho mais velho dela, Jean Carlos (12 anos), estarão também compoando a nova família Leticia (cinco anos), Leandro (quatro) e Amanda (quase dois anos).

Hora H #28 - Sem menção.

Hora H #29 - 25/10 a 31/10/1996

Sem reportagem da Vânia ou continuidade na abordagem do Caso Evandro. Nessa edição há um texto opinativo criticando o Tribunal do Juri de Curitiba.

O JÚRI NÃO É TRIBUNAL DA INJÚRIA

□O Tribunal do Júri, especialmente em Curitiba, precisa dignificar o seu prestígio. Recentemente um dos seus Promotores, na 2ª Vara, substituiu a acusação ao réu pelo uso de expressões altamente injuriosas à defesa a fez sobre casos alheios ao processo um reprovável discurso pensando que em lugar da platéia cumpriria-se uma multidão assistindo a um comício.

LAMENTÁVEL.

□A tribuna do júri popular teve em Cunha Neto, Manoel Vicente de Oliveira Mello, Alcides Munhoz Neto, Luiz Alberto Machado, Jerônimo de Albuquerque Maranhão e tantos outros, cujos nomes escapam à crônica ligeira de jornal, notáveis expressões. Sustentavam os libelos com veemência e ardor, mas não descambavam para a crítica

rasteira e insolente; para o vitupério e para calúnia e nem resvalavam pelos caminhos tortuosos da difamação e da injúria. Talvez por possuírem mais experiência e idade, agiam com maior sobriedade.

□Os órgãos superiores do Ministério Público deverão agir. Não é possível que alguns agentes do parquet percam a cabeça e passem a fazer graves afirmações, assim, como se a tribuna que ocupam fosse um cepo de magarefe aonde pudessem retaliar a honra alheia, sem o menor temor e sem a mínima compostura.

□A acusação deve ser sóbria e elegante. É dever do Promotor falar para os Jurados e não para os espectadores. Eles é que irão julgar e suas mentes não devem ficar ao sabor do exibicionismo e das frases estudadas ou dos sinônimos de efeito. Roberto

Lyra, - que foi um dos grandes Promotores Públicos deste País, - escreveu e escreveu com autoridade que "não bastam poses, gestos, adjetivos, imagens que espumejam na admiração superficial e transitória de um público automatizado" porque "a fluência sem substância é diarréia verbal que não ofende apenas o olfato intelectual.

□O debate não pode e não deve transformar o verbo em verbalismo porque na altura em que se colocar o órgão acusador deve, também, postar-se o defensor.

□A nenhum e nem a outro, entretanto, é prudente ou é recomendável o linguajar alicantino e muito menos acusações pessoais, pois, as razões do réu é que estão em jogo e não as antipatias recíprocas que possam existir ou aparecer durante os trabalhos.

□O promotor que ataca

o advogado ou o advogado que acusa o promotor podem produzir espalhafatos, mas nunca sincera imputação e muito menos honesta repulsa.

□Pedro Paulo Filho, em excelente livro, oferece a lição de que, modernamente, não se deve fazer da oratória forense uma peça "arrebataada de sentimento, às vezes até melodramática", mas, sim, compô-la de formas técnicas no processo de persuasão e sem o enveredamento pelo baixo do calão grosseiro.

□A beca não pode ser comparada à fresquice belbutina de quem se compraz ou possa ou possa comprazer-se em brutalizar o adversário usando da insolência e da irresponsabilidade.

□No Paraná, por exemplo, o Procurador Geral da Justiça, Olympio Sotomaior Neto, é uma extraordinária figura de homem de bem. É jovem

e dono de larga experiência, tanto, assim, que é o Chefe do Ministério Público. Cabe-lhe nobre missão de ensinar que a acusação tão necessária para sociedade quanto o também, a defesa que, portanto, os dignos Promotores que integram a instituição que preside devem agir com grandeza e respeito nunca da maneira como se vêm conduzindo alguns mais afortunados e os quais se esquecem da causa para censurar, agredir e conpurcar; violentar e abastardar; ofender e injuriar. Os que agem deste modo não dignificam as funções que exercem e nem elevam a veneranda entidade que pertencem!

Osmann de Oliveira, advogado e Procurador do Estado do Paraná

"A prisão é causa de crime, vício e loucura. Por isto costume dizer que, no concurso para promotor público, deve ser incluída uma prova - passar 24 horas numa prisão para saber o que é cadeia".

(Roberto Lyra - "Penitência de um Promotor")

Hora H #30 - Sem menção.

Hora H #31 - Sem menção.

Hora H #32 - Sem menção.

Hora H #33 - Sem menção.

Hora H #34 - Sem menção.

Hora H #35 - Sem menção.

Hora H #36 - Sem menção.

Hora H #37 – 20/12 a 26/12/1996

Edição comemora o vencimento do Esso e traz a reportagem “O Natal dos Malditos”.

LIBRARIAS GUINARES
BIBLIOTECA
CANDIDO LOPES, S/N - CENTRO
CURITIBA 01 35
RS 2,00

ANO 01 Nº 37

PRÊMIO ESSO DE JORNALISMO

hora H



GUIA DA TEVÊ

Programe-se

dez 16 | sex 20 | sáb 21 | dom 22 | seg 23 | ter 24 | qua 25 | qui 26

GRÁTIS: VOCÊ ANUNCIA E NÃO PAGA OS CLASSIFICADOS QUE TÊM DE TUDO ESTÃO NAS PÁGINAS 48 A 55

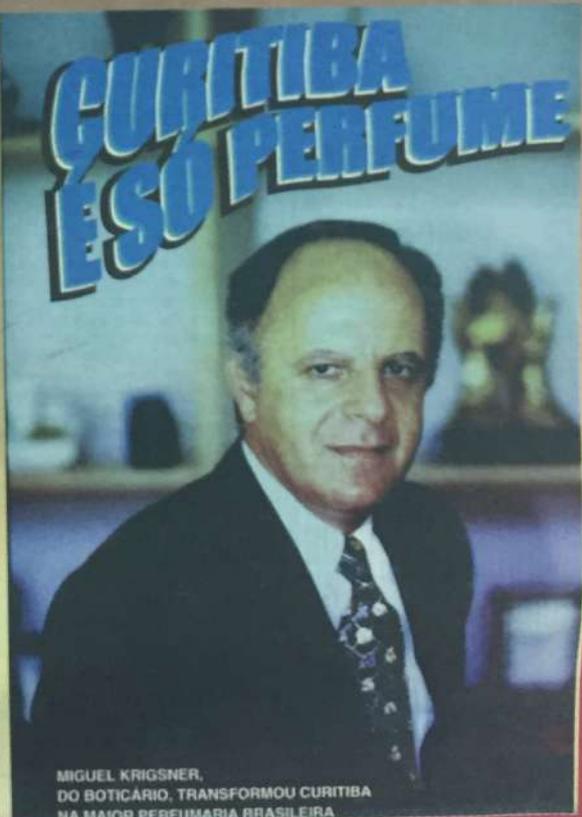
MULHER

AUMENTA O NÚMERO DE MULHERES ASSASSINADAS EM CURITIBA

A ESCALADA DA MORTE VIOLENTA

AS BRUXAS DE GUARATUBA

O NATAL DOS MALDITOS



MIGUEL KRIGSNER, DO BOTICÁRIO, TRANSFORMOU CURITIBA NA MAIOR PERFUMARIA BRASILEIRA



PRÊMIO ESSO. 26 ANOS DEPOIS

O **Hora H** TRAZ PARA O PARANÁ O PRÊMIO ESSO DE JORNALISMO, COM A SÉRIE AS BRUXAS DE GUARATUBA. O ÚLTIMO ESSO DE JORNALISMO FOI CONSEGUIDO EM 1970.

UMA DA 9 REPORTAGENS SOBRE O CRIME QUE ABALOU O PARANÁ

O PRÊMIO
ESSO DE
JORNALISMO
É NOSSO.

GRANDE,
VANIA

Assinaturas: 100 mil exemplares...
Redação: Rua...
Fone: (11) 223-1122

PEQUENAS NOTAS, GRANDES PROBLEMAS

Uma pequena nota, no interior fulvo da dia-
lética, em sábado. Ao jornal Folha de
São Paulo, provoca uma enorme explosão e
que atinge o período equinocial do mundo
destrutiva, com uma dose de choque que
atinge o liberal de ontem e o socialista de
hoje.

No segundo dia, dia 16, o noticiário produzido pela
redação de ontem se materializa na forma de um
português "trocista" na página 1, onde, sem
diferenciar qual seria o conteúdo do artigo, descrevem
o "sistema de controle não compreensivo e
injusto" da imprensa, como se fossem
alguém mais próximo de Deus e "verdadeiro".
Segundo os leitores nos bastidores, o primeiro dia
deve ter sido produzido por uma equipe de
jornalistas, e não por um único jornalista.

O HOMEM QUE NOCAUTEOU REQUIÃO

O empresário Carlo Franz, dono do Dia de
Voz, de propriedade da família de Renato da Silva,
foi acusado de ter cometido um crime de
dolo. Apesar de ser um homem de bem,
Franz acabou sendo preso e detido em
carceres de Curitiba. O episódio aconteceu
em 1992, quando Franz estava em Curitiba,
fazendo negócios com o governador
Adolfo Bevilacqua, na época. Franz era amigo
de Bevilacqua. Franz também ajudou o governo
de Bevilacqua a combater a greve dos
professores. Franz também ajudou o governo
de Bevilacqua a combater a greve dos
professores.

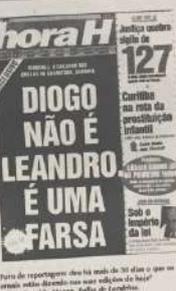


Paraná ganha Prêmio
Esso 26 anos depois

Depois de um jejum de 26 anos - o
último prêmio atribuído pelo Estado
foi em 1970, com o jornal O Estado
de Paraná - o Prêmio Esso de Jornalismo
de 1994, atribuído ao jornal O Estado
de Paraná, teve uma reportagem produzida
em 1968 em Curitiba, na mesma época em
que Esso lançou, no Brasil, o prêmio
Esso de Jornalismo.

A série de reportagens que levou o
Estado de Paraná a ganhar o Prêmio Esso
de Jornalismo de 1994, foi produzida
pelo jornalista Diogo de Castro, então
colunista do jornal O Estado de Paraná.
Diogo de Castro, então colunista do
jornal O Estado de Paraná, produziu
uma série de reportagens que levaram
o jornal a ganhar o Prêmio Esso de
Jornalismo de 1994.

Diogo de Castro, então colunista do
jornal O Estado de Paraná, produziu
uma série de reportagens que levaram
o jornal a ganhar o Prêmio Esso de
Jornalismo de 1994.



Diogo de Castro, então colunista do jornal O Estado de Paraná, produziu uma série de reportagens que levaram o jornal a ganhar o Prêmio Esso de Jornalismo de 1994.

Paraná ganha Prêmio Esso 26 anos depois

Depois de um jejum de 26 anos - o último prêmio obtido pelo Estado foi em 1970 - **hora H** traz para o Paraná o Prêmio Esso de Jornalismo. O Prêmio Esso deste ano foi, segundo registra o jornal O Estado de S. Paulo, um dos laureados, o mais concorrido desde a sua criação, há 41 anos. A série de reportagens de **hora H**: "As Bruxas de Guaratuba", da jornalista Vania Mara Welte, venceu na categoria Regional Sul, derrotando os finalistas: "Sobreviventes do Contestado", do "Diário Catarinense", de Florianópolis e "A Irmandade do Crime", do Zero Hora, de Porto Alegre.

O prêmio concedido a **hora H**, veículo com apenas 8 meses de existência, formato tablóide, consagra um projeto editorial que se firmou em um período muito curto. O sucesso e a ousadia da proposta de **hora H** foi enfatizada em menção especial pela comissão de seleção do Prêmio Esso que o considerou, na correspondência comunicando a inclusão da série de reportagens "As Bruxas de Guaratuba" entre os finalistas, como um dos mais arrojados projetos editoriais do país.

SÉRIE REABRIU O CASO DAS "BRUXAS"

A série de reportagens "As Bruxas de Guaratuba", investigou o mais rumoroso crime da história do Paraná: a suposta morte do menino Evandro Ramos Caetano, que teria ocorrido em um ritual de magia negra no balneário de Guaratuba em 1992.

O crime, que provocou comoção nacional pela brutalidade, envolvimento de pessoas de importante posição social de alguns acusados, denúncias de confissões obtidas sob torturas, foi esquadrihado em seus mais íntimos bastidores por **hora H** que acabou provocando a reabertura do caso, tantas e tais dúvidas sobre a apuração e equívocos na ação policial foram evidenciados pelas matérias.

A série de reportagens interferiu ainda na condução dada pela polícia a um evento atual: a identificação do menino Diogo, dada pela polícia como sendo Leandro Bossi, outra criança desaparecida em 1992 em Guaratuba, na mesma época que Evandro Caetano, foi contestada por

instituição do Prêmio, o jornal O Estado do Paraná venceu o Esso, com reportagem do jornalista Percival Charqueti. Em 1966 o Prêmio foi para o extinto Diário do Paraná, para uma reportagem do jornalista Mauro Ticianelli. Em 1969, novamente o Diário do Paraná ganhou o Prêmio com reportagem do jornalista Paulo Marins. Finalmente, em 1970, a revista Panorama ganhou o Prêmio com matéria do jornalista Aramis Millarch.

Além dos 4 prêmios Esso de reportagem, o Paraná teve 2 prêmios Esso de fotografia, concedidos a Edson Jansen (O Estado do Paraná) e Mário Nunes (Diário do Paraná).

JÚRI EXAMINOU 943 TRABALHOS

Para chegar aos vencedores, premiados no último dia 17 no Hotel Inter Continental, no Rio de Janeiro, a comissão de seleção examinou 943 trabalhos editados em 134 jornais e revistas de todo o Brasil, entre os quais 645 reportagens, séries de reportagens ou artigos; 181 trabalhos de criação gráfica; e 117 trabalhos fotográficos. Em uma primeira triagem, 11 jornalistas selecionaram os três trabalhos finalistas de cada uma das 12 categorias do prêmio.

Os trabalhos que disputaram as 12 categorias do Prêmio Esso foram analisados por cinco jurados: Hélio Campos Mello ("IstoÉ"), Ruth de Aquino ("O Dia"), Merval Pereira ("O Globo"), Aluísio Maranhão ("O Estado de S. Paulo") e Murilo Felisberto (DPZ). A seleção inicial, entre centenas de trabalhos, foi feita por outro júri: Rui Xavier ("O Estado de S. Paulo"), Paulo Motta ("Jornal do Brasil"), Luís Fernando Gomes ("O Dia"), Murilo Felisberto (DPZ), Renato Maurício Prado ("O Globo"), Ari Schneider ("Imprensa"), Heloisa Magalhães ("Gazeta Mercantil"), Orlando Brito ("Veja"), Lauro Jardim ("Exame"), Mauro Meurer ("diário Catarinense") e Domingos Fraga ("IstoÉ").



"Furo de reportagem: deu há mais de 30 dias o que os jornais estão dizendo nas suas edições de hoje"
Luiz Geraldo Mazza, Folha de Londrina.

hora H em manchete com o título: "Diogo não é Leandro. É uma farsa". Exames de DNA feitos no menino revelaram o novo equívoco da polícia e acerto do jornal.

PRÊMIO É O 5º DO PARANÁ EM 41 ANOS

O Prêmio Esso obtido por **hora H** com a série de reportagens "As Bruxas de Guaratuba", assinada pela jornalista Vania Mara Welte, é o quinto que o Estado obtém nos 41 anos da existência do Esso.

Em 1956, dois anos depois da

AS BRUXAS DE
GUARATUBA

O NATAL DOS MALDITOS



Marcineiro e Vicente penduram os enfeites de natal.

Depois de viver quase cinco anos longe de qualquer alegria, os sete acusados do suposto assassinato do pequeno Evandro Caetano, em ritual de magia negra, na cidade de Guaratuba, em 1992, estão revivendo as alegrias do Natal em família. Eles lamentam apenas as mortes de pessoas queridas da família de cada um deles. "Morreram sufocadas pela dor da humilhação, da vergonha e de indignação pela injustiça", reforça Oswaldo Marcineiro, um dos acusados.

Vicente de Paula Ferreira - também acusado - e Marcineiro perderam, respectivamente, a mãe e o pai. Ambos foram impedidos de sair da prisão, onde ficaram por mais de quatro anos e meio, para ir ao enterro deles.

AS BRUXAS DE GUARATUBA

EXCLUÍDOS TRANSFORMAM O SONHO EM REALIDADE

"Não deixaram eu ver minha mãe pela última vez. Foi uma dor tão forte que chegava a sufocar", relata Vicente. Ele lembra estes anos passados na penitenciária.

"Foram anos de dor, de lágrimas, desespero e de muita saudades de todos e de tudo", afirma Para Marcineiro, o Natal ainda traz seqüelas. O pai dele, Eduardo Marcineiro, morreu aos 75 anos no dia 24 de dezembro de 94. "Eu não pude vê-lo. Não me deixaram sair para o enterro, acredito", questiona indignado.

Depois tenta se conformar e se confortar, lembrando que o sofrimento do pai teve fim. "Deixou de sofrer porque o filho estava preso injustamente", destacou. Junto com Oswaldo Marcineiro e Vicente de Paula Ferreira, também são acusados do suposto crime de Guaratuba, Celina e Beatriz Abagge, David dos Santos, Airton Bardelli e Sérgio Cristhofolini.

RENOVAÇÃO

Agora, eles querem deixar de lado o passado e se voltar mais para o presente, se agarrando na esperança de um futuro melhor, "com liberdade e justiça para todos", diz Vicente. Ele assegura que este Natal será inesquecível. "Vou fazer, junto com a minha família, um Natal sensacional. O presente será a presença de cada um ao lado do outro", explicou.

Já, Marcineiro, afirma que colocou todas as suas esperanças neste Natal. "Será o da ressurreição, porque voltei a acreditar na vida, na justiça, nas pessoas", confessa. Fazendo apenas trabalhos manuais, eles não podem obter renda para comprar presentes para os filhos e parentes. "Mas estarmos todos juntos é o nosso melhor presente", se conforma.

por Vania Mara Wolke

Era uma vez seis irmãos. Eles estavam perdidos, infelizes e nem se conheciam. Viviam separados um do outro e longe da mãe e do pai. Mas no meio do caminho, tinha um outro menininho também infeliz, chamado Leandro Bossi, que um dia tinha sido seqüestrado, em Guaratuba, uma cidade à beira-mar. "Numa brincadeira do destino", as vidas deles se cruzaram e "os irmãos infelizes se encontraram e viveram juntos e felizes para sempre", como nas histórias de contos de fada.

Mas na história da vida real, confundiram um dos irmãos, Diogo Rodrigo Moreira, com o garotinho seqüestrado da cidade à beira-mar. Esperto, Diogo fingiu que era Leandro e enganou as populações das cidades, dos Estados e do país. "Só pra ter uma casa, com mãe, pai, irmãos e ser feliz", explicou depois que a confusão ficou desteita. Mas foi graças a sua inocente busca da felicidade que, neste Natal de 96, Diogo e seus irmãos vão ter mais que uma casa. Vão ter um Natal em família.

O RETORNO

Nesta semana, o detetive do Bureau Internacional de Busca a Crianças Desaparecidas (Interbreut), Walmir Battú, conseguiu enviar mais dois irmãos de Diogo para a mãe deles, Ângela Regina Moreira, que mora em Ilacoatiara, no Amazonas, e que tinha um único sonho

na vida, o de juntar todos os filhos e viver com eles para sempre.

Ângela ficou conhecida em todo o país ao ser localizada, em Ilacoatiara, pelo detetive Walmir Battú. Ele a trouxe para reconhecer Diogo, que estava sendo apresentado, em Curitiba, como Leandro Bossi, o filho desaparecido do pescador João Bossi e de Paulina Bossi. Ângela desfez o equívoco e ganhou na Justiça o direito de levar e ficar com o próprio filho perdido, por causa da violência doméstica, da qual fugiu, um dia, em desespero.

FÚRIA PATERNA

Antes de regressar ao Amazonas, Ângela ainda foi visitar os pais que moram em Santa Catarina com o seu filho mais velho, Jean Moreira, hoje com 12 anos de idade. Ele nasceu quando Ângela tinha apenas 16 anos. Indignados, os pais dela ficaram com a criança, afirmando que ela não tinha juízo para cuidar do próprio filho.

"Foi a maior dor que eu sofri. Maior do que esta, só o sofrimento da morte de um de meus filhos, Tiago, e depois também quando vi meus outros filhos judiados e perdidos por aí. Pensava que estavam seguros e bem com o pai deles (Aguinaldo Santana), que eu abandonei porque não agüentava mais ser surrada todos os dias", explicou.

UM NATAL COMO NUNCA

Depois de tanto sofrer,

Ângela preparou o melhor Natal para seus filhos. "Já comprei e montei uma bela árvore verde, enfeitada com bolas coloridas e muitas luzinhas, que acendem e apagam, como eles nunca tiveram", ressalta Ângela. E mais ainda, pela primeira vez, eles vão estar todos juntos com a mãe, e dois deles, também com o pai, o atual companheiro dela, Valdecir Menezes, na mesma casa.

"Uma casa preparada com esmero e dedicação", conta a ex-patroa e melhor amiga de Ângela, Valdete Maria da Silva Holanda, que a ajuda em tudo que pode. Valdete também destaca o caráter do atual companheiro de Ângela, "Valdecir é uma pessoa fantástica, de grande generosidade. As crianças gostam muito dele, o respeitam e o obedecem", atesta.

Juntos, Ângela e Valdecir, já compraram camas e beliches para acomodar as crianças: Amanda (dois anos), Leandro (três), Leticia (cinco), Anderson (oito), e Diogo (10). Somente Jean, ainda ficará separado deles, com os avós em Santa Catarina. Pensando no tempo de lazer em família, o casal adquiriu também móveis para a sala de visitas, uma televisão e uma antena parabólica. "Vamos ter mais do que um Natal feliz. Vamos ter uma vida feliz", promete Ângela.

O NATAL DOS SONHOS DAS CRIANÇAS

Mal acreditando que podem contar neste Natal com a presença da mãe, da tia e da avó em casa, as crianças da família Abagge fazem festa antecipada. E cada detalhe natalino acrescentado à casa é "um acontecimento" a ser comemorado. Beatriz, mãe e tia, e Celina Abagge, mãe e avó, também são acusadas do suposto crime de Guaratuba. Apesar da alegria das

crianças, o casal de gêmeos, filhos de Beatriz, têm momentos de inquietação. Eles ainda sentem medo de ver, de um momento para outro, a mãe e a avó desaparecerem, sob violência, de dentro da casa. "É um trauma que ainda não superaram", explica Sheila, filha de Celina, e que ficou tomando conta dos filhos de Beatriz, durante os quase cinco anos de cativeiro da mãe e da mãe.

CENA DE NATAL

Na sala de visitas, a árvore de Natal foi enfeitada num trabalho coletivo e as luzes foram acesas sob os aplausos dos pequenos. No centro dos acontecimentos, Celina e Beatriz, que não tinham Natal há quase cinco anos, recebem o carinho de todos os membros da família, que ainda se rememora da morte do patriarca, o ex-prefeito Aldo Abagge. Mas as perdas foram maiores. Celina também perdeu o pai e alguns parentes, que sucumbiram ao sofrimento.

Ganhando forças no amor das próprias crianças, a família Abagge vai se reunir e festejar o nascimento de Cristo. Na adversidade, os Abagge se fizeram mais solidários e amigos. Para eles, este Natal é muito especial. Estão todos juntos, ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Uma cena que não acontecia há muito tempo.



Amanda e Leticia vão ao encontro de Diogo.